

TEMOR E TREMOR

Prólogo

O que Tarquínio o Soberbo pretendia designar com as papoulas do seu jardim, compreendeu-o o filho, não o mensageiro.

Hamann

Processa-se nesta época uma verdadeira liquidação que tanto exige o mundo das idéias como o mundo dos negócios. Tudo se obtém por preços tão irrisórios que cabe perguntar se, depois, haverá ainda comprador. O árbitro da especulação muito conscienciosamente aplicado em assinalar as etapas mais significativas da evolução da filosofia, o professor, o mestre de estudos, o estudante e enfim o filósofo, amador ou formado, não ficam na dúvida radical — vão ainda mais longe. Intempestivo seria, sem dúvida, perguntar-lhes aonde esperam chegar, mas dar-se-á prova de honesta cortesia aceitando como certo que de tudo duvidaram, pois, de outra maneira, seria estranho dizer que vão mais longe. Todos eles realizaram esse ato prévio e, segundo as aparências, com tanto maior facilidade que não acham necessário dar uma breve explicação. Em vão se busca, com minucioso cuidado, uma pequena luz, um ligeiro indício, a mais simples prescrição dietética sobre a conduta que se deve seguir nesta imensa tarefa. *Mas alguma vez o fez Descartes?* Deste pensador venerável, humilde e leal, ninguém deixará de ler os escritos com a mais profunda emoção; Descartes fez o que disse e disse tudo o que fez. Ah! Ah! Eis uma coisa pouco comum em nossos dias! Descartes não duvidou em matéria de fé, como ele próprio se não cansa de repetir em vários passos: *Não devemos ser tão presumidos que acreditemos que Deus nos tenha querido dar parte das suas resoluções . . . Teremos, sobretudo, como regra infalível, que aquilo que foi revelado por Deus é incomparavelmente mais certo do que todo o resto, para que, no caso de uma centelha de razão nos parecer sugerir idéia contrária, estejamos prontos a submeter o juízo ao que venha da sua parte . . .* (*Princípios de Filosofia*, Primeira parte, §§ 28 e 76).

Não impôs a todos obrigação de duvidar, nem proclamou a sua filosofia com veemência porque era um pensador tranquilo e solitário e não um guarda noturno encarregado de dar alarme. Modestamente, confessou que o seu método só para si tinha importância, e que de algum modo o concebera em virtude da

confusão dos seus conhecimentos anteriores. *O meu propósito não consiste aqui em ensinar o método que cada um deve seguir para bem dirigir a razão, mas sim mostrar apenas de que modo consegui dirigir a minha. . . Logo que terminei o curso de estudos com que é costume ser-se recebido na classe dos doutos, mudei inteiramente de opinião, pois vi-me tão embaraçado com dúvidas e erros que me pareceu não ter obtido outro proveito, ao tratar de me instruir, senão descobrir cada vez mais a minha ignorância (Discurso do Método, Primeira parte).* Disto fizeram os gregos antigos, algum tanto conhecedores de filosofia, tarefa para toda a vida, porque a prática da dúvida não se adquire assim em poucos dias ou escasas semanas. Tal era o *terminus* a que chegava o velho lutador já retirado dos combates, depois de haver guardado o equilíbrio da dúvida entre manhas e astúcias, de haver negado infalivelmente a certeza dos sentidos e do pensamento, de haver enfim desafiado, sem fraqueza, os tormentos do amor-próprio e as insinuações da simpatia — tarefa que a todos e para todos serve de iniciação.

Ninguém hoje se detém na fé — vai-se mais longe. Passarei, sem dúvida, por néscio se me ocorrer perguntar para onde por tal rumo se caminha. Mas, com certeza, darei prova de correção e cultura admitindo que cada um tem fé, pois do contrário seria singular dizer que se vai mais longe. Não sucedia assim antigamente; era então a fé um compromisso aceite para a vida inteira; porque, pensava-se, a aptidão para crer não se adquire em poucos dias, ou escasas semanas. Quando, depois de ter combatido em luta leal e conservado a fé, o velho lutador experimentado chegava ao ocaso da vida, o coração mantinha suficiente juventude para não esquecer o tremor e a angústia que o tinham disciplinado enquanto jovem e que o homem maduro havia dominado, porque daqueles ninguém se livra inteiramente a menos que consiga ir mais longe desde muito cedo. O *terminus* onde chegavam essas veneráveis figuras é hoje o ponto de partida para cada um ir mais longe.

O presente autor de nenhum modo é um filósofo. Não compreendeu nenhum sistema da filosofia se é que algum existe ou esteja concluso. O seu débil cérebro assusta-se já bastante ao pensar na prodigiosa inteligência que é necessária a cada um, sobretudo hoje, quando toda a gente estadeia tão prodigiosos pensamentos! Embora se possa formular em conceito toda a substância da fé, não resulta daí que se alcance a fé, como se a penetrássemos ou ela se houvesse introduzido dentro de nós. O presente autor de nenhum modo é filósofo. É sim, *poetice et eleganter*, um amador que nem escreve sistema nem *promessas* de sistema; não caiu em tal excesso nem a ele se consagrou. Para ele, escrever é um luxo suscetível de ganhar tanto mais significação e evidência quanto menos leitores e compradores tiver para as suas obras. Não tem dúvidas quanto ao seu destino numa época em que se põe de lado a paixão para servir a ciência, época em que o autor que aspira a ser lido deve ter a precaução de escrever um livro fácil de folhear à hora da sesta e o cuidado de se apresentar com a cortesia daquele jardineiro do anúncio, que, com o chapéu na mão e o certificado do último a quem servira, se recomenda ao respeitável público. O autor prevê a sua sorte, passará completamente despercebido. Adivinha com terror que a crítica invejosa o obri-

gará a dar-lhe com um fueiro. Mais ainda: treme ao pensar que algum zeloso escriba, algum glutão de parágrafos (sempre pronto, para salvar a ciência, a tratar a obra alheia como Trop fazia em face de *A Destruição do Gênero Humano* para *salvar o gosto*), treme ao pensar que tal censor — inflexível como aquele homem que, para satisfazer a ciência da pontuação, dividia o seu discurso contando as palavras: trinta e cinco até o ponto e vírgula, cinquenta até o ponto final — o desfaça em parágrafos. Inclino-me com profunda submissão diante de todo chicaneiro sistemático. “Não é sistema, isto nada tem que ver com o sistema. Desejo-lhe toda a felicidade possível, tal como a todos os dinamarqueses interessados pelo ônibus, porque jamais será uma torre o que eles elevarão. A todos e a cada um em particular desejo êxito e boa sorte.”

Muito respeitosamente
JOHANNES DE SILENTIO¹

Let $\mathcal{A}$ be a $\mathcal{C}^*$ -algebra. A $\mathcal{C}^*$ -algebra is a normed vector space $\mathcal{A}$ over $\mathbb{C}$ with a multiplication $\cdot$ and an involution $*$ satisfying the following properties:

- $\|x\| \geq 0$ and $\|x\| = 0$ if and only if $x = 0$.
- $\|x + y\| \leq \|x\| + \|y\|$.
- $\|\lambda x\| = |\lambda| \|x\|$ for $\lambda \in \mathbb{C}$.
- $\|xy\| \leq \|x\| \|y\|$.
- $\|x^*\| = \|x\|$.
- $\|xx^*\| = \|x\|^2$.
- $\|x^*x\| = \|x\|^2$.
- $\|x^*y\| \leq \|x\| \|y\|$.
- $\|x^*y\| \leq \|x\| \|y\|$.

The norm $\|\cdot\|$ is called the $\mathcal{C}^*$ -norm. The involution $*$ is called the adjoint operation. The multiplication $\cdot$ is called the product. The normed vector space $(\mathcal{A}, \|\cdot\|)$ is called a $\mathcal{C}^*$ -algebra. The normed vector space $(\mathcal{A}, \|\cdot\|)$ is called a $\mathcal{C}^*$ -algebra. The normed vector space $(\mathcal{A}, \|\cdot\|)$ is called a $\mathcal{C}^*$ -algebra.



Atmosfera

Era uma vez um homem que tinha ouvido, na sua infância, a formosa história de Abraão, que, posto à prova por Deus, vencida a tentação sem perder a fé, recebia, contra toda a expectativa, o seu filho pela segunda vez. Na maturidade, releu a narrativa e desta vez com acrescida admiração, porque a vida havia separado aquilo que a infância, com piedosa simplicidade, unira. À medida que ia envelhecendo, o pensamento retomava mais por miúdo a história e com redobrada paixão; todavia compreendia-a cada vez menos. Acabou por esquecer tudo o mais fixando na alma um só desejo: ver Abraão; e um só pesar: o não ter sido testemunha do acontecimento. Não aspirava a contemplar os belos países do Oriente, nem as maravilhas da terra prometida, nem o piedoso par cuja velhice fora bendita por Deus, nem a figura venerável do patriarca farto de dias, nem a exuberante juventude de Isaac, oferecido, como um presente, pelo Eterno: o mesmo pudera suceder em qualquer estéril páramo; não via aí qualquer objeção. Quisera ter participado na viagem dos três dias, quando Abraão, montado no seu burro, seguia com a tristeza em frente e Isaac ao lado. Quisera estar presente no instante em que Abraão, ao erguer os olhos, viu ao longe a montanha de Moriça, no instante em que despediu os burros e trepou a encosta, sozinho com o filho — porque estava preocupado, não por engenhosos artificios da imaginação, mas pelos temores do pensamento.

Este homem não era, aliás, um pensador. Não sentia o mínimo desejo de ir além da sua fé. Parecia-lhe ser destino mais belo a posteridade vir a chamar-lhe o pai da fé, e considerava-se digno de inveja possuí-la, ainda quando ninguém de tal suspeitasse.

Este homem não era um sábio exegeta pois nem sequer conhecia o hebreu. Se o tivesse podido ler, então teria, sem dúvida, compreendido facilmente a história de Abraão.

I

E Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: toma o teu filho, o teu único filho, aquele que amas, Isaac; vai com ele ao país de Moriça e, ali, oferece-o em holocausto sobre uma das montanhas que te indicarei.

Era de manhãzinha. Abraão levantou-se, albardou os burros, deixou a sua casa com Isaac, enquanto da janela Sara os via descer pelo vale até se perderem de vista. Caminharam em silêncio durante três dias. Na manhã do quarto dia, Abraão continuou sem dizer palavra, mas, erguendo o olhar, viu ao longe os montes de Moriija. Despediu então os servidores e, tomando Isaac pela mão, trepou pela montanha. E Abraão dizia para si: *Não posso mais ocultar-lhe aonde conduz este andar*. Deteve-se, pousou a mão sobre a cabeça do filho para o abençoar e Isaac inclinou-se para receber a bênção. O rosto de Abraão era o de um bom pai: o olhar doce e a voz exortavam. Mas Isaac não podia compreendê-lo; a sua alma não lograva elevar-se tão alto; abraçou os joelhos de Abraão, rojou-se-lhe aos pés, pediu-lhe piedade, implorou pela sua juventude e pelas mais doces esperanças, falou das alegrias da casa paterna, evocou a tristeza e a solidão. Então Abraão levantou-o, pegou-lhe na mão e caminhou e a sua voz exortava e consolava. Mas Isaac não podia compreendê-lo. Abraão subiu a montanha de Moriija: Isaac não o compreendia. Foi então que, tendo-se afastado um pouco do filho, Isaac lhe tornou a ver o rosto, desta vez alterado, o olhar feroz, as feições aterradoras. Agarrou Isaac pelo peito, deitou-o por terra e disse-lhe: *Estúpido! Supões que sou teu pai? Sou um idólatra! Crês que obedeco às ordens de Deus? Faço o que me apetece!* Então Isaac fremente e com grande angústia, gritou: *Deus do Céu? Tem piedade de mim! Deus de Abraão, tem piedade de mim, sê meu pai, porque já não tenho outro na Terra!* Mas Abraão ciciava: *Deus do Céu, dou-te graças. Vale mais que me julgue um monstro do que perca a fé em ti.*

Quando chega o tempo do desmame, a mãe enegrece o seio, porque manter o seu atrativo será prejudicial ao filho que o deve abandonar. Assim ele acredita que a mãe mudou, embora o coração dela continue firme e o olhar conserve a mesma ternura e amor. Feliz aquele que não tenha de recorrer a meios ainda mais terríveis para desmamar o seu filho!

II

Era de manhãzinha. Abraão levantou-se, abraçou Sara, companheira da sua velhice, e Sara deu um beijo a Isaac, que a havia preservado do escárnio e era seu orgulho e esperança para toda a posteridade. Caminharam em silêncio. Abraão conservou o olhar obstinadamente fixo no solo até o quarto dia. Só então levantou os olhos e vendo no horizonte a montanha de Moriija, baixou-os de novo. Em silêncio preparou o holocausto e ligou Isaac; em silêncio puxou da faca; então viu o carneiro que Deus provera. Sacrificou-o e regressou... A partir desse dia Abraão envelheceu; não pôde esquecer aquilo que Deus lhe exigira. Isaac foi crescendo, mas os olhos de Abraão haviam perdido o brilho; nunca mais tornou a ver a alegria.

Quando o menino, já crescido, tem de ser desmamado, a mãe, pudicamente, oculta o seio e o menino já não tem mãe. Feliz o filho que não perdeu a mãe de outro modo!

III

Era de manhãzinha. Abraão levantou-se, deu um beijo a Sara, e Sara deu um beijo a Isaac, suas delícias, sua eterna alegria. E Abraão, montado no burro, seguiu pensativo. Meditava em Agar e no filho que abandonara no deserto. Subiu a montanha de Moriia e puxou da faca.

A tarde estava tranqüila quando Abraão se achou sozinho em Moriia. Rojou-se na terra e pediu perdão a Deus pelo seu pecado, perdão por ter querido sacrificar Isaac, perdão por ter esquecido o dever paternal para com o filho. Tomou, de novo, com mais frequência o solitário caminho da montanha, mas não encontrou repouso. Não podia conceber que pecara por ter querido sacrificar o seu mais precioso bem, por quem teria oferecido a vida mais de uma vez; e, se pecara, se nunca amara Isaac a tal ponto, não podia compreender como merecer o perdão de Deus — haverá, com efeito, mais horrível pecado do que o seu?

Quando chega o tempo do desmame, a mãe fica triste pensando que ela e o filho se irão separar; que o menino, a princípio sob o seu coração e depois embaçado no seio, nunca mais se encontrará tão perto dela. E juntos sofrerão esta curta pena. Feliz aquele que conservou o filho tão perto do seu coração e não teve outro motivo de desgosto!

IV

Era de manhãzinha. Tudo estava pronto para a partida em casa de Abraão. Despediu-se de Sara, e Eliezer, o fiel servidor, seguiu-o pelo atalho até o momento em que Abraão lhe ordenou o regresso. Depois, em completa concordância, Abraão e Isaac caminharam juntos até a montanha de Moriia. Cheio de paz e doçura, Abraão fez os preparativos do sacrifício, mas, quando se voltou para puxar da faca, viu Isaac que a mão esquerda do pai se crispava de desespero, que um arrepio lhe sacudia o corpo e contudo Abraão puxou da faca.

Regressaram então a casa. Sara precipitou-se ao encontro de ambos. Isaac, porém, já não tinha fé. Nunca de tal coisa se falou no mundo, nem Isaac disse a alguém aquilo que presenciara, nem Abraão suspeitou de que alguém o vira.

Quando chega o tempo do desmame, recorre a mãe a alimentação mais forte para evitar a morte do filho. Feliz aquele que dispõe de alimento forte!

Assim, e também de outros distintos modos, refletia sobre este acontecimento o homem de quem falamos. De cada vez que regressava da montanha de Moriia a casa, consumia-se de debilidade, juntava as mãos e exclamava: *Então não há ninguém com a estatura de Abraão, ninguém capaz de o compreender?*

Elogio de Abraão

Se o homem não possuísse consciência eterna, se um poder selvagem e efervescente produtor de tudo, grandioso ou fútil, no torvelinho das paixões obscuras, existisse só no fundo de todas as coisas; se sob elas se escondesse infinito vazio que nada pudesse encher, que seria da vida senão o desespero? Se assim fosse, se um vínculo sagrado não cingisse a humanidade; se as gerações se não renovassem como se renovam as folhas das florestas; se umas atrás das outras se fossem extinguindo como o canto dos pássaros nos bosques, atravessando o mundo como a nave o oceano, ou o vento o deserto estéril e cego; se o esquecimento eterno, sempre esfomeado, tivesse força suficiente para lhe arrebatara a presa espiada, quão vã e desoladora seria a vida! Mas tal não é o caso. Do mesmo modo que formou o homem e a mulher também Deus formou o herói, o poeta ou orador. O poeta não pode cumprir aquilo que o herói realiza: só lhe resta admirá-lo, amá-lo e rejubilar com ele. Entretanto não é menos favorecido do que este porque o herói é, por assim dizer, o melhor de si mesmo, aquele de quem está enamorado, feliz por não ser herói, para que o seu amor seja feito de admiração. O poeta é o gênio da recordação. Nada mais pode fazer do que recordar; nada mais senão admirar o que foi cumprido pelo herói.

O poeta nada tira do seu próprio fundo, mas guarda ciosamente aquilo que lhe é entregue sob custódia. Segue a escolha do seu coração; encontrado o objeto da sua pesquisa, vai, de porta em porta, recitar os seus versos e discursos para que todos participem da sua admiração pelo herói e dele se orgulhem também. Tal é a sua atividade, sua humilde tarefa, seu leal serviço na mansão do herói. Se é fiel ao seu amor e luta noite e dia contra as emboscadas do esquecimento, ávido de lhe arrebatara o herói, uma vez enfim cumprida a sua missão, entra na sua companhia. E o herói ama-o também com amor igualmente fiel, porque também para ele, herói, o poeta é o melhor do seu ser, como débil recordação certamente, mas tão transfigurado como ele. Por isso não será esquecido daqueles que foram grandes. E, se é preciso tempo, se ainda as nuvens da incompreensão dissipam a figura do herói, virá todavia aquele que o amou e tanto mais fielmente se unirá a ele quanto maior for o seu atraso.

Não! Nada será perdido dos que foram grandes; cada um a seu modo e segundo a grandeza do objeto que *amou*. Porque aquele que se amou a si próprio foi grande pela sua pessoa; quem amou a outrem foi grande dando-se; mas o que amou a Deus foi o maior de todos. A história celebrará os grandes homens, mas

cada um foi grande pelo objecto da sua *esperança*: um engrandeceu-se na esperança de atingir o possível; um outro na esperança das coisas eternas — mas aquele que quis alcançar o impossível foi, de todos, o maior. Os grandes homens hão-de sobreviver na memória dos vindouros, mas cada um deles foi grande pela importância do que *combateu*. Porque aquele que lutou contra o mundo, foi grande triunfando do mundo, o que combateu consigo próprio foi grande pela vitória que alcançou sobre si — mas aquele que lutou contra Deus foi o maior de todos. Tal é a suma dos combates travados na Terra: homem contra homem, um contra mil; mas aquele que luta contra Deus é o maior de todos. Tais são os combates deste mundo: um chega ao termo usando da força, o outro desarma Deus pela sua fraqueza. Viu-se os que se apoiaram em si próprios de tudo triunfarem e os outros, fortes da sua força, tudo sacrificarem — mas o maior de todos foi o que acreditou em Deus. E houve grandes homens pela sua energia, sabedoria, esperança ou amor — mas Abraão foi o maior de todos: grande pela energia cuja força é fraqueza, grande pelo saber cujo segredo é loucura, pela esperança cuja forma é demência, pelo amor que é ódio a si próprio.

Pela fé Abraão abandonou a terra de seus maiores e foi estrangeiro na terra prometida. Abandonou uma coisa, a sua razão terrestre, por outra, a fé; se reflectisse no absurdo da viagem, nunca teria partido. Pela fé foi estrangeiro na terra prometida onde nada evocava o que amou, onde a novidade das coisas imprimia na alma a tentação dum doloroso arrependimento. Contudo ele era o eleito de Deus, aquele em que o Eterno se revia! Em boa verdade, se fosse deserdado, banido da graça divina, teria compreendido melhor esta situação que parecia escarnecê-lo e à sua fé. Também houve no mundo quem vivesse desterrado da pátria amada. Não foi esquecido, como não se esqueceram as suas queixas entretecidas ali onde ele, na sua melancolia, procurou e encontrou o que tinha perdido. Abraão não nos deixou lamentos. Condoer-se alguém e chorar com o que chora é humano, mas é maior o que crê e mais reconfortante ainda contemplar o crente.

Pela fé Abraão obteve a promessa de que todas as nações da terra seriam abençoadas na sua posteridade. Passava o tempo, mantinha-se a possibilidade e Abraão cria. Passou o tempo, tornou-se absurda a esperança, Abraão acreditou. Por ele se viu no mundo o que era ter esperança. Passou o tempo, a tarde atingiu seu ocaso, e este homem nunca teve a covardia de a renegar; por isso jamais será esquecido. Conheceu depois a tristeza, e a amargura, em vez de o decepcionar como a vida, fez por ele tudo o que pôde e, nas suas esperanças, deu-lhe a posse da sua enganada esperança. Conhecer a tristeza é humano, humano ainda é partilhar do desgosto dos aflitos, mas crer é mais reconfortante do que contemplar o crente. Abraão não nos deixou lamentos. Não contou tristemente os dias à medida que o tempo passava, não observava Sara inquieto para ver se os anos cavavam sulcos no seu rosto, não parou o curso do sol para impedir o envelhecimento de Sara e com ela sua esperança. Para apaziguar o desgosto não entoou a Sara um triste cântico. Tornou-se velho e Sara foi escarnecida na sua terra. Contudo era o eleito de Deus e o herdeiro da promessa de que todas as nações seriam abençoa-

das na sua posteridade. Não valera mais que não fosse o eleito de Deus e o herdeiro da promessa de que todas as nações seriam abençoadas na sua posteridade. Não valera mais que não fosse o eleito de Deus? Que significa ser o eleito de Deus? É ver recusado o desejo de juventude na primavera da vida, para só obter tal favor na velhice, depois de grandes dificuldades. Mas Abraão acreditou e guardou firmemente a promessa a que teria de renunciar se houvesse vacilado. Teria dito então a Deus: *Porventura não é da tua vontade que meu desejo se realize: renuncio ao meu voto, o único que contava para a minha felicidade; minha alma é reta e não guarda segredo rancor pela tua recusa.* Não teria sido esquecido por isso, muitos se teriam salvo pelo seu exemplo, mas nunca chegaria a ser o pai da fé. Porque é grande renunciar ao mais querido voto, mas maior ainda é mantê-lo depois de o ter abandonado. Grande é alcançar o eterno, mas maior ainda é guardar o temporal depois de a ele ter renunciado. Os tempos foram cumpridos. Se acaso Abraão não acreditasse, Sara morreria sem dúvida de desgosto, e ele, roído de tristeza, não compreenderia a graça, e dela teria sorrido como de um sonho de juventude. Mas Abraão acreditou e, por isso, se manteve jovem, porque aquele que espera sempre o melhor envelhece na decepção e o que aguarda sempre o pior mais depressa se gasta, mas o que crê conserva eterna juventude. Bendita seja, pois, esta história! Porque Sara, em avançada idade, foi ainda suficientemente jovem para desejar as alegrias da maternidade, e Abraão, apesar dos seus cabelos brancos, foi suficientemente jovem para desejar ser pai. À primeira vista o milagre parece consistir em o sucesso se verificar segundo a sua esperança, mas, no profundo sentido, o prodígio foi Abraão e Sara terem sido bastante jovens para desejar; foi a fé que manteve neles o desejo e, com ele, a juventude. Ele viu a satisfação da promessa e obteve-a pela fé e isso sucedeu em concordância com a promessa e segundo a fé: porque Moisés golpeou a rocha com a sua vara mas não acreditou.

Houve então alegria na casa de Abraão e Sara foi a esposa das bodas de ouro.

No entanto, esta felicidade não duraria muito; uma vez mais Abraão devia ser posto à prova. Tinha lutado contra esse manhoso poder a que coisa nenhuma escapa, contra o inimigo que, ao longo dos anos, não cessa de vigiar, contra o ancião que a tudo sobrevive, tinha, enfim, lutado contra o tempo e conservado a fé. *E Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: toma o teu filho, o teu único filho, aquele que amas, Isaac; vai com ele ao país de Moriá e, ali, oferece-o em holocausto sobre uma das montanhas que te indicarei.*

Estava tudo perdido. Oh! Desgraça terrível, maior ainda do que o desejo que nunca foi atendido! Assim o Senhor se divertia com Abraão! Eis que, depois de ter realizado milagrosamente o absurdo, queria agora ver sua obra reduzida a nada. Que loucura! Mas Abraão não se riu, como Sara, quando a promessa lhe foi anunciada. Setenta anos de fiel expectativa para tão curta alegria da fé satisfeita! Quem é, pois, aquele que arranca o bastão das mãos do ancião, quem é ele para exigir que o velho pai o quebre por si mesmo! Quem é ele, para tornar inconsolável um homem de cabelos brancos, exigindo-lhe que seja instrumento da própria infelicidade! Não há compaixão por tão venerável ancião nem pela ino-

cente criança! E no entanto Abraão era o eleito de Deus e era o mesmo Senhor que lhe infligia a provação. Tudo então se ia perder! O renome magnífico da raça futura, a promessa à posteridade de Abraão, tudo isso não passara de fugitivo clarão divino que ele devia apagar agora. Esse fruto magnífico tão antigo como a fé no coração do patriarca, e anterior em muitos anos a Isaac, esse fruto da vida de Abraão, santificado pela oração, amadurecido na luta, essa bênção nos lábios do pai, esse fruto, ia ser-lhe arrebatado e perder todo sentido: que sentido, na verdade, podia encerrar a promessa, quando se impunha sacrificar Isaac! Hora de tristeza essa, e ditosa apesar de tudo, em que Abraão levantando pela última vez a testa venerável, resplandecente como a do Senhor, deveria dizer adeus a tudo quanto amava, recolhendo o espírito para dar a bênção cuja virtude se prolongaria por toda a vida de Isaac — essa hora não chegaria nunca! Porque Abraão deveria dizer adeus ao filho, permanecendo cá embaixo; separá-los-ia a morte, mas fazendo de Isaac a sua presa. No leito de morte, o ancião não podia estender alegremente a mão ao filho para o abençoar, mas, cansado da vida, erguer o braço sobre ele em gesto assassino. E Deus punha-o à prova. Desgraça! Desgraça para o mensageiro portador de tal notícia. Quem ousava ser o emissário de tão grande desolação? Mas era Deus que o punha à prova.

Apesar de tudo Abraão acreditou e acreditou para esta vida. Se a sua fé se reportasse à vida futura, ter-se-ia, com facilidade, despojado de tudo, para sair prontamente dum mundo a que já não pertencia. Mas não era desta espécie a fé de Abraão, se acaso isso é fé. A bem dizer não se trata aí de fé, mas apenas de remota possibilidade que adivinha o seu objeto no horizonte longínquo, embora dele separado por um abismo onde se agita a desesperação. Mas a fé de Abraão era para esta vida; acreditava que iria envelhecer na sua terra, honrado e benquisto do seu povo, inolvidado pela geração de Isaac, o seu mais caro amor nesta vida, a quem abraçava com afeto tal que é insuficiente dizer que cumpria fielmente o dever de pai segundo o espírito do texto: *o filho a quem amas*. Jacó foi pai de doze filhos e só a um amou; Abraão teve somente um, aquele a quem amava.

Mas Abraão acreditou sem jamais duvidar. Acreditou no absurdo. Se tivesse duvidado, agiria de outro modo, teria mesmo realizado um ato magnífico. Acaso poderia ter feito outra coisa? Dirigir-se-ia à montanha de Moriá; partida a lenha, teria acendido a pira, puxado da faca e gritado assim a Deus: *Não menosprezes este meu sacrifício; de todos os meus bens não é este o mais precioso, bem o sei; que significa de fato a vida de um velho em comparação com a do filho da promessa? Mas é o melhor que posso oferecer-te. Faze com que Isaac nunca de tal se aperceba para que a juventude o conforte*. Depois enterraria a faca no próprio peito. O mundo tê-lo-ia admirado e nunca o seu nome seria esquecido; mas uma coisa é suscitar justa admiração e outra ser a estrela que guia e salva o angustiado.

Mas Abraão acreditou. Não rogou para enternecer o Senhor a seu favor; nunca se antecipou em súplicas senão quando o justo castigo desabou sobre Sodoma e Gomorra.

Lemos na Escritura: *E Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: Abraão,*

Abraão, onde estás? E Abraão respondeu: estou aqui! Tu, a quem o meu discurso se dirige, fizeste outro tanto? Não clamaste às montanhas escondi-me! e às vertentes desabai sobre mim quando viste chegar de longe os golpes do destino? Ou se foste mais forte, não te preguiçou o pé ao avançar pela boa senda? Não suspiraste ao recordar os antigos caminhos? E quando soou o momento da chamada, guardaste silêncio ou respondeste, talvez muito baixo, num murmúrio? Abraão, porém, não respondeu assim; alegre e corajosamente, pleno de confiança e em voz cheia exclamou: Aqui estou! — Lê-se ainda e Abraão levantou-se muito cedo. Apressou-se como quem vai para uma festa e, de madrugada, avança para o local designado, na montanha de Moriia. Nada disse a Sara nem a Eliezer: de resto quem o compreenderia? E a tentação, por natureza, não lhe havia imposto voto de silêncio? — Partiu a lenha, amarrou Isaac, acendeu a pira, tirou a faca! Meu caro auditor! Muitos pais, ao perder seu filho, julgaram ficar sem o mais precioso tesouro do mundo e despojados de toda a esperança futura; mas nenhum foi o filho da promessa no sentido em que Isaac o foi para Abraão. Muitos pais perderam os filhos; mas perderam-nos pela mão de Deus, pela insondável e imutável vontade do Todo-poderoso. Outro é o caso de Abraão. Prova mais dura lhe estava reservada; a sorte de Isaac encontrava-se na sua mão ao empunhar a faca. Tal era a situação do ancião diante da sua única esperança! Mas ele jamais duvidou, não relanceou o olhar angustiado à direita e à esquerda, não importunou o céu com súplicas. Sabia que o Todo-poderoso o punha à prova, sabia que este era o sacrifício mais duro que se lhe podia exigir, mas sabia também que nenhum sacrifício é demasiadamente pesado quando Deus o pede — por isso puxou da faca.

Quem foi que deu força ao braço de Abraão? Quem lhe manteve a mão direita erguida e a impediu de cair de novo, impotente? Sente-se o espectador desta cena paralisado. Quem foi que deu força à alma de Abraão e o impediu de cegar a ponto de não ver Isaac nem o cordeiro? É o espectador desta cena que se sente cego. — No entanto é raro, sem dúvida, o homem que fica paralisado e sem ver e, mais raro ainda, o homem que relata com dignidade o sucedido. Todos nós o sabemos hoje: tratava-se de uma prova e de uma prova apenas.

Se, na montanha de Moriia, Abraão tivesse duvidado, se, irresoluto, olhasse em redor, se, ao puxar a faca, por mero acaso, se apercebesse da presença do cordeiro, e se Deus lhe permitisse sacrificá-lo em lugar de Isaac — então teria voltado para casa e tudo volveria ao que fora antes, teria Sara perto de si, conservaria Isaac e, apesar de tudo isso, que transformação! O regresso não passaria de fuga, a salvação mero acaso, a recompensa confusão e o seu porvir, talvez, a perdição. Não teria dado testemunho nem da sua fé, nem da graça de Deus, mas teria mostrado como é terrível subir a montanha de Moriia. Abraão não seria esquecido, nem tão pouco a montanha de Moriia. Ela seria então citada, não como o Ararat, onde descansou a arca, mas como um lugar de assombro: *Foi ali — diriam — que Abraão duvidou.*

Abraão, pai venerável! Quando de regresso a casa, vindo de Moriia, não foi preciso dedicar-te um panegírico para te consolar duma perda: não é verdade que havias ganho tudo e conservado Isaac? Daqui em diante o Senhor nada mais te

exigiu e viram-te bem feliz à mesa com teu filho, sob o mesmo teto, como lá em cima, para toda a eternidade. Abraão, pai venerável! Milhares de anos decorreram desde esses dias sombrios, mas não é necessário um tardio admirador para arrancar, pelo amor, a tua memória às potências do esquecimento, porque todas as línguas te recordam. E no entanto recompensas a quem te ama por forma mais magnânima do que ninguém; lá em cima o tornas bem-aventurado em teu seio, e cá embaixo cativas-lhe o olhar e o coração com o prodígio da tua ação. Abraão, pai venerável! Segundo pai do gênero humano! Tu que foste o primeiro a sentir e a manifestar essa prodigiosa paixão que desdenha a luta terrível contra a preciosa arremetida dos elementos e das forças da criação para combater contra Deus, tu que primeiramente sentiste esta paixão sublime, expressão sagrada, humilde e pura, do divino frenesi, tu que constituíste justa admiração dos pagãos, perdoa a quem intentou cantar em teu louvor, se não soube bem desempenhar a sua tarefa. Falou humildemente, segundo o secreto desejo do seu coração; falou brevemente, como convinha; mas nunca esquecerá que te foram necessários cem anos para receber, contra toda a expectativa, o filho da velhice e que tiveste de puxar da tua faca para conservar Isaac — tão pouco esquecerá que, aos cento e trinta anos, não havias ido mais longe do que a lã.

PROBLEMATICA

EFUSÃO PRELIMINAR

Só o que trabalha tem pão, diz um velho provérbio inspirado no mundo exterior e visível e, coisa curiosa, adaptando-se muito mal à esfera que é, por excelência, a sua. Porque, na verdade, o mundo exterior rege-se pela lei da imperfeição, nele se vê, constantemente, o ocioso obter também o seu alimento e o preguiçoso possuí-lo ainda em muito maior abundância do que o diligente trabalhador. Tudo se acha nas mãos do possuidor do mundo visível em que triunfa a lei da indiferença; o espírito da lâmpada mágica obedece ao seu possuidor, Nuredino ou Aladino, e aquele que detém os tesouros do mundo é realmente patrão, qualquer que tenha sido a maneira como deles se apoderou. Não sucede o mesmo no mundo do espírito, onde reina eterna e divina ordem; ali não chove simultaneamente sobre o justo e o injusto; ali não brilha o Sol com indiferença para os bons e para os maus. Em boa verdade pode dizer-se dali: só o trabalhador tem pão, só o angustiado encontra repouso, só aquele que desce aos infernos salva a bem-amada, só quem empunha a faca recebe Isaac. Ali o pão não é para o preguiçoso, que é enganado, como outrora Orfeu, ludibriado pelos deuses, a quem deram um fantasma em vez de Eurídice; e sofreu tal decepção porque foi um efeminado sem coragem, um mero tangedor de lira e não um homem. Ali de nada serve ter por pai Abraão nem dezessete quartos de sangue nobre salva alguém. Quem se nega a trabalhar sente logo cumprir-se a palavra da Escritura acerca das virgens de Israel: só pode gerar vento; mas o que trabalha gera o seu próprio pai.

Temerária doutrina pretende introduzir no reino do espírito esta mesma lei de indiferença sob o peso da qual geme o mundo exterior. Pensa ela que basta saber o que é grande sem necessidade de nenhum outro labor. Também esta doutrina não recebe o pão; também ela perece de inanição vendo tudo em seu redor transformar-se em ouro. E que sabe ela, aliás? Milhares de contemporâneos, na Grécia e na posteridade, inumerável multidão de pessoas conheceu os triunfos de Milcíades, mas unicamente um, entre tantos, perdeu o sono. Gerações sem número souberam de cor, palavra por palavra, a história de Abraão; mas quantos tiveram insónias por sua causa?

Tem ela a virtude singular de sempre se manter magnífica, por pouco que dela se compreenda, desde que se cumpra a condição de trabalhar e penar para entendê-la. Succede porém que se pretende ter a inteligência sem labor. Fala-se da glória de Abraão; mas de que modo? Caracteriza-se toda a sua conduta com uma proposição demasiadamente geral: *Foi grande por amar Deus até o ponto de lhe*

sacrificar o melhor que possuía. Sem dúvida; mas este *melhor* é tão vago! No curso do pensamento e da palavra, identifica-se com demasiada tranqüilidade Isaac com o melhor; e aquele que medita pode, a seu bel-prazer, fumar o seu cachimbo ao correr da reflexão e, o que o escuta, alongar as pernas com preguiçosa comodidade. Se aquele moço, bastante rico, que Jesus encontrou no caminho tivesse vendido todo o patrimônio e houvesse repartido o dinheiro pelos pobres, louvaríamos o seu comportamento, como merece toda a grande ação, ainda que a não compreendamos sem esforço; contudo, ele não se teria convertido em um Abraão pelo fato de ter sacrificado o melhor dos seus bens. O que se omite na história do patriarca? A angústia. Porque, enquanto para com o dinheiro não tenho nenhuma espécie de obrigação moral, o pai está ligado ao filho pelo mais nobre e mais sagrado vínculo. Como, porém, para os débeis de espírito, a angústia é perigosa, deixamo-la passar em silêncio: não obstante pretende-se falar de Abraão. Fala-se afetadamente e, sempre recorrendo, alternam-se os dois termos *Isaac e melhor*; tudo assim segue às mil maravilhas. Mas, se entre os ouvintes há quem sofra de insônias, logo se roça a tragicomédia do mais profundo e espantoso mal-entendido. O nosso homem regressa a casa desejoso de imitar Abrãao; não é acaso, seu filho, o maior de todos os bens? Se o orador se inteira do fato, acode pressuroso e revestindo-se de toda a dignidade de sacerdote, exclama: *Homem abjeto, escória da sociedade! Que demônio te possui e impele a matar teu filho?* E este pastor, a quem o sermão sobre Abraão não aqueceu nem fez suar, assombra-se com o seu poder e com sua justa cólera, com os raios com que fulmina o pobre homem; fia satisfeito consigo mesmo porque jamais falou com tanta força e unção; diz então a si e repete depois à mulher: *Tenho o singular dom da palavra; o que me faltara, até agora, fora a ocasião; no domingo, quando fazia a prédica sobre Abraão, não me sentia assim empolgado pelo meu tema.* Se este pregador tivesse ainda um resto de razão a perder, creio bem que o perderia quando o pecado, com calma e dignidade, lhe respondesse: *Mas foi afinal tudo isso, precisamente, que nos disseste no teu sermão de domingo.* Como poderia imaginar tal coisa? Nada havia porém de surpreendente; a única falta consistia em saber o que dizia. Não haver um poeta com rasgo para adotar resolutamente situações deste genero em vez das frioleiras com que se enchem romances e comédias! Aqui o trágico e o cômico unem-se no infinito absoluto. O sermão do pastor é já em si assaz ridículo, mas é-o infinitamente mais pelo seu efeito, todavia, tão natural. Poder-se-ia ainda mostrar o pecador convertido pelo responso do padre sem levantar verdadeira objeção, e o zeloso sacerdote a regressar a casa jubiloso, na suposição de que, se comove o auditório do alto do púlpito, é sobretudo porque possui um irresistível poder na cura de almas, visto que no domingo agita a assembléia e na segunda-feira, qual querubim brandindo espada flamejante, apresenta-se perante o insensato disposto a desmentir pelos seus atos o velho provérbio que diz: *Nem tudo sucede na vida de acordo com o sermão do pastor.*

Em compensação se o pecador não fica convencido, a situação é trágica. O mais provável, então, é ser executado ou encerrado num manicômio; em breves palavras, torna-se um desgraçado em face da chamada realidade, em diferente sentido, claro está, do que tornou feliz Abraão, pois o que luta e trabalha não pode perecer.

Como explicar esta contradição do nosso pregador? Poder-se-á dizer que Abraão adquiriu por prescrição o título de grande homem, de tal modo que um ato é nobre quando por ele praticado e revoltante se for praticado por um outro? Neste caso não tenho desejo de subscrever tão absurdo elogio. Se a fé não pode santificar a intenção de matar o filho, Abraão cai sob a alçada dum juízo aplicável a todo o mundo. Se não há coragem para ir até o fim do pensamento e dizer que Abraão é assassino, mais vale então adquiri-la primeiro do que perder o tempo em imerecidos panegíricos. Sob o ponto de vista moral, a conduta de Abraão exprime-se dizendo que quis matar Isaac e, sob o ponto de vista religioso, que pretendeu sacrificá-lo. Nesta contradição reside a angústia que nos conduz à insônia e sem a qual, entretanto, Abraão não é o homem que é. Porventura ainda se pode dizer que não tenha feito o que se lhe atribui; talvez o seu ato, explicando-se pelos costumes do tempo, tenha sido outro muito diferente. Deixemos, neste caso, o patriarca no esquecimento. Para que recordar com efeito, o passado que não pode tornar a ser presente? Talvez enfim o nosso orador tenha desprezado um elemento que corresponde ao pretense esquecimento moral do dever de pai. Quando, na verdade, se suprime a fé, reduzindo-a a zero, resta só o fato brutal de Abraão ter querido matar o filho, conduta bem fácil de imitar por quem quer que não possua fé — entendendo eu por fé o que torna difícil o sacrifício.

Quanto a mim direi que tenho a coragem de ir até o fim de uma idéia; nenhuma me causou medo até hoje e se alguma se apresentar um dia com força para atemorizar-me, espero ter, ao menos, a franqueza de dizer sem rodeios: temo tal pensamento, põe-me perante a imagem do desconhecido e nego-me, por isso, a examiná-lo; se não tenho razão não deixarei de ser punido. Se, no juízo de que Abraão é assassino, vejo a expressão da verdade, não sei, verdadeiramente, se poderei calar em mim a piedade que ele me desperta. Pensando-o, guardaria silêncio porque se não deve iniciar os outros em tais considerações. Mas Abraão não representa um caso de prestígio; ele não adquiriu celebridade a dormir e tão pouco a deve a um capricho do destino.

Pode, por acaso, falar-se francamente de Abraão sem correr o risco de extraviar aquele que quisesse fazer o que ele fez? Se não possuiu a sua coragem, o melhor é não mencionar sequer Abraão, e, sobretudo não o aviltar tornando o seu exemplo armadilha para os fracos. Mas, se fazemos da fé um valor total, se a tomamos pelo que ela é, penso que se pode falar sem perigo dos problemas que somente lhe não são estranhos; pois pela fé alguém se pode assemelhar a Abraão em vez de a um vulgar assassino. Se fazemos do amor um sentimento fugitivo, um voluptuoso movimento da alma, estendem-se, pura e simplesmente, ao falarmos das proezas da paixão, ratoeiras aos fracos. Movimentos passageiros como este, toda a gente os tem; mas, se todo o mundo se ocupar em refazer esse ato terrível

que o amor santificou como façanha imortal, tudo estará então perdido: o feito sublime e o extraviado imitador.

Pode pois falar-se de Abraão, porque as grandes coisas nunca provocam dano quando as encaramos com sublimidade; são como espada de dois gumes, um mata e outro salva. Se me propusesse pregar, mostraria primeiro o homem piedoso e temente a Deus que foi Abraão, homem digno de ser chamado eleito do Eterno. Somente um homem assim pode submeter-se a semelhante prova. Mas quem é assim? Em seguida falaria do seu amor por Isaac. Finalmente suplicaria a todos os espíritos caritativos que me assistissem para dar ao discurso a chama do amor paternal. Pintaria este amor de tal modo que, assim o creio, não haveria no reino muitos pais que ousassem sustentar exemplo paralelo. Mas, por não ser o seu amor semelhante ao de Abraão, só a idéia de sacrificar Isaac produziria uma crise religiosa. Poder-se-ia principiar por entreter o auditório durante vários domingos, sem pressa. Quando o tema estivesse tratado de forma conveniente, verificar-se-ia que certo número de pais já não sentiam necessidade de ouvir mais, mas, provisoriamente, considerar-se-iam ditosos por haver chegado a amar tanto como amou Abraão. E se restasse um que depois de haver compreendido a grandeza, e também o horror, da façanha de Abraão, se arriscasse ao caminho, eu selaria o meu cavalo para o acompanhar. Em cada alto antes de alcançar a montanha de Moriá, dir-lhe-ia que estava livre ainda de voltar atrás, para arrepender-se do equívoco de se crer chamado a luta semelhante, para confessar a sua falta de coragem, deixando a Deus a iniciativa de tomar conta de Isaac se tal fosse a sua vontade. Tenho a convicção de que um tal homem não é maldito, que pode obter a felicidade como todos os outros — mas nunca no tempo. Não se haveria julgado assim mesmo em épocas de mais funda crença? Conheci um homem que teria podido salvar-me um dia a vida se tivesse sido magnânimo. Dizia sem rodeios: *Vejo bem aquilo que poderei fazer mas não ousar, temo não possuir, em seguida, a força necessária, receio chegar a arrepender-me.* Faltava-lhe coração; quem, porém, lhe negaria por isso o afeto?

Quando assim tivesse falado e movido meus ouvintes, ao ponto de lhes fazer sentir os contrastes dialéticos da fé e sua gigantesca paixão, cuidaria de os não induzir no erro de pensar: *Que grande fé possui! Basta-nos, a nós, tocar na orla do seu hábito.* Eu acrescentaria: "De nenhum modo possuo assim a fé: a natureza deu-me uma boa cabeça e os homens do meu tipo sentem grandes dificuldades para realizar o movimento da fé; *contudo não confiro nenhum valor em si à dificuldade, a qual, uma vez superada, conduz um bom cérebro mais para além do ponto onde chega com menos trabalho o homem de espírito simples.*

Entretanto encontra o amor seus sacerdotes entre os poetas e, por vezes, ouve-se uma voz que o sabe cantar; mas a fé não tem quem a cante; quem fala em louvor desta paixão? A filosofia aponta mais longe. A teologia, cheia de ademanes, assoma à janela e, mendigando os favores da filosofia, oferece-lhe os seus encantos. Compreender Hegel deve ser muito difícil, mas a Abraão, que bagatela! Superar Hegel é um prodígio; mas que coisa fácil quando se trata de superar Abraão! Pela minha parte já despendi bastante tempo para aprofundar o sistema

hegeliano e de nenhum modo julgo tê-lo compreendido; tenho mesmo a ingenuidade de supor que apesar de todos meus esforços, se não chego a dominar o seu pensamento é porque ele mesmo não chega, por inteiro, a ser claro. Sigo todo este estudo sem dificuldade, muito naturalmente, e a cabeça não se ressen-te por isso. Mas quando me ponho a refletir sobre Abraão, sinto-me como que aniquilado. Caio a cada instante no paradoxo inaudito que é a substância da sua vida; a cada momento me sinto rechaçado, e, apesar do seu apaixonado furor, o pensamento não consegue penetrar este paradoxo nem pela espessura dum cabelo. Para obter uma saída reteso todos os músculos: instantaneamente sinto-me paralisado.

Não ignoro as ações que o mundo admira como grandes e magnânimas; elas acham eco na minha alma porque estou humildemente convencido de que o herói combateu também por mim: *jam tua res agitur*,³ digo para mim contemplando-o. Penetro no pensamento do herói, mas não no de Abraão; alcançado o cimo, recaio, porque o que se me oferece consiste num paradoxo. De nenhum modo resulta daí que, a meus olhos, a fé seja algo medíocre; pelo contrário, considero-a a mais sublime de todas as coisas e é indigno que a filosofia a substitua por outro objeto e a converta em irrisão. A filosofia não pode nem deve dar a fé; a sua tarefa é compreender-se a si mesma, saber aquilo que oferece; nada ocultar e sobretudo nada escamotear, nada considerar como mera ninharia. Não deixo de observar devidamente as vicissitudes e perigos da vida; não os temo; enfrento-os com suficiente audácia. Tenho a experiência das coisas terríveis; minha memória é como esposa fiel e a imaginação corresponde àquilo que não sou: uma corajosa jovem ocupada durante o dia nos seus labores, dos quais me fala sabiamente durante a noite e com tanta delicadeza que me é necessário cerrar os olhos, ainda que os seus quadros nem sempre representem paisagens, flores ou idílios campestres. Com estes meus olhos vi coisas terríveis e nunca recuei apavorado, mas sei muito bem que, embora as afrontasse sem medo, não se segue daí que a minha coragem me não venha da fé, nem com ela se pareça em nada. Não posso realizar o movimento da fé, não posso cerrar os olhos e lançar-me de cabeça, pleno de confiança, no absurdo; tal coisa é impossível, mas não me vanglorio por isso. Posso a certeza de que Deus é amor; este pensamento tem, para mim, valor lírico fundamental. Presente em mim a certeza, sinto-me inefavelmente ditoso; ausente, suspiro por ela muito mais ansiosamente do que a amante pelo objeto do seu amor; mas não tenho fé; não tenho essa coragem. O amor de Deus é, para mim, a um tempo na razão direta e na razão inversa, incmensurável com toda a realidade. Mas nem por isso tenho a fraqueza de me entregar a lamentações nem a perfídia de negar que a fé seja algo de muitíssimo elevado. Posso acomodar-me e viver à minha maneira, feliz e contente, mas tal alegria não promana da fé e, comparativamente, é desgraçada. Não importuno Deus com mesquinhas inquietações; não me preocupa o detalhe, fixo os olhos unicamente no meu amor, cuja chama, clara e virginal, guardo dentro de mim; confia a fé em que Deus cuida das mínimas coisas. Sinto-me contente de estar casado nesta vida pela mão esquerda;

a fé é demasiado humilde para solicitar a direita; que o faça em plena humildade, não o nego, jamais o negarei.

Será certo que cada um dos meus contemporâneos é capaz de realizar os movimentos da fé? A menos que me engane redondamente a tal respeito, tendem eles a orgulhar-se de cumprir aquilo de que seguramente não me crêm capacitado: o imperfeito. Sou naturalmente contrário ao hábito tão freqüente de falar sem humanidade das grandes coisas, como se alguns milhares de anos constituíssem intransponível distância; destas coisas falo de preferência como homem; vejo-as como se tivessem acontecido ontem já que a distância é, em meu juízo, a sua grandeza — nela encontramos a sua altura ou a sua sentença. Se, portanto, *como herói trágico* (pois não posso elevar-me mais) houvesse sido convidado a empreender viagem tão extraordinária como a de Moriia, sei muito bem aquilo que faria. Não me acovardaria a ponto de ficar ao canto da lareira; não me divertiria no caminho, não esqueceria a faca do sacrifício para inventar uma pequena demora; estou quase seguro de que estava a postos no momento dado e que tudo teria estado em ordem; talvez até chegasse mais cedo do que a hora aprazada para tudo acabar quanto antes. Sei o que mais teria feito. No momento de montar a cavalo diria com os meus botões: agora tudo está perdido, Deus exige Isaac, sacrifico-o e com ele toda a alegria; no entanto Deus é amor e continua sendo-o para mim, porque na ordem temporal, Ele e eu não podemos conversar, não temos língua comum. Talvez nos dias de hoje, Pedro ou Paulo, no seu zelo pelas grandes coisas, fossem bastante insensatos para imaginarem e fazerem crer que, agindo realmente dessa maneira, teria eu cumprido tarefa superior à de Abraão. Com efeito esta minha imensa resignação ter-lhes-ia parecido muito mais cheia de ideal e poesia do que o prosaísmo de Abraão. Isso é, entretanto, a maior das falsidades, pois tal resignação seria, apesar de tudo, apenas um sucedâneo da fé. Por conseguinte, não poderia fazer mais do que o movimento infinito para encontrar-me e repousar de novo em mim próprio, nem amaria Isaac como Abraão. A resolução de efetuar o movimento mostraria, em rigor, o meu valor humano. O amor que, com toda a minha alma, dedico a Isaac constitui o pressuposto sem o qual o meu comportamento resulta criminoso; no entanto não o amaria tanto como Abraão porque resistiria certamente no último minuto, sem por isso chegar demasiado tarde a Moriia. Por outro lado, minha conduta teria desvirtuado a história, porque, com recuperar Isaac, logo ficaria em grandes apuros. Muito me custaria alegrar-me de novo com a sua presença, o que, para Abraão, não oferece a mínima dificuldade. Pois quem do infinito da alma, *proprio motu et propriis auspiciis*, efetua o infinito movimento, sem o poder remediar, só na dor conserva Isaac.

Mas que fez Abraão? Não chegou nem *demasiado cedo*, nem demasiado tarde. Albardou o burro seguindo, lentamente, o caminho marcado. Durante todo esse tempo conservou a fé, acreditou que Deus não lhe queria exigir Isaac, estando, no entanto, disposto a sacrificá-lo se tal fosse indispensável. Acreditou no absurdo, porque tal não faz parte do humano cálculo. O absurdo consiste em que Deus, pedindo-lhe o sacrifício, devia revogar a sua exigência no instante seguinte. Trepou a montanha e no momento em que a faca faiscava, acreditou que Deus

não lhe exigiria Isaac. Então, seguramente, surpreendeu-o o desenlace, mas já então também havia por um duplo movimento recobrado o seu primitivo estado, e foi por isso que recebeu Isaac com a mesma alegria que sentira pela primeira vez. Prossigamos: vamos supor que Isaac fora realmente sacrificado. Abraão acreditou, não que um dia fosse ditoso no céu, mas que seria cumulado de alegrias cá na terra. Deus podia dar-lhe de novo Isaac, chamar de novo à vida o filho sacrificado. Acreditou pelo absurdo, pois todo humano cálculo estava, desde longo tempo, abandonado. Vê-se, e é coisa cruel, que a amargura enlouquece o homem; também se vê, e não o tenho em menos conta, que existe uma força de vontade capaz de erguer-se tão energeticamente contra o vento que salve a razão, embora se fique um pouco tonto; mas que se chegue a perder a razão e com ela o finito, de que a razão é o agente de transformação, para recuperar então esse mesmo finito em virtude do absurdo: eis o que me espanta; mas não digo por isso que seja coisa insignificante, quando, pelo contrário, é o único prodígio. Crê-se, em geral, que o fruto da fé, longe de ser uma obra-prima, constitui árduo e grosseiro trabalho reservado às mais incultas naturezas; nada menos certo, porém. A dialética da fé é a mais sutil e notável de todas; tem uma sublimidade de que posso ter uma idéia, mas não mais que isso. Posso muito bem executar o salto de trampolim no infinito; tal como o dançarino de corda, a espinha torceu-se-me na infância; também saltar me é fácil: um, dois e três! Lanço-me de cabeça na vida, mas já para o salto seguinte estou incapacitado; permaneço interdito em face do prodígio, não o consigo realizar. Certo é que, se, no instante em que montou o seu burro, Abraão tivesse dito: perdido por perdido tanto me faz sacrificar Isaac aqui, em casa, como empreender esta longa viagem até Morija — em tal caso nada teria com ele, enquanto que assim me inclino sete vezes perante o seu nome e setenta e sete vezes perante o seu ato. Que ele não se entregou a estas reflexões, tenho disso a prova na profunda alegria que o transportou quando recuperou Isaac e vendo além do mais que não precisou de preparativos, que não recorreu a dilações para se recolher do mundo finito e de seus prazeres. De outro modo, ele teria porventura amado a Deus, mas não teria sido um homem de fé — porque amar a Deus sem fé é refletir-se sobre si mesmo, mas amar a Deus com fé é refletir-se no próprio Deus. Tal é o cume onde está Abraão. O último estádio de que ele se distancia é a resignação infinita. Vai mais longe realmente e chega até a fé — porque, na verdade, todas as caricaturas da fé, essa lamentável preguiça dos lábios que dizem: *nada urge, inútil é lançar-nos ao caminho antes do tempo*, essa mesquinha esperança que calcula: *pode saber-se o que sucederá?* . . . *Talvez que* . . . todas essas paródias da fé fazem parte dos mistérios da vida e já a infinita resignação as cobriu com o seu infinito desprezo.

Não consigo compreender Abraão; em certo sentido tudo quanto aprender dele deixa-me estupefato. Ilude-se aquele que imagina chegar à fé considerando a sua história até o fim; em tal caso, ao pretender extrair do paradoxo uma regra de vida, e pondo de parte o primeiro movimento da fé, engana Deus. Pode bem ser que este ou aquele o consiga; tal sucede porque o nosso tempo não se detém na fé nem no milagre que converte a água em vinho — vai mais longe, pois que converte o vinho em água.

Não valeria mais dedicar-se a fé e não será mesmo revoltante ver como toda a gente a quer superar? Onde se pensa chegar quando, hoje, proclamando-o de tantas maneiras, se recusa o amor? Sem dúvida ao saber do mundo, ao mesquinho cálculo, à miséria e à baixeza, a tudo enfim que possa fazer-nos duvidar da divina origem do homem. Não seria preferível guardar-se a fé e tomar a precaução de não cair? Com efeito, o movimento da fé deve constantemente efetuar-se em virtude do absurdo, mas — e aqui a questão é essencial — de maneira a não perder o mundo finito, antes, pelo contrário, a permitir ganhá-lo constantemente. No que me toca, posso perfeitamente descrever os movimentos da fé, mas não me é possível reproduzi-los. Para aprender natação, pode qualquer munir-se de correias suspensas do teto; realizam-se regularmente os movimentos, mas é evidente que não se consegue nadar. Do mesmo modo é-me possível decompor os movimentos da fé, mas, quando sou lançado à água, nado sem dúvida (porque não sou um patinador); no entanto realizo outros movimentos — os que respeitam ao infinito —, enquanto que a fé permite o contrário: depois de ter efetuado os movimentos do infinito, cumpre o finito. Feliz aquele que é capaz de tal movimento; realiza um prodígio que me não cansarei de admirar. Seja ele Abraão ou o escravo da sua casa, professor de filosofia ou a sua pobre criada, é-me indiferente: apenas reparo nos movimentos. Ponho nisso porém a máxima atenção; não me deixo enganar nem por mim, nem por ninguém. Reconhecem-se bem os cavaleiros da resignação infinita: caminham com passo elástico e audaz. Mas os que levam consigo o tesouro da fé iludem facilmente. O aspecto exterior oferece singular semelhança com os que profundamente desprezam tanto a resignação infinita como a fé, em suma, com o espírito burguês.

Tenho de confessar sinceramente que jamais encontrei, no curso das minhas observações, um só exemplar autêntico do cavaleiro da fé, sem com isto negar que talvez um homem em cada dois o seja. . . Em vão, no entanto, durante vários anos procurei sinal dos seus passos. É comum dar-se a volta ao mundo para ver rios e montanhas, novas estrelas, aves multicores, estranhos peixes ou ridículas raças humanas. Abandona-se cada um a vago estupor animal, arregalando os olhos do mundo, crendo assim ver alguma coisa. Tudo isso me deixa indiferente. Mas, se acaso soubesse onde mora um cavaleiro da fé, iria, com meus próprios pés, ao encontro desse prodígio que representa para mim um interesse absoluto. Não o abandonaria um instante sequer; em cada minuto que passasse observaria os seus mais secretos movimentos e, considerando-me para sempre enriquecido, dividiria o meu tempo em duas partes: uma para o observar miudamente e outra para me exercitar de tal modo que, afinal só me empenharia em o admirar. Repito: nunca encontrei um tal homem; contudo é-me bem possível representá-lo. Ei-lo; está travado o conhecimento; fui-lhe apresentado. No próprio instante em que o fito afasto-o de mim, retrocedo instantaneamente, junto as mãos em prece e digo a meia voz: "Meu Deus! É este o homem! Mas sê-lo-á verdadeiramente? Tem todo o ar dum preceptor!" Contudo é ele. Aproximo-me um pouco, vigio os mínimos movimentos tentando surpreender qualquer coisa de natureza diferente, um pequeno sinal telegráfico emanado do infinito, um olhar, uma expressão fisio-

nômica, um gesto, um ar melancólico, um ligeiro sorriso que traísse o infinito na sua irreducibilidade finita. Mas nada! Examino-o com minúcia da cabeça aos pés, procurando a fissura por onde se escape a luz do infinito. Nada! É um sólido bloco. A sua conduta? Firme, integralmente dada ao finito. O burguês endomado que dá o seu passeio hebdomadário a Fresberg não o pode ser mais; nem o merceeiro é capaz de ser tão inteiramente deste mundo como ele! Nada denuncia essa natureza soberba e estranha onde se reconheceria um cavaleiro do infinito. Regozija-se por tudo e por tudo se interessa. De cada vez que intervém em alguma coisa, fá-lo com a perseverança característica do homem terrestre cujo espírito se ocupa de minúcias e seus cuidados. Ele está realmente naquilo que faz. Ao vê-lo, crê-se estar em face de um escriba que haja perdido a alma na contabilidade de partidas dobradas à força de ser meticuloso. Respeita os domingos. Vai à Igreja. Nem um olhar com sinal celeste, nem um só vestígio de incomensurabilidade o trai. Se o não conhecermos, será impossível distingui-lo do resto da congregação, porque aquela maneira saudável e possante de cantar os salmos só pode provar que ele tem um ótimo peito. Depois do almoço vai até a floresta. Entretém-se com o que vê: o bulício da multidão, os novos autocarros, o espetáculo do Sund... e, quando o encontramos sobre o Strandvej, dir-se-ia tratar-se exatamente dum merceeiro a espanejar-se. Porque, em boa verdade, ele não é poeta; em vão tenho procurado nele a pista da imensidade poética. Pela tarde volta a casa. O passo não trai maior fadiga do que o de um carteiro. No caminho sonha na refeição que, seguramente, a mulher lhe preparou para o regresso: uma novidade — quem sabe? — uma cabeça de borrego *au gratin* e, ainda por cima, talvez bem guarnecida... Se acaso encontra um semelhante, é bem capaz de o acompanhar até Osterport, para lhe falar deste prato com paixão digna de um hoteleiro. Por casualidade, não possui dez réis de seu, mas jura a pés juntos que a mulher lhe reserva a guloseima desejada. E, se por feliz acaso, sucede o que sonhara, que espetáculo digno de inveja para as pessoas de alta condição e bem capaz de provocar o entusiasmo do povo miúdo vê-lo à mesa! Nem Esaú teve assim tanto apetite! Coisa curiosa: se a mulher não cozinhar o prato esperado, conserva exatamente o mesmo humor. Pelo caminho encontra um terreno para construir; topa com um passeante. Conversa um pouco e, num abrir e fechar de olhos, faz surgir uma casa — dispõe, de resto, de todos os meios para isso. O estranho deixa-o convencido de que se trata certamente de um capitalista, enquanto o meu admirável cavaleiro diz para si: *Estou certo de que se a situação me surgisse sair-me-ia dela sem dificuldade*. Já em casa, apóia-se ao peitoril da janela aberta, olha a praça para onde dá a sala e segue tudo que se passa. Vê escapulir-se um rato para dentro da sarjeta da rua, observa as crianças que brincam; tudo o interessa. Possui, em face das coisas, a tranqüilidade de espírito de uma jovem de dezesseis anos. Não é, portanto, um gênio. À noite fuma cachimbo. Dir-se-ia então um salsicheiro na beatitude do fim do dia. Vive em despreocupação folgazã. No entanto paga os favores do tempo, cada instante da sua vida pelo preço mais elevado — porque a mínima coisa é sempre realizada em função do absurdo. E era caso para se enfurecer, pelo menos de ciúme, porque este

homem efetuou e completou, a todo momento, o movimento do infinito. Converte em resignação infinita a profunda melancolia da vida; conhece a felicidade do infinito; experimentou a dor da total renúncia àquilo que mais ama no mundo — e, no entanto, saboreia o finito com tão pleno prazer como se nada tivesse conhecido de melhor, não mostra indício de sofrer inquietação ou temor, diverte-se com uma tal tranqüilidade, que, parece, nada há de mais certo que este mundo finito. E, no entanto, toda essa representação do mundo que ele figura é nova criação do absurdo. Resignou-se infinitamente a tudo para tudo recuperar pelo absurdo. Constantemente efetua o movimento do infinito, com tal segurança e precisão que sem cessar obtém o finito sem que se suspeite a existência de outra coisa. Imagino que, para um bailarino, o esforço mais difícil consiste em colocar-se, de um só golpe, na posição precisa, sem um segundo de hesitação. É possível que não exista um acrobata com tal habilidade e domínio: tem-na porém o meu cavaleiro. Muitos vivem dominados pelos cuidados e prazeres do mundo: assemelham-se àqueles que vão à festa sem dançar. Os cavaleiros do infinito são bailarinos a quem não falta elevação. Saltam no ar e logo voltam a cair, o que não deixa de constituir passatempo divertido e nada desagradável à vista. Mas de cada vez que recaem não podem, logo no primeiro momento, guardar completo equilíbrio. Por instantes vacilam indecisos, o que logo mostra que são estranhos ao mundo. Tal indecisão é mais ou menos sensível conforme a sua maestria, mas nem o mais hábil a consegue de todo dissimular. Inútil vê-los no ar. Basta observá-los no momento em que tocam e se firmam no solo, é então que se reconhecem. Voltar porém a cair de tal modo que se dê a impressão do êxtase e da marcha ao mesmo tempo; transformar em andamento normal o salto; exprimir o impulso sublime num passo terreno; eis o único prodígio de que só é capaz o cavaleiro da fé.

Como tal maravilha pode induzir em erro, vou descrever os movimentos num caso preciso susceptível de aclarar a sua relação com a realidade — porque o essencial da questão reside nisto. Enamora-se um jovem de uma princesa, e de tal forma que a substância da sua vida se concentra neste amor. Entretanto a situação não consente que o amor se realize, quer dizer, não se pode traduzir a idealidade em realidade. Os escravos miseráveis, sapos atolados no pântano da vida, exclamarão naturalmente: que loucura, tal amor! A rica viúva do cervejeiro é um perfeito partido tão conveniente como sério... Deixemo-los coaxar tranqüilamente no lodaçal. O cavaleiro da resignação infinita não os escuta, nem pela maior glória deste mundo renuncia ao seu amor. Não é assim tão pateta. Começa por se assegurar que esse amor é realmente para ele a substância da vida. Sente a alma demasiado sã e orgulhosa para permitir que o acaso se apodere da menor parcela do seu destino. Não é covarde pois não receia que o seu afeto penetre até o âmago dos seus mais ocultos pensamentos nem que envolva, como apertada rede, cada uma das articulações da consciência; e mesmo que o torne desgraçado jamais se poderá dele desligar. Experimenta então deliciosa voluptuosidade com deixá-lo vibrar em cada um dos seus nervos; no entanto a sua alma vive a mesma solenidade que a daquele que esvaziou a taça de veneno e sentiu o líquido infiltrar-se, gota a gota, no sangue... porque esse instante é vida e morte.

Quando assim absorveu totalmente o amor e nele mergulhou, tem ainda a coragem de tudo ousar e arriscar. Com um simples volver de olhos abarca toda a vida, reúne os seus velozes pensamentos que, como pombos de regresso ao ninho, acorrem ao menor sinal; agita a varinha mágica e então todos se dispersam ao sabor dos ventos. Mas, quando regressam, como tristes mensageiros, para lhe anunciar a impossibilidade, permanece calmo, agradece-lhes e, ficando só, empreende o seu movimento. O que acabo de dizer apenas tem sentido se o movimento se efetua normalmente. ⁴ De início o cavaleiro deve ter a força de concentrar toda a substância da vida e todo o significado da realidade num único desejo. No caso de o não conseguir, a alma encontra-se, desde o princípio, dispersa no múltiplo e jamais poderá chegar a realizar o movimento. Conduzir-se-á, na vida, com a prudência dos capitalistas que colocam a fortuna em diferentes valores da bolsa para ganhar nuns quando perdem noutros; numa palavra, não se trata verdadeiramente de um cavaleiro. Onde se conclui que este deve ter a força de concentrar o resultado de todo o seu trabalho de pensamento em um só ato de consciência. Na falta de tal concentração, a sua alma acha-se, desde o princípio, dispersa no múltiplo; nunca terá tempo de realizar o movimento, correrá incessantemente atrás dos problemas da vida, sem nunca entrar na eternidade; porque, no preciso momento em que está prestes a alcançá-la, aperceber-se-á, subitamente, de que se esqueceu de alguma coisa, e daí a necessidade de dar meia volta. Pensa então: *Mais adiante poderei realizar o movimento*; porém, com tais considerações, nunca o poderá conseguir; pelo contrário, assim procedendo mais se afundará no pântano.

O cavaleiro efetua portanto o movimento, mas qual? Acaso esquecerá ele tudo, já que aí há também uma espécie de concentração? Não! Porque o cavaleiro não se contradiz nunca e haverá contradição em esquecer a substância de toda a sua vida enquanto se continua sendo o mesmo. Não sente nenhum desejo de converter-se em outro homem e de maneira alguma vê nessa transformação sinal de grandeza humana. Somente as naturezas inferiores, esquecidas de si mesmas, se podem tornar em um outro novo. Assim, a borboleta esqueceu completamente que já um dia foi larva; talvez ainda venha a esquecer que foi borboleta e a tal ponto que possa converter-se em peixe. As naturezas profundas nunca perdem a recordação de si mesmas e nunca podem chegar a ser outra coisa que o que já foram. O cavaleiro, portanto, recordar-se-á de tudo, mas essa recordação será

precisamente a fonte de sua dor; no entanto, graças à sua infinita resignação, encontra-se reconciliado com a vida. O seu amor pela princesa tornou-se, para ele, a expressão de um amor eterno e tomou caráter religioso; transfigurou-se num amor cujo objeto é o ser eterno, o qual, sem dúvida, recusou ao cavaleiro favorecê-lo, mas, pelo menos, tranqüilizou-o dando-lhe a consciência eterna da legitimidade do seu amor, sob uma forma de eternidade que realidade alguma lhe poderá arrebatá-lo. São os jovens e os loucos que se gabam de que para o homem tudo é possível; mas no mundo do finito há muitas coisas que são impossíveis. Mas o cavaleiro torna o impossível possível encarando-o sob o ângulo do espírito, e exprime esse ponto de vista dizendo que a ele renuncia. O desejo, ansioso por se converter em realidade e que havia tropeçado com a impossibilidade, debilitou-se no seu foro íntimo; mas nem por isso se perdeu ou foi esquecido. E o cavaleiro sente, às vezes, os obscuros impulsos do desejo que despertam a recordação; ou então ele mesmo a provoca; porque é demasiado orgulhoso para admitir que aquilo que foi a substância de toda a sua vida nasceu de um efêmero momento. Conserva sempre jovem esse amor que à medida que juntos envelhecem se torna cada vez mais belo. Não deseja de nenhum modo a intervenção do finito para favorecer o crescimento do seu amor. A partir do instante em que realizou o movimento, a princesa encontra-se perdida para ele. Não tem necessidade de sentir esses arrepios nervosos que a paixão provoca na presença da bem-amada, nem de outros fenômenos parecidos. Tão pouco tem necessidade de lhe dirigir, em sentido finito, perpétuos adeuses, visto que tem dele uma recordação eterna; sabe muito bem que os amantes ávidos de se verem, ainda uma vez mais, têm razões para mostrar esse interesse e para suporem que se encontram pela última vez; porque ambos virão a fazer todo o possível para mutuamente se esquecerem um do outro. Descobriu esse grande segredo que é dever-nos bastar a nós próprios mesmo quando amamos. Deixou de se interessar dum ponto de vista terreno pelo que fez a princesa, e é isso justamente que constitui a prova de que ele executou o movimento infinito. Aí temos a oportunidade de verificar se o movimento do indivíduo é verdadeiro ou falaz. Um há que, julgando tê-lo realizado, sentiu ao rodar o tempo, e tendo a princesa mudado de conduta (desposou, por exemplo, um príncipe) sentiu, dizia, a sua alma perder a elasticidade da resignação. Imediatamente se apercebeu de que não havia realizado o movimento como convinha, porque quem se resignou infinitamente basta-se a si próprio. O cavaleiro não abandona a resignação, o seu amor conserva a frescura do primeiro momento, não o deixa nunca e isso precisamente porque realizou o movimento infinito. A conduta da princesa não o poderia perturbar; nos outros, as leis que regem seus atos, e, fora deles, as premissas das suas resoluções. Se, pelo contrário, a princesa está na mesma disposição de espírito, verá desabrochar a beleza do amor. Ela própria entrará na ordem dos cavaleiros onde se não é admitido por votação mas donde é membro quem quer que tenha a coragem de se apresentar sozinho; entrará nesta ordem que assim prova a sua perenidade não estabelecendo diferença entre o homem e a mulher. Deste modo conservará a juventude e a frescura do seu amor, assim terá feito calar o seu tormento, ainda que, de acordo com certa

tradicional canção, não esteja todas as noites junto do seu senhor. Estes dois amantes terão então alcançado a união para a eternidade, numa *harmonia praestabilita* de tal forma indestrutível que, se alguma vez chegasse o momento favorável à expressão do seu amor no tempo (de que não têm preocupação finita, senão conheceriam a velhice), achar-se-iam em condições de iniciar o noivado no ponto mesmo de que teriam partido se tivessem contraído matrimônio. Aquele que compreende isto, homem ou mulher, nunca pode ser enganado, porque só as naturezas inferiores imaginam que o são. Nenhuma jovem a quem falte esta nobreza sabe amar verdadeiramente; mas aquela que a possui não poderá sentir-se decepcionada pelas astúcias e sutilezas do mundo.

A resignação infinita implica a paz e o repouso; aquele que a deseja, aquele que não se aviltou rindo-se de si próprio (vício mais terrível que o excesso de orgulho), pode fazer a aprendizagem deste movimento doloroso, sem dúvida, mas que leva à reconciliação com a vida. A resignação infinita é parecida com a camisa do velho conto: o fio é tecido com lágrimas e lavado com lágrimas, a camisa é também cosida com lágrimas, mas, ao cabo, protege melhor que ferro e aço. O defeito da lenda é que um terceiro pode tecer o pano. Ora, consiste o segredo da vida em que cada um deve coser a sua própria camisa e, coisa curiosa, o homem pode fazê-lo tão perfeitamente como uma mulher. A resignação infinita implica o repouso, a paz e a consolação no seio da dor, sempre com a condição de que o movimento seja efetuado normalmente. Eu não teria, contudo, muito trabalho se quisesse escrever um grosso volume onde passasse revista aos desprezos de toda espécie, às situações completamente alteradas, aos movimentos abortados que me foi dado observar no decurso da minha modesta experiência. Acredita-se muito pouco no espírito e, no entanto, ele é indispensável para realizar este movimento, que interessa não ser unicamente o resultado de uma *dura necessitas* que, quanto mais vai agindo tanto mais duvidoso torna o seu caráter normal.

Se, por exemplo, se pretende que a fria e estéril necessidade deve intervir necessariamente no movimento, declara-se, deste modo, que ninguém pode viver a morte antes de morrer realmente, o que se me afigura ser grosseiro materialismo. Mas, em nossos dias, não há quem se preocupe muito em realizar movimentos puros. Se alguém, desejando aprender a dançar, dissesse: *Durante séculos gerações sucessivas estudaram e aprenderam as posições; já é tempo de eu tirar disto algum proveito e portanto vou já dedicar-me às danças francesas*, as pessoas não deixariam de se rir; mas, ao entrar no mundo do espírito, este raciocínio torna-se perfeitamente plausível. Pois que é a cultura? Eu sempre acreditei que era o ciclo que o Indivíduo percorria para chegar ao conhecimento de si próprio; e aquele que recusa segui-lo obtém um muito magro proveito de ter nascido na mais preclara das épocas.

A resignação infinita é o último estágio que precede a fé, pois ninguém a alcança antes de ter realizado previamente esse movimento; porque é na resignação infinita que, antes de tudo, tomo consciência do meu valor eterno, e só então se pode alcançar a vida deste mundo pela fé.

Observemos agora o cavaleiro da fé, no caso citado. Age exatamente como o outro; renuncia infinitamente ao amor, substância da sua vida; apaziguou-se na

dor; então dá-se o prodígio; realiza um movimento ainda mais surpreendente do que todos os anteriores. Com efeito diz: *Eu creio, sem reserva, que obterei o que amo em virtude do absurdo, em virtude da minha fé de que tudo é possível a Deus*. O absurdo não pertence às distinções compreendidas no quadro próprio da razão. Não se pode identificar com o inverossímil, o inesperado, o imprevisto. No momento em que o cavaleiro se resigna, convence-se segundo o humano alcance, da impossibilidade. Tal é o resultado do exame racional que tem a energia de fazer. Porém, pelo contrário, do ponto de vista do infinito, subsiste a possibilidade no seio da resignação; mas esta posse é, também, uma renúncia sem ser entretanto por isso um absurdo para a razão, visto que esta conserva o direito de sustentar que, no mundo finito onde ela é soberana, a coisa é e continua a ser uma impossibilidade. O cavaleiro da fé tem também lúcida consciência desta impossibilidade; só o que o pode salvar é o absurdo, o que concebe pela fé. Reconhece, pois, a impossibilidade e, ao mesmo tempo, crê no absurdo; porque, se alguém imagina ter a fé sem reconhecer a impossibilidade de todo o coração e com toda a paixão da sua alma, engana-se a si próprio e o seu testemunho é absolutamente inaceitável, pois que nem sequer alcançou a resignação infinita.

A fé não constitui, portanto, um impulso de ordem estética; é de outra ordem muito mais elevada, justamente porque pressupõe a resignação. Não é o instinto imediato do coração, mas o paradoxo da vida. Assim, quando uma jovem, apesar de todas as dificuldades, conserva a certeza de que o seu desejo se realizará, essa certeza não tem relação alguma com a fé, apesar da sua educação cristã e talvez mesmo de um ano inteiro de catecismo. Está convencida porque é uma ingênua e inocente rapariguinha. Essa convicção enobrece-lhe o ser, sem dúvida, concedendo-lhe uma grandeza sobrenatural, e a tal ponto que pode, como um taumaturgo, conjurar as forças finitas da vida e até fazer chorar as pedras, enquanto que, por outro lado, consegue também, no meio da sua perplexidade, dirigir-se tanto a Herodes como a Pilatos, comovendo o mundo inteiro com as suas súplicas. Semelhante conduta é muito louvável e, com esta jovem, podem-se aprender muitas coisas, exceto uma: a arte dos movimentos; porque a sua convicção não ousa olhar de frente a impossibilidade nem aceitar a dor da resignação.

É-me lícito, portanto, afirmar que importa possuir força, energia e liberdade de espírito para realizar o movimento infinito da resignação, inclusivamente para que a sua execução seja possível. Todavia o resto deixa-me estupefato. Rodopia-me o cérebro dentro da cabeça; porque, depois de ter realizado o movimento da resignação e tudo obter em virtude do absurdo, ver assim integralmente realizado todo o desejo está acima das forças humanas: é um prodígio. Mas posso ver que a certeza da jovem não é senão leviandade comparada com a inquebrantável firmeza da fé, ainda mesmo quando tenha reconhecido a impossibilidade. Todas as vezes que pretendo realizar esse movimento turvam-se-me os olhos ao mesmo tempo que uma admiração sem reservas se apodera de mim e uma terrível angústia me esmaga a alma. Que é isto, com efeito, senão tentar Deus? Contudo, este é o movimento da fé; e sê-lo-á sempre, mesmo que a filosofia, para obscurecer os conceitos, pretenda fazer-nos acreditar que é ela que possui a fé, mesmo que a teologia queira agrilhoar a si a todo o custo.

A resignação não implica a fé; porque o que eu adquiro no seio da resignação é a minha consciência eterna; e é isso um movimento estritamente filosófico que tenho a coragem de efetuar quando é requerido é que posso infligir a mim próprio; porque, de cada vez que uma circunstância finita me vai ultrapassar, imponho a mim próprio o jejum até o instante de realizar o movimento; porque a consciência da minha eternidade é o meu amor para com Deus e este amor é tudo para mim. Para alguém se resignar, não é indispensável a fé, mas ela é precisa para obter a mínima coisa para além da minha consciência eterna: é esse o paradoxo. Confundem-se muitas vezes os movimentos. Diz-se que é preciso fé para renunciar a tudo; torna-se vulgar ouvir, o que é ainda mais singular, pessoas a lamentarem-se por ter perdido a fé, e, quando alguém procura averiguar que grau da escala alcançaram, verifica-se, com espanto, que chegaram, precisamente, ao ponto em que devem realizar o movimento infinito da resignação. Por ela renuncio a tudo; é um movimento que realizo sozinho e, se me abstenho, é razão disso a covardia, a moleza, a falta de entusiasmo; não tenho, portanto, o sentido da alta dignidade mais eminente que a do censor geral de toda a república romana. Exercio esse movimento graças ao meu próprio esforço, e a minha recompensa sou eu próprio na consciência da minha eternidade, mergulhado em uma bem-aventurada harmonia com o meu amor pelo ser eterno. Pela fé, a nada renuncio; pelo contrário, tudo recebo, e, o que é mais notável, no sentido atribuído àquele que possui tanta fé *como um grão de mostarda*, porque então poderá transportar montanhas. É necessária uma coragem puramente humana para renunciar a toda a temporalidade a fim de ganhar a eternidade; mas pelo menos conquisto-a e não posso, uma vez na eternidade, renunciar a ela sem contradição. Porém torna-se indispensável a humilde coragem do paradoxo para alcançar então toda a temporalidade em virtude do absurdo, e esta coragem só a dá a fé. Por ela, Abraão não renunciou a Isaac; por ela, ao contrário, obteve-o. Aquele jovem abastado teria podido despojar-se de tudo o que possuía em troca de resignação; depois disso, o cavaleiro da fé poderia dizer-lhe: *Reaverás cada um dos teus centavos graças ao absurdo; acreditas nisso?* E estas palavras não devem ser, de forma alguma, indiferentes ao jovem; porque, se acaso tudo deu por estar cansado, a sua resignação deixa muito a desejar.

Todo o problema reside na temporalidade, no finito. Posso, graças às minhas forças, renunciar a tudo e encontrar a paz e o repouso na dor. Posso enfim a tudo acomodar-me: mesmo se o cruel demônio, mais terrível do que a morte, terror dos homens, mesmo se a loucura me surgisse aos olhos no seu trajo de bufão e me fizesse compreender pelo aspecto que me era chegada a vez de o vestir, podia ainda salvar a alma, se porventura mais importasse em mim o triunfo do meu amor para com Deus do que a felicidade terrestre. Um homem pode ainda, nesse derradeiro momento, concentrar toda a sua alma num único olhar para o céu, donde emana todo o dom perfeito, e esse olhar será compreendido por ele e por aquele que procura, como sinal de que permanece, apesar de tudo, fiel ao seu amor. Vestirá então tranqüilamente o trajo da loucura. A alma, assim despida desse romantismo, vendeu-se, quer tenha sido pelo preço dum reino quer por uma

miserável moeda de prata. Não consigo porém obter pelas minhas próprias forças a mínima coisa que participe do mundo finito; porque, constantemente, emprego minha força a renunciar a tudo. Posso espontaneamente renunciar à princesa, e em lugar de me lamentar, devo alcançar a alegria, paz e repouso na dor; mas não posso por meus próprios meios voltar a obtê-la, pois utilizo toda a força a ela renunciar. Mas pela fê, diz o assombroso cavaleiro, pela fê receberás a princesa em virtude do absurdo. Ai de mim, que não posso fazer esse movimento. Quando o tento, então tudo se altera e volto a refugiar-me na dor da resignação. Sou capaz de nadar no vazio, peso todavia demasiado para realizar esse movimento místico. Não consigo existir de tal maneira que a minha oposição à existência traduza, a cada momento, a mais maravilhosa e a mais serena harmonia com ela. E, no entanto, deve ser magnífico obter a princesa. Constantemente o repito. O cavaleiro da resignação que não o diz é um mentiroso que nunca conheceu o mais pequeno desejo, nem mesmo soube guardar a juventude do desejo no seio da dor. Talvez deva felicitar-se por ter secado a fonte do desejo e ter embotado a flecha da dor: mas não é um cavaleiro. Uma alma bem nascida que surpreendesse em si tais sentimentos desprezar-se-ia e recomeçaria de novo, e, sobretudo, não suportaria ser o agente do seu próprio engano. E, no entanto, deve ser maravilhoso obter a princesa. Contudo, o cavaleiro da fê é o único feliz, o herdeiro direto do mundo finito, enquanto que o cavaleiro da resignação é um estranho vagabundo. O maravilhoso é obter também a princesa, viver alegre e feliz, dia após dia, com ela, (mas é concebível que o cavaleiro da resignação obtenha também a princesa: a minha alma, porém, viu claramente a impossibilidade da sua felicidade futura). O maravilhoso é viver a cada momento assim ditoso e contente em virtude do absurdo, vendo em cada instante a espada suspensa sobre a cabeça da bem-amada, encontrando não o repouso na dor da resignação, mas a alegria em virtude do absurdo. Aquele que for capaz disso é grande, é o único homem realmente grande, e só o pensar naquilo que ele realiza enche-me a alma de emoção, porque nunca recusei admirar as grandes ações.

Se agora cada um dos meus contemporâneos, ao negar-se a recorrer à fê, avaliou realmente o que há de terrível na vida e compreendeu Daub quando diz que um soldado, sozinho, de arma carregada, junto de um depósito de pólvora, em uma noite de tempestade, alimenta singulares pensamentos; se realmente cada um dos que se negarem a recorrer à fê tem a força de alma necessária para compreender que o desejo era irrealizável e é capaz de permanecer só com esse pensamento; se cada um dos que recusam permanecer na fê encontrou o apaziguamento na dor e através dela; se cada um conseguiu realizar, além disso, o prodigioso (e, se acaso não fez o precedente, não tem razão para se lamentar porque se trata efetivamente da fê); se reouve as coisas deste mundo em virtude do absurdo; então estas linhas constituem o maior elogio feito aos homens do meu tempo, escrito por um deles, que somente conseguiu realizar o movimento da resignação. Mas então por que se não mantêm na fê, por que ouvimos, às vezes, dizer que as pessoas coram ao confessar que têm fê? Eis o que não posso conceber. Se alguma vez conseguisse realizar esse movimento, partiria para o futuro numa carruagem puxada por quatro cavalos.

E é assim de fato. Acaso o espírito da mesquinha burguesia que observo na vida e que não julgo pelas minhas palavras, mas pelos meus atos, não será realmente o que parece? E será ela o verdadeiro prodígio? Podemos admiti-lo, porque o nosso herói da fé oferecia uma flagrante semelhança com esse espírito; não se tratava de um humorista nem de um ironista, mas de alguma coisa de muito diferente. Em nossos dias fala-se demasiado de ironia e de humor, sobretudo aquelas pessoas que não conseguiram nunca fazer nada, mas que, apesar disso sabem explicar tudo. Pessoalmente não desconheço essas duas paixões, sei um pouco mais acerca delas do que se diz nas coleções alemãs e germano-dinamarquesas. Sei, por consequência, que são essencialmente diferentes da paixão da fé. A ironia e o humor refletem-se sobre si próprios e pertencem, por isso, à esfera da resignação infinita; encontram seus motivos no fato de o indivíduo ser incomensurável com a realidade.

Apesar do mais vivo desejo, não posso efetuar o último, o paradoxal movimento da fé, quer ele seja dever ou outra coisa. Tem alguém o direito de afirmar que pode fazê-lo? Cabe-lhe a ele decidir; é um assunto entre ele e o ser eterno, objeto da fé, saber se pode, a esse respeito, acomodar-se. O que está ao alcance de qualquer homem é o movimento da resignação infinita e, pela minha parte, não hesitaria em acusar de covardia quem quer que se julgasse incapaz de o realizar. Porém, em relação à fé, já é uma outra questão. Não é permitido a ninguém fazer acreditar aos outros que a fé tem pouca importância ou é coisa fácil, quando é, pelo contrário, a maior e a mais penosa de todas as coisas.

A história de Abraão é interpretada de outra maneira. Celebra-se a graça de Deus que outorgou Isaac pela segunda vez; em toda a história não se vê senão uma prova. Uma prova: é dizer muito e pouco: e, no entanto, passou-se em menos tempo do que leva a contá-lo. Cavalga-se no Pégaso e, num abrir e fechar de olhos, está-se em Moriia, avista-se o cordeiro; esquece-se de que Abraão fez a caminhada ao passo lento do seu burro, que levou três dias de viagem e que lhe foi necessário um pouco de tempo para acender o fogo, ligar Isaac e afiar a faca.

No entanto, faz-se o elogio de Abraão. O pregador pode dormir sossegado até o último quarto de hora que antecede o seu discurso, e o auditório pode adormecer escutando-o, porque, de um lado e de outro, tudo se passa sem dificuldades nem inconvenientes. Mas, se há na assembléia um homem atingido de insônia, talvez regresse a casa e, sentando-se no seu canto, pense: *Tudo isso se resume num momento; espera apenas um minuto, verás o cordeiro e a prova terá terminado.* Se o orador o surpreende nesta disposição, imagino que vai avançar para ele, muito digno, para o invectivar: *Miserável! Como podes abandonar a tua alma a tal loucura! Não há milagre algum e toda a vida é uma prova!*, e à medida que vai falando, inflama-se, sente-se cada vez mais contente consigo mesmo; e de tal maneira que, se durante o sermão sobre Abraão não se congestionará, sente agora incharem-lhe as veias da testa. E talvez acabe mesmo por perder o fôlego e a palavra, se o pecador lhe responder com tranqüila dignidade: *Olha que eu queria pôr em prática o teu sermão de domingo passado.*

Ou nos é necessário eliminar de uma vez a história de Abraão, ou então temos que compreender o espantoso e inaudito paradoxo que dá sentido à sua

vida, para que possamos entender que o nosso tempo pode ser feliz como qualquer outro, se possuir a fé. Se Abraão não é um zero, um fantasma, um personagem de opereta, o pecador nunca será culpado de tentar imitá-lo; mas convém reconhecer a grandeza da sua conduta para ajuizar se tem a vocação e a coragem de afrontar uma prova semelhante. A única contradição do pregador consiste em que faz de Abraão um personagem insignificante, ao mesmo tempo que exorta a tomá-lo como exemplo.

Urge então abster-nos de pregar acerca de Abraão. Creio, no entanto, que não. Se porventura tivesse que falar sobre ele, pintaria antes de mais a dor da prova. Para terminar, sorveria como sanguessuga toda a angústia, toda a miséria e todo o martírio do sofrimento paternal para apresentar o de Abraão, fazendo notar que, no meio das suas aflições, ele continuava a crer. Recordaria que a viagem durou três dias e ainda uma boa parte do seguinte; e mesmo esses três dias e meio duraram infinitamente mais tempo que os milhares de anos que me separam do patriarca. Chegado a esse ponto, lembraria que, segundo a minha opinião, todos podem dar meia volta antes de subir a Moriça, que todos podem a cada momento arrepender-se da decisão e voltar para trás. Agindo desta maneira, não corro nenhum perigo nem receio, sequer, de despertar em alguns o desejo de sofrerem a prova tal como Abraão. Mas, se alguém quer introduzir uma edição popular de Abraão convidando todos a imitá-lo, cai no ridículo.

É agora meu propósito extrair da sua história, sob forma problemática, a dialética que comporta para ver que inaudito paradoxo é a fé, paradoxo capaz de fazer de um crime um ato santo e agradável a Deus, paradoxo que devolve a Abraão o seu filho, paradoxo que não pode reduzir-se a nenhum raciocínio, porque a fé começa precisamente onde acaba a razão.

PROBLEMA I

Há uma suspensão teleológica da moralidade?

A moralidade, em si, está no geral, e a este título é aplicável a todos. O que pode por outro lado, exprimir-se dizendo que é aplicável a cada instante. Repousa imanente em si mesma, sem nada exterior que seja o seu *telos* sendo ela mesma *telos* de tudo o que lhe é exterior; e uma vez que se tenha integrado nesse exterior não vai mais além. Tomado como ser imediato, sensível e psíquico, o Indivíduo é o Indivíduo que tem o seu *telos* no geral; a sua tarefa moral consiste em exprimir-se constantemente, em despojar-se do seu caráter individual para alcançar a generalidade. Peca o Indivíduo que reivindica a sua individualidade frente ao geral, e não pode reconciliar-se com ele senão reconhecendo-o. De cada vez que o Indivíduo, depois de ter entrado no geral, se sente inclinado a reivindicar a sua individualidade, entra numa crise da qual só poderá libertar-se pela via do arrependimento e abandonando-se, como Indivíduo, no geral. Se tal é o fim supremo destinado ao homem e à sua vida, a moralidade participa então da mesma natureza da eterna felicidade do homem, a qual constitui em cada momento, e para toda a eternidade, o seu *telos* porque haveria contradição em afirmar-se que ela pode ser abandonada (quer dizer, teleologicamente suspensa), visto que, desde o momento em que se suspendeu, está perdida, enquanto que estar suspenso não significa perder-se, mas conservar-se na esfera superior que é o seu *telos*. Se assim sucede, quando Hegel determina o homem unicamente como Indivíduo no seu capítulo: "*O bem e a consciência*," tem razão em considerar essa determinação como uma *forma ética do mal* (cf. sobretudo *A Filosofia do Direito*) que deve ser suprimida na teleologia da moralidade, de modo que o Indivíduo que permanece nesse estágio ou peca ou entra em crise. Pelo contrário, erra ao falar da fé, erra ainda por não protestar em voz bem alta e poderosa contra a veneração e a glória de que Abraão goza como pai da fé, pois que o seu processo deveria ser revisto para o banir como assassino. Com efeito, é a fé esse paradoxo segundo o qual o Indivíduo está acima do geral, mas de tal maneira que, e isso importa, o movimento se repita e, por consequência, o Indivíduo, depois de ter permanecido no geral, se isole logo a seguir, como Indivíduo acima do geral. Se não é este o conteúdo da fé, Abraão está perdido, nunca houve fé no mundo, porque jamais ela passou do geral. Assim, se o que consideramos moral (ou o virtuoso) representa o supremo estágio, se não resta ao homem nada de incomensurável senão o mal, quer dizer, o particular que deve exprimir-se no geral, bastam-nos as categorias

da filosofia grega ou as que dela logicamente se deduzem. E, visto que estudou os gregos, Hegel não devia tê-lo ocultado.

Carecendo de estudos aprofundados e usando e abusando de certas frases, a algumas pessoas se ouve dizer que uma luz brilhante ilumina o mundo cristão, enquanto o paganismo se encontra mergulhado nas trevas. Esta linguagem pareceu-me sempre singular, quando, hoje ainda, todo o pensador refletido, todo o articulista sério rejuvenesce na eterna juventude do povo grego. A frase explica-se porque se não sabe aquilo que se deve dizer, mas apenas que se tem de dizer qualquer coisa. É costume ir-se sempre repetindo que o paganismo não conheceu a fé; mas se alguém supõe ter explicado alguma coisa desta maneira, é então mister informar-nos um pouco melhor do que se deve entender por fé, porque de outro modo, cai-se de novo em frases sem sentido. É fácil explicar a vida toda, incluindo a fé, sem ter bem a idéia do que esta representa; e aquele que especula acerca da admiração causada pela sua teoria não faz mau cálculo; porque, como diz Boileau, *um tolo encontra sempre um tolo ainda maior que o admira*.

A fé é justamente aquele paradoxo segundo o qual o Indivíduo se encontra como tal acima do geral, sobre ele debruçado (não em situação inferior, pelo contrário, sendo-lhe superior) e sempre de tal maneira que, note-se, é o Indivíduo quem, depois de ter estado como tal subordinado ao geral, alcança ser agora, graças ao geral, o Indivíduo, e como tal superior a este; de maneira que o Indivíduo como tal encontra-se numa relação absoluta com o absoluto. Esta posição escapa à mediação que se efetua sempre em virtude do geral. Ela é e permanece eternamente um paradoxo inacessível ao pensamento. A fé é este paradoxo: se assim não suceder (são estas as conseqüências que rogo ao leitor tenha constantemente presentes no seu espírito, porque seria fastidioso recordá-las a cada passo), se assim não suceder, jamais houve fé; por outras palavras Abraão está perdido.

Que o Indivíduo corra o risco de confundir este paradoxo com uma crise religiosa, concordo, mas não é razão suficiente para escondê-lo. Também é verdade que o sistema de certos pensadores os leva a serem repelidos pelo paradoxo, mas isto não é motivo suficiente para falsear a fé com o fim de a integrar no sistema; é preferível então confessar que a não têm deixando àqueles que a possuem a aberta possibilidade de fornecerem regras que permitam discernir o paradoxo da dúvida religiosa.

A história de Abraão comporta esta suspensão teleológica da moralidade. Nunca faltaram espíritos perspicazes nem eruditos para achar casos análogos. Partem deste belo princípio: que, no fundo, tudo é o mesmo. Se observarmos com mais atenção, duvido muito que se encontre uma única analogia na história universal, excetuando um caso ulterior que nada prova, quando se estabeleceu que Abraão representa a fé, e que é nele normalmente que ela se exprime, nele cuja vida não é apenas a mais paradoxal que se possa pensar, mas de tal maneira paradoxal que resulta absolutamente impossível pensá-la. Move-se em nome do absurdo; porque o absurdo consiste em que está como Indivíduo acima do geral. Este paradoxo escapa à mediação; se Abraão a tenta, é-lhe necessário então confessar que se encontra em plena crise religiosa e, nessas condições, não pode nunca vir

a sacrificar Isaac; ou, se o fizer, torna-se-lhe então preciso arrepender-se e reintegrar-se no geral. De novo obtém Isaac em virtude do absurdo. Mas no lance não é, nem por um só momento, herói trágico, mas algo muito diferente: um crente ou um assassino. Falta-lhe a instância intermediária que salva o herói trágico. Este, então, posso eu compreender, mas não Abraão, ainda que, sem motivo razoável, o admire mais do que a qualquer outro homem.

Do ponto de vista moral, a situação de Abraão para com Isaac simplifica-se, dizendo que o pai deve amar o seu filho mais do que a si próprio. No entanto, a moralidade comporta dentro da sua esfera diversos graus; trata-se de saber se encontramos nesta história uma expressão superior da moralidade capaz de explicar, moralmente, a conduta de Abraão e de o autorizar moralmente a suspender o seu dever moral para com o filho sem, no entanto, sair da teleologia deste domínio.

Quando se suspende uma empresa que implica todo o destino de um povo, quando esta é frustrada por uma desgraça caída do céu, quando a divindade irritada impõe ao mar súbita calma que desafia todos os esforços, quando o áugure cumpre a sua tarefa e declara que o deus reclama o sacrifício de uma jovem, o pai deve então, heroicamente, efetuar tal sacrifício. Ocultará com nobreza a sua dor, apesar do desejo de ser *o homem insignificante que ousa chorar*, e não o rei obrigado a agir como tal. E se, na sua solidão, o coração se lhe enche de dor, não tendo entre o seu povo senão três confidentes, em breve todos os súditos conhecerão o seu infortúnio e a nobre ação de consentir, no interesse geral, o sacrifício da sua virgem e amada filha. *Oh, busto encantador, oh, belas faces, cabelos loiros e doirados. (Ifigênia em Áulide, v. 687).* A filha, em pranto, comoverá o seu coração, mas desviando os olhos, o herói levantará a faca. Quando a notícia chegar ao país dos antepassados, as belas virgens da Grécia vão afoguesear-se de entusiasmo, e se a vítima fora prometida, o noivo não se deixará dominar pelo furor mas sentir-se-á orgulhoso por compartilhar na nobre ação do pai, porque a infortunada estava ainda mais ternamente ligada a ele do que ao autor dos seus dias.

Quando o intrépido juiz, que na hora aziaga salvou Israel, se vincula a Deus pelo mesmo voto, deve então, heroicamente, mudar em tristeza a alegria da virgem, o júbilo da filha bem-amada e todo o Israel chorará com ela a sua radiosa juventude. Porém, todo o homem bem-nascido, toda a mulher generosa compreenderá Jefté e todas as virgens de Israel invejarão a virgem imolada; porque para que serviria a vitória assim obtida pelo voto, se Jefté não o respeitasse? Não seria ela retirada ao seu povo?

Quando um filho não cumpre o dever e o Estado confia ao pai o gládio justiciero, quando as leis exigem que o castigo seja infligido pela própria mão paterna, aquele deve heroicamente esquecer que o culpado é seu filho, e até mesmo esconder a dor; mas não há ninguém entre o povo, nem mesmo seu filho que não o admire e todas as vezes que se referirem às leis de Roma, recordar-se-á que muitos as comentaram sabiamente, mas nenhum de forma mais magnífica que Brutus.

Mas se Agamemnon, enquanto um vento favorável enfunava as velas da frota e a conduzia ao porto, tivesse mandado o mensageiro buscar Ifigênia para

a trazer ao sacrifício; se Jefté, sem estar ligado por um voto de que dependessem os destinos do seu povo, tivesse dito à filha: *chora durante dois meses a tua breve juventude, porque te vou imolar*; se Brutus houvesse tido um filho irrepreensível e mesmo assim mandasse os litores executá-lo, quem os teria compreendido? Se, em resposta à pergunta: *por que agiste assim?* tivessem dito: *é uma prova à qual fomos submetidos, tê-los-iam compreendido melhor?*

Quando Agamemnon, Jefté, Brutus, no instante decisivo, dominam heroicamente a dor, quando, perdido o objeto do seu afeto, apenas lhes resta cumprir o sacrifício exterior, pode porventura existir no mundo alguma nobre alma que não verta lágrimas de compaixão pelo seu infortúnio e de admiração pela sua façanha? Mas, se no preciso momento em que devem mostrar o heroísmo com que suportam a tristeza, esses três homens deixassem cair esta simples frase: *isto não sucederá* — quem os compreenderia então? E se acrescentassem como elucidação: *nós assim cremos porque é absurdo*, quem mais os compreenderia? Porque se o absurdo da sua explicação é fácil de entender já assim não sucede quanto à fé no absurdo.

A diferença que separa o herói trágico de Abraão salta aos olhos. O primeiro continua ainda na esfera moral. Para ele toda a expressão da moralidade tem o seu *telos* numa expressão superior da moral: limita essa relação entre pai e filho, ou filha e pai a um sentimento cuja dialética se refere à idéia de moralidade. Por conseguinte não se trata aqui de uma suspensão teleológica da moralidade em si própria.

Muito diferente é o caso de Abraão. Por meio do seu ato ultrapassou todo o estádio moral: tem para além disso um *telos* perante o qual suspende esse estádio. Porque eu gostaria de saber como se pode reconduzir a sua ação ao geral, e se é possível descobrir, entre a conduta dele e o geral, uma outra relação além da de o ter ultrapassado. Não age para salvar um povo, nem para defender a idéia do Estado, nem sequer para apaziguar os deuses irritados. Se pudéssemos evocar a ira da divindade, essa cólera teria unicamente por objeto Abraão, cuja conduta é assunto estritamente privado, estranho ao geral. Assim, enquanto o herói é grande pela sua virtude moral, Abraão é-o por uma virtude estritamente pessoal. Na sua vida, o moral não encontra mais alta expressão que esta: o pai deve amar o filho. De nenhum modo se pode considerar o moral no sentido do virtuoso. Se a conduta de Abraão tivesse, de algum modo, participado do geral, estaria contido em Isaac e, por assim dizer, escondido em seus flancos, e teria então gritado pela sua boca: *não faças isso, aniquilas tudo*.

Então por que é que o fez Abraão? Por amor de Deus, como, de maneira absolutamente idêntica, por amor de si mesmo. Por amor de Deus porque este exige essa prova de fé; e por amor de si mesmo para dar a prova. Esta conformidade encontra o seu termo adequado na frase que sempre tem designado esta situação: é uma prova, uma tentação. Mas que quer dizer uma tentação? Geralmente pretende desviar o homem do dever; mas aqui a tentação é a moral, ciosa de impedir Abraão de realizar a vontade de Deus. Que é, então, o dever? A expressão da vontade de Deus.

Aparece aqui a necessidade de uma nova categoria, se queremos compreender Abraão. O paganismo ignora este gênero de relação com a divindade; o herói trágico não entra em relação privada com ela; para ele a moral é o divino, donde se conclui que então o paradoxo se refere ao geral por mediação.

Abraão recusa essa mediação; em outros termos: não pode falar. Logo que falo, exprimo o geral, e se me calo, ninguém me pode compreender. Quando Abraão se quer exprimir no geral, é-lhe necessário dizer que a sua situação é a da dúvida religiosa, porque não dispõe de expressão mais alta, vinda do geral, que esteja acima do geral que ele ultrapassou.

É por isso que ele me aterroriza ao mesmo tempo que suscita a minha admiração. Aquele que se renega a si próprio e se sacrifica ao dever renuncia ao finito para alcançar o infinito; e não lhe falta segurança; o herói trágico renuncia ao certo pelo mais certo, e o olhar pousa nele com confiança. Mas aquele que renuncia ao geral para alcançar algo mais elevado, mas diferente, que faz? Poder-se-á afirmar que se trata de coisa diferente de uma crise religiosa? E se isso é possível, mas o Indivíduo se engana, que salvação existe para ele? Sofre toda a dor do herói trágico, aniquila a sua alegria terrestre, renuncia a tudo e corre ainda o risco de fechar a si próprio o caminho da alegria sublime, tão preciosa a seus olhos e que ele queria conquistar a todo o preço. Ao vê-lo, não se pode de forma alguma compreendê-lo nem pousar nele um olhar confiante. Será, acaso, o fim que o homem propõe aos seus esforços tão inacessível como inconcebível? Se é acessível, mas se ele se engana a respeito da vontade da divindade, que salvação lhe resta? O herói trágico tem necessidade de lágrimas e reclama-as; e qual é o homem que, ao contemplar Agamemnon com um olhar de inveja, ficaria com os olhos secos e não deixaria de chorar com ele? Mas qual seria a alma extraviada que ousaria chorar com Abraão? O herói trágico realiza o seu ato num momento preciso do tempo; mas no decurso do tempo realiza também uma outra ação de não menos valor: visita aquele cujo peito oprimido não pode respirar nem abafar os suspiros, aquele cuja alma se verga ao peso da tristeza, acabrunhada pelos pensamentos alimentados de lágrimas; aparece-lhe, liberta-a do triste sortilégio, corta os laços, seca as lágrimas; porque se esquece de seus próprios sofrimentos ao pensar nos alheios. Não se pode chorar Abraão. Aproximamo-nos dele com um *horror religiosus*, tal como Israel ao aproximar-se do Sinai. Mas se o solitário que escala a encosta de Moriia, cujo cimo ultrapassa a planície de Áulida em toda a altura do céu, não é mais que um sonâmbulo caminhando tranquilamente para o abismo, enquanto junto da montanha levantamos os olhos, tremendo de angústia, veneração e temor, sem ousar chamá-lo: que seria se este homem tivesse o cérebro perturbado, se ele se tivesse enganado! — Graças sejam eternamente dadas ao homem que estende ao infeliz, assaltado pela angústia da vida e abandonado nu sobre a estrada, a palavra, o vestuário verbal que lhe permite esconder a sua miséria; graças te sejam dadas, nobre Shakespeare, que podes dizer todas as coisas, absolutamente todas, tal como elas são! Mas, no entanto, por que não te referiste nunca a este tormento? Talvez o tenhas guardado para ti, como se guarda o nome da bem-amada, para que nem mesmo o mundo o pronuncie; porque

um poeta adquire o poder dessa palavra que lhe permitirá exprimir todos os graves segredos dos que o cercam, pelo preço de um pequeno segredo que não pode confessar; e um poeta não é um apóstolo, exorciza somente os demônios com o poder do diabo.

Mas quando a moral é assim teleologicamente suspensa, qual é então a existência do Indivíduo sujeito a essa suspensão? Existe como o Indivíduo oposto ao geral. Pecará ele, então? Porque, de acordo com a idéia, há aí uma forma de pecado; do mesmo modo que a criança não peca ignorante da sua existência como tal: de acordo com essa idéia a sua existência não é menos pecaminosa, e a cada momento está submetida às exigências da moral. Ao negar-se que esta forma se presta à repetição de tal forma que não seja o pecado, Abraão está condenado. Como existe então? Ele crê. Tal o paradoxo que o impele até o extremo e que não pode tornar inteligível a ninguém, porque o paradoxo consiste em que se coloca como Indivíduo numa relação absoluta com o absoluto. Mas está Abraão autorizado a isso? Se está, eis novamente o paradoxo, porque não o está em virtude de uma participação qualquer no geral, mas na sua qualidade de Indivíduo.

Como é que, por conseguinte, o Indivíduo se assegura de que está autorizado? É muito fácil regular a vida pela idéia do Estado ou da sociedade. Nesse caso, é igualmente fácil operar a mediação; pois, com efeito, não se aborda de modo algum o paradoxo segundo o qual o Indivíduo está acima do geral; o que posso ainda exprimir de uma maneira típica, dizendo como Pitágoras que o número ímpar é mais perfeito do que o número par. Se nos nossos dias se ouve, às vezes, uma resposta no sentido do paradoxo, pode formular-se deste modo: o resultado permite julgá-lo. Um herói, com plena consciência de ser um paradoxo ininteligível, desafia a sua época, ao mesmo tempo que a escandaliza, ao gritar-lhe: *o resultado mostrará que eu tinha um fundamento, ao agir como agi*. Ouve-se hoje muito raramente este grito, porque se o nosso tempo tem o defeito de não produzir heróis, tem em compensação a vantagem de nos dar deles caricaturas. Quando hoje se ouve esta apóstrofe, sabe-se imediatamente a quem se tem a honra de falar. Os que usarem esta linguagem formam um numeroso grupo e qualifico-os a todos de peões de xadrez. Vivem nos seus pensamentos, cheios de confiança na vida, desfrutam de posição *segura* e têm opiniões *firmes* acerca de um Estado bem organizado; séculos, senão milênios, separam-nos das aflições da vida; não receiam que semelhantes aventuras se repitam; que diria a polícia e os jornais? A sua tarefa consiste em julgar os grandes homens e em julgá-los de acordo com os resultados. Uma tal atitude diante das coisas grandiosas demonstrará singular mistura de orgulho e miséria; de orgulho porque se supõem autorizados a julgar; de miséria porque não sentem nem a mais ínfima parcela de afinidade entre a sua vida e a dos grandes homens. Quem quer que possua um grão de *erectoris ingeni*⁵ tem pelo menos a vantagem de não vir a transformar-se em um frio e flácido molusco; e ao abordar coisas grandiosas jamais perderá de vista que, desde a criação do mundo, foi sempre uso e costume considerar o resultado

último termo, e quando verdadeiramente se quer extrair uma lição das nobres ações torna-se necessário olhar para o seu princípio. Se o homem que quer agir pretende chegar logo ao resultado, nunca começará nada. O herói ignora se o resultado poderá vir a encher o mundo inteiro de alegria, porque dele toma conhecimento quando o ato atinge a sua realização total. E não é por isso que se tornou um herói; foi-o porque começou.

Além disso o resultado, enquanto constitui a resposta do mundo finito ao problema infinito, é, na sua dialética, de uma natureza totalmente diferente da existência do herói. Bastaria, para provar o seu direito a comportar-se como Indivíduo em frente do geral, o fato de Abraão ter recebido Isaac por um *milagre*? Teria sido menos fundado o seu direito se realmente tivesse sacrificado Isaac?

No entanto, sente-se curiosidade por conhecer o resultado como se se tratasse da conclusão de um livro, nada se quer saber da angústia, da tribulação ou do paradoxo. Joga-se com o resultado; chega de um modo imprevisto, mas não menos fácil que um número premiado na loteria; e quando se ouviu anunciá-lo, declararam-se logo edificados. E, no entanto, não há ladrão de igrejas condenado a trabalhos forçados, que seja um criminoso tão vil como o especulador do sagrado, e Judas, que vendeu o seu mestre por trinta dinheiros, não é mais desprezível do que o traficante de ações heróicas.

É contrário aos meus sentimentos falar de tão grandes ações sem humanidade, deixá-las a flutuar nos contornos indecisos de longínquos horizontes, conservar a nobreza que elas encerram, evitando, no entanto, os seus caracteres humanos sem os quais deixam de ser grandes. Porque não é o que me sucede que me eleva mas aquilo que faço; e ninguém pensa que se engrandece pelo fato de lhe ter saído o prêmio na loteria. A um homem de humilde nascimento exijo que não alimente a desumanidade de não poder apresentar-se no palácio do rei, contentando-se em vê-lo de longe, em um vago sonho de magnificência, e, ao mesmo tempo, contraditoriamente, erigindo-o e destruindo-o porque esse palácio foi construído na sua mente sem nobreza: exijo que seja suficientemente homem para se aproximar do palácio, pleno de confiança e dignidade. Não deve ter a impudente desumanidade de calcar aos pés todas as conveniências saltando da rua para os aposentos do soberano. Em tal caso terá mais a perder que o rei; pelo contrário, deve ter o prazer de observar a etiqueta, com alegre encanto e confiança em si próprio, o que lhe dará uma coragem franca. Trata-se aqui apenas de uma imagem: por isso que esta diferença não passa de equivalente muito imperfeito das distâncias que se observam no mundo do espírito. Exijo que o homem afaste de si todo o pensamento desumano, que o inibiria de entrar nesses palácios, onde habitam, não somente a recordação dos eleitos, mas eles próprios. Não se deve avançar por entre eles invocando um parentesco; em boa verdade deve cada um sentir-se pleno de alegria todas as vezes que se inclina diante deles, mas deve ao mesmo tempo ser pelo menos mais corajoso e confiante do que uma criada de servir, porque jamais alguém será admitido neste círculo se não assumir um pouco mais de educação. E encontrar-se-á lenitivo nessa angústia e nessa tribulação que os grandes homens conheceram; e se não, se não se possui um pouco de tutano nos ossos, esses

grandes só despertariam um justo ciúme. E as coisas grandiosas, somente a distância, as coisas às quais se pretende conferir uma elevação feita de palavras ocas, ficam, assim, reduzidas por isso a si próprias, a nada.

Quem alcançou neste mundo grandeza igual à dessa bendita mulher, a mãe de Deus, a virgem Maria? No entanto, como se fala dela? A sua grandeza não provém do fato de ter sido bendita entre as mulheres, e se uma estranha coincidência não levasse a assembléia a pensar com a mesma desumanidade do predador, qualquer jovem devia, seguramente, perguntar: *Por que não fui eu também bendita entre as mulheres?* Se se não possuísse outra resposta, de forma alguma acharia ter de rejeitar esta pergunta, pretextando a sua falta de senso; porque, no abstrato, em presença de um favor, todos têm os mesmos direitos. São esquecidos a tribulação, a angústia, o paradoxo. Meu pensamento é tão puro como o de qualquer outro; e ele purifica-se, exercendo-se sobre as coisas. E se não se enobrecer pode-se então esperar pelo espanto; porque se essas imagens foram alguma vez evocadas jamais poderão ser esquecidas. E se contra elas se peca, extraem da sua muda cólera uma terrível vingança, mais terrível do que os rugidos de dez ferozes críticos. Maria, indubitavelmente, deu à luz o filho graças a um milagre, mas no decorrer de tal acontecimento foi como todas as outras mulheres, e esse tempo é o da angústia, da tribulação e do paradoxo. O anjo foi, sem dúvida, um espírito caritativo, mas não foi complacente porque não foi dizer a todas as outras virgens de Israel: *Não desprezeis Maria, porque lhe sucedeu o extraordinário.* Apresentou-se perante ela só e ninguém a pôde compreender. No entanto, que outra mulher foi mais ofendida do que Maria? Pois não é também verdade que aquele a quem Deus abençoa é também amaldiçoado com o mesmo sopro do seu espírito? É desta forma que se torna necessário, espiritualmente, compreender Maria. Ela não é, de maneira alguma, uma formosa dama que brinca com um deus menino, e até me sinto revoltado ao dizer isto e muito mais ao pensar na afetação e ligeireza de tal concepção. Apesar disso, quando diz: *sou a serva do Senhor*, ela é grande e imagino que não deve ser difícil explicar por que razão se tornou mãe de Deus. Não precisa, absolutamente nada, da admiração do mundo, tal como Abraão não necessita de lágrimas, porque nem ela foi uma heroína, nem ele foi um herói. E não se tornaram grandes por terem escapado à tribulação, ao desespero e ao paradoxo, mas precisamente porque sofreram tudo isso. Há grandeza em ouvir dizer ao poeta, quando apresenta o seu herói trágico à admiração dos homens: *chorai por ele; merece-o*; porque é grandioso merecer as lágrimas dos que são dignos de as derramar; há grandeza em ver o poeta conter a multidão, corrigir os homens e analisá-los um por um para verificar se são dignos de chorar pelo herói, porque as lágrimas dos vulgares chorões profanam o sagrado. Contudo ainda é mais grandioso que o cavaleiro da fé possa dizer ao nobre caráter que quer chorar por ele: *não chores por mim, chora antes por ti próprio.*

A emoção invade-nos; regressa-se aos tempos afortunados; um doce e lânguido desejo condu-los à satisfação de avistarem Jesus nos caminhos da terra prometida. Esquece-se a angústia, a tribulação, o paradoxo. Era assim tão fácil não errar? Não era terrível que fosse Deus esse homem que andava com os

outros? Não era terrível estar sentado à mesa com ele? Era assim tão fácil ser apóstolo? Mas o resultado, dezoito séculos de cristianismo, serve para alguma coisa: para esta abjeta burla pela qual cada um se engana a si e engana os outros. Não sinto coragem para desejar ser o contemporâneo desses acontecimentos; mas também, se não julgo severamente os que se enganaram, não avalio mediocrememente os que viram certo. Regresso a Abraão. Durante o tempo que precedeu o resultado, ou Abraão foi a cada momento um assassino, ou então estamos em presença de um paradoxo que escapa a todas as mediações.

A história de Abraão comporta uma suspensão teleológica da moral. Como Indivíduo, superou o geral. Tal é o paradoxo que se recusa à mediação. Não se pode explicar nem como aí entra nem como aí permanece. Se não é este o caso de Abraão, nem sequer este alcança ser herói trágico, é um assassino. E então é tolice persistir em chamar-lhe o pai da fé, e conversar a seu respeito com pessoas desejosas de ouvir mais do que palavras. O homem pode chegar a ser um herói trágico, pelas suas próprias forças, mas não um cavaleiro da fé. Quando um homem se embrenha no caminho, penoso em um sentido, do herói trágico, muitos devem estar em condições de o aconselhar; mas àquele que se segue a estreita senda da fé, ninguém o pode ajudar, ninguém o pode compreender. A fé é um milagre; no entanto ninguém dela está excluído; porque é na paixão⁶ que toda a vida humana encontra a sua unidade, e a fé é uma paixão.

PROBLEMA II

Há um dever absoluto para com Deus?

A moralidade é o geral e, como tal, também o divino. Por conseguinte, há razão em dizer que todo o dever é, no fundo, dever para com Deus; mas se não se pode acrescentar mais nada, limito-me a dizer, ao mesmo tempo, falando com propriedade, que não tenho nenhum dever para com Deus. O dever constitui-se como tal quando é referido a Deus, mas no dever propriamente dito, não entro em relação com o divino. Assim sucede com o dever de amar o próximo: é dever, na medida em que este amor está referido a Deus; no entanto, no dever, não entro em relação com ele mas com o próximo que amo. Se digo, segundo esta relação, que é um dever amar Deus, enuncio uma simples tautologia, sendo aqui tomado *Deus* no sentido totalmente abstrato de divino, de geral, de dever. Toda a vida da humanidade arredonda-se então e toma a forma de uma esfera perfeita, de que a moral é ora o limite ora o conteúdo. Deus torna-se um ponto invisível e dissipa-se como um pensamento sem consistência; seu poder só se exerce no moral que enche a vida. Portanto, se um homem tem a idéia de amar Deus em sentido diferente daquele que se acaba de indicar, esse homem desvaira, ama um fantasma que, se chegasse a ter forças para falar, lhe diria: *Não peço o teu amor, fica na tua esfera*. Se cremos amar Deus de outra forma, este amor torna-se tão suspeito como aquele de que fala Rousseau, e segundo o qual um homem ama os cafres, em lugar de amar o seu próximo.

Se estes pontos de vista são exatos, se não há nada incomensurável na vida humana, se o incomensurável que nela terá aparece por um acaso do qual nada advém, na medida em que a existência é contemplada, segundo a idéia, então Hegel tem razão; mas equivoca-se ao falar da fé e ao autorizar a que se fale de Abraão como pai da fé, porque invocando a outra alternativa, condenou Abraão e a fé. Na sua filosofia, *das Aeussere (die Entausserung)*⁷ é superior à *das Innere*,⁸ como freqüentemente se mostra por um exemplo. A criança é *das Innere*, o homem *das Aeussere*; donde se segue que a criança está determinada pelo exterior; inversamente o homem, como *das Aeussere*, está determinado por *das Innere*. A fé é, pelo contrário, este paradoxo: o interior é superior ao exterior, ou, para retomar uma fórmula precedente, o número ímpar é superior ao número par.

Na concepção moral da vida, trata-se, deste modo, para o Indivíduo, de o despojar da sua interioridade, para o exprimir em algo de exterior. Todas as vezes que isso lhe repugna, todas as vezes que é retido por algum sentimento, disposição, etc., de ordem íntima, ou que recai no interior, peca contra si mesmo e entra num estado de crise ansiosa. O paradoxo da fé consiste em que há uma interioridade incomensurável em relação à exterioridade, e esta interioridade, importa notá-lo, não é idêntica à precedente, mas uma nova interioridade. É preciso não esquecê-lo. A nova filosofia permitiu-se substituir, pura e simplesmente, o imediato pela "fé". Quando se age desta maneira é ridículo negar que a fé existiu sempre. Assim entra na companhia, bastante vulgar, do sentimento, do humor, da idiossincrasia, dos fumos, etc. Neste sentido a filosofia pode ter razão ao afirmar que não é necessário recorrer à fé. Mas nada a autoriza a tomar as palavras nesta acepção. A fé é precedida de um movimento de infinito; é somente então que ela aparece, *nec inopinate*,⁹ em virtude do absurdo. Posso compreendê-lo, sem por isso pretender que possuo a fé. Se ela não é outra coisa senão o que a filosofia diz, já Sócrates foi mais longe, muito mais longe, enquanto que, no caso contrário, não a alcançou. Fez o movimento infinito do ponto de vista intelectual. A sua ignorância não é outra coisa senão a resignação infinita. Esta tarefa é já suficiente para as forças humanas, ainda que hoje seja desdenhada; mas, antes de tudo, é necessário tê-la realizado, é necessário primeiro que o Indivíduo se haja esgotado na infinitude, para chegar então ao ponto em que a fé pode surgir.

O paradoxo da fé consiste portanto em que o Indivíduo é superior ao geral, de maneira que, para recordar uma distinção dogmática hoje já raramente usada, o Indivíduo determina a sua relação com o geral tomando como referência o absoluto, e não a relação ao absoluto em referência ao geral. Pode ainda formular-se o paradoxo dizendo que há um dever absoluto para com Deus; porque, nesse dever, o Indivíduo se refere como tal absolutamente ao absoluto. Nestas condições, quando se diz que é um dever amar Deus, exprime-se algo que difere do anteriormente dito; porque se esse dever é absoluto, a moral encontra-se rebaixada ao relativo. De qualquer modo não se segue daí que a moral deva ser abolida, mas recebe uma expressão muito diferente, a do paradoxo, de forma que, por exemplo, o amor para com Deus pode levar o cavaleiro da fé a dar ao seu amor para com o próximo a expressão contrária do que, do ponto de vista moral, é o dever.

Se assim não é, a fé não tem lugar na vida, é uma crise, e Abraão está perdido, visto que cedeu.

Este paradoxo não se presta à mediação, porque repousa no fato de o Indivíduo ser exclusivamente Indivíduo. Desde que ele quer exprimir o seu dever absoluto no geral e tomar consciência de aquele neste, reconhece que está em crise e, apesar da sua resistência a esta perturbação, não consegue realizar o tal dever absoluto; e se não resiste, peca, ainda que o seu ato traduza *realiter* o que era seu dever absoluto. Que deveria Abraão fazer? Se dissesse a outro: *Amo Isaac acima*

de tudo; é por isso que me é tão doloroso sacrificá-lo, o seu interlocutor responder-lhe-ia, encolhendo os ombros: *Então por que é que o queres fazer?* A menos que, cheio de sutileza, descobrisse que Abraão fazia ostentação dos seus sentimentos em flagrante contraste com a sua conduta.

Encontramos um paradoxo deste gênero na história de Abraão. Do ponto de vista moral, a relação que mantém com Isaac exprime-se dizendo que o pai deve amar o filho. Esta relação moral está referida ao relativo e opõe-se à relação absoluta com Deus. Se se pergunta por quê, Abraão não pode invocar outra coisa senão a prova, a tentação, o que, como já se disse, exprime a unidade de uma conduta em que se age por amor de Deus e por amor de si próprio. A linguagem usual realça também a correspondência destes dois termos. Um homem faz uma coisa que não entra no geral: diz-se que não agiu por amor de Deus, querendo exprimir com isso que agiu por amor de si próprio. O paradoxo da fé perdeu a instância intermediária, o geral. Por um lado, a fé é a expressão do supremo egoísmo: realiza o terrificante, realiza-o por amor de si próprio; por outro lado é a expressão do mais absoluto abandono, atua por amor de Deus. Não pode entrar no geral pela mediação; porque, dessa maneira, destruí-lo-ia. A fé é esse paradoxo, e o Indivíduo não pode de forma alguma fazer-se compreender por ninguém. Supõe-se, sei-o muito bem, que o pode fazer perante o seu semelhante colocado em igual situação. Esta idéia seria inconcebível se, nos nossos dias, não se procurasse por tantas maneiras o insinuar-se sub-repticiamente nas coisas grandiosas. Um cavaleiro da fé não pode de maneira alguma socorrer um outro. Ou o Indivíduo se transforma em cavaleiro da fé, carregando ele mesmo o paradoxo, ou nunca chega realmente a sê-lo. Nessas regiões, não se pode pensar em ir acompanhado. O Indivíduo nunca pode receber, senão de si próprio, a explicação aprofundada do que é necessário entender-se por Isaac. E se, do ponto de vista do geral, se pudesse exatamente determiná-lo (por outro lado haveria uma contradição terrivelmente ridícula em colocar o Indivíduo, que está fora do geral, nas categorias gerais, pois que ele deve agir na sua qualidade de Indivíduo que se acha fora do geral), o Indivíduo nunca poderá, no entanto, assegurar-se disso pelos outros senão por si mesmo, como Indivíduo. Assim, ainda que um homem fosse suficientemente covarde e miserável para pretender tornar-se um cavaleiro da fé sob a responsabilidade de outrem, não o poderia conseguir; porque unicamente o Indivíduo chega a sê-lo como Indivíduo; aí reside sua grandeza que posso compreender mas não atingir, por falta de coragem; aí reside também o espanto, e esse posso ainda melhor concebê-lo.

Encontra-se, como é sabido, uma notável doutrina sobre o dever absoluto para com Deus no *Evangelho de S. Lucas* (14, 26): *se alguém vem a mim e não odeia seu pai, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs e até sua própria vida, não pode ser meu discípulo*. Esta frase é violenta; quem a poderia escutar? Por isso muito raramente ouvida. Esse silêncio não passa, todavia, de um vão subterfúgio. Porque o estudante em teologia aprende que aquelas palavras se encontram no Novo Testamento e acha em qualquer manual de exegese que *misein* nesta passagem e em algumas outras significa, por atenuação: *minus diligo, posthabeo*,

non colo, nihil facio.^{1º} O contexto, no entanto, não me parece apoiar a elegante interpretação. Porque, num versículo mais adiante, se acha a história do homem que, querendo construir uma torre, começa por calcular a despesa com medo de se ter enganado. A estreita relação desta parábola com o versículo citado parece significar que os termos devem ser tomados em todo o seu terrível rigor, para que cada um prove por si mesmo se é capaz de erigir essa torre.

Se este piedoso e sentimental exegeta que supõe, com estes regateios, fazer entrar de contrabando no mundo o cristianismo conseguisse convencer o aluno que tal é realmente, segundo a gramática, a lingüística e a analogia, o sentido dessa passagem, chegaria indubitavelmente a persuadi-lo de que o cristianismo é o que de mais lamentável há no mundo. Porque a doutrina que, numa das suas mais belas expressões líricas e onde ressalta mais fortemente a consciência do valor eterno, não diz mais que uma palavra estrepitosa e vazia de sentido, recomendando simplesmente menos boa vontade, menos atenção e mais indiferença; a doutrina que, no momento em que parece assustar, dá meia volta e balbucia: doutrina assim não vale a pena de alguém se levantar para a seguir.

As palavras são terríveis, mas creio que podem compreender-se sem ter, com isso, a coragem de as pôr em prática. É imperioso ter a lealdade de reconhecer o que está escrito, de confessar-lhe a grandeza, mesmo quando se não tenha a coragem de nos conformarmos. Dessa maneira, não nos privamos do benefício que desse belo relato nos pode advir, porque, em um certo sentido, encerra uma consolação para aquele que não tem a audácia de empreender a construção da torre. Mas é preciso ser honesto e evitar dar o nome de humildade a esta falta de coragem, pois que, muito pelo contrário, se trata de orgulho; a coragem da fé é o único ato de humildade.

Vê-se que se a passagem citada tem um sentido, deve ser tomado à letra. Deus é aquele que exige amor absoluto mas o que, ao requerer o amor de uma pessoa, pretende ao mesmo tempo que este amor se manifeste pela tibieza em relação a tudo o que, à sua volta, tem de querido, acrescenta ao egoísmo a patetice, e assina a sua sentença de morte por mais que ponha a sua vida na paixão que dessa maneira solicita. Assim um marido exige de sua mulher que abandone pai e mãe, mas se considerasse uma prova de amor extraordinário para consigo, a tibieza que mostra para com eles, por sua causa, seria o último dos tolos. Se tem uma idéia do que é o amor, terá prazer em descobrir, na perfeita afeição filial e fraternal de sua mulher, a segura prova de que ela o amará mais do que a qualquer outro no reino. Mas, graças a um exegeta, é preciso considerar como uma idéia digna da divindade o que no homem passaria por sinal de egoísmo e de tolice.

Então como odiar o próximo? Não quero recordar nesta altura a distinção que costumamos fazer entre o amor e o ódio, não porque achasse ter algo de novo a acrescentar, ainda que seja o testemunho da paixão, mas porque é egoísta e não convém aqui. Pelo contrário, se considero a tarefa como um paradoxo, compreen-

do-a, como se pode compreender um paradoxo. O dever absoluto pode então levar à realização do que a moral proibiria, mas de forma alguma pode incitar o cavaleiro da fé a deixar de amar. É o que mostra Abraão. No momento em que quer sacrificar Isaac, a moral diz que ele o odeia. Mas se assim é realmente, pode estar seguro de que Deus lhe não pede esse sacrifício; com efeito Caim e Abraão não são idênticos. Este deve amar o filho com toda a sua alma; quando Deus lho pede, deve amá-lo se possível, ainda mais e é então somente que pode *sacrificá-lo*; porque este amor que dedica a Isaac é o que, pela sua posição paradoxal ao amor que tem por Deus, faz do seu ato um sacrifício. Mas a tribulação e a angústia do paradoxo fazem que Abraão não possa ser compreendido, de nenhuma forma, pelos homens. É somente no instante em que o seu ato está em contradição absoluta com o seu sentimento, que ele sacrifica Isaac. No entanto, é pela realidade do seu ato que pertence ao geral e, neste domínio, é e continua a ser um assassino.

É preciso ainda ouvir o texto de Lucas de forma a ver que o cavaleiro da fé não encontra absolutamente nenhuma expressão do geral (concebido como moral) capaz de o salvar. Quando, por exemplo, é a igreja que exige este sacrifício de um dos seus membros, encontramos apenas em presença de um herói trágico. A idéia de igreja, com efeito, não difere qualitativamente da de Estado, desde que o Indivíduo pode entrar aí pela mediação, e, quando entrou no paradoxo, não chega à idéia de igreja; encerrado dentro do paradoxo, encontra nele, necessariamente, ou a sua felicidade ou a sua perdição. O herói que obedece à igreja exprime, na sua ação, o geral, e não há ninguém aí, nem mesmo o pai e a mãe, que não o compreendam. Mas ele é o cavaleiro da fé e dá uma resposta diferente da de Abraão; não diz tratar-se de uma prova ou de uma tentação a que foi submetido.

Evita-se, geralmente, citar textos como este de Lucas. Receia-se libertar o homem das cadeias; teme-se o pior logo que o Indivíduo se propõe conduzir-se como tal. Dito de outro modo, pensa-se que existir como Indivíduo é a mais fácil das coisas e por conseguinte interessa constranger os homens a alcançarem o geral. Não partilho nem deste receio, nem desta opinião e pelo mesmo motivo. Quando se sabe, por experiência, que não há nada de mais terrível que existir na qualidade de Indivíduo, não se deve temer afirmar que não há nada de maior; mas também é-se obrigado a exprimi-lo de maneira a não fazer dessas palavras uma ratoeira para o extraviado que é necessário, antes de mais, reconduzir ao geral, ainda quando as suas palavras não deixem lugar ao heroísmo. Se não se ousa citar semelhantes textos, também se não deve ter o atrevimento de mencionar Abraão; e se pensamos que é relativamente fácil existir como Indivíduo, mostramos indiretamente uma inquietante indulgência para conosco; porque se realmente se tem respeito por si próprio e cuidado com a alma, está-se seguro de que aquele que vive sob o seu próprio domínio, sozinho no seio do mundo, leva uma vida mais austera e mais isolada que a de uma jovem no seu quarto. Não faltam pessoas a quem é necessária a sujeição e que, entregues a si próprias, se lançariam como animais selvagens no egoísmo do prazer; nada mais verdadeiro; mas trata-se precisamente de mostrar que não se pertence a esse número, testemu-

nhando que se pode falar com temor e tremor; e deve-se fazê-lo por respeito às coisas grandiosas, a fim de que elas não caiam no esquecimento, por receio das funestas conseqüências que se evitarão se se falar, sabendo que se trata de coisas grandiosas, conhecendo os seus terrores, sem o que nada se conhece da sua grandeza.

Examinemos um pouco mais de perto a tribulação e a angústia contidas no paradoxo da fé. O herói trágico renuncia a si mesmo para exprimir o geral; o cavaleiro da fé renuncia ao geral para se converter em Indivíduo. Já o disse, tudo depende da atitude que se adote. Se supomos relativamente fácil ser Indivíduo, pode-se estar seguro de que não se é cavaleiro da fé: porque os pássaros em liberdade e os gênios vagabundos não são os homens da fé. Pelo contrário, o cavaleiro da fé sabe que é magnífico pertencer ao geral. Sabe que é belo e benéfico ser o Indivíduo que se traduz no geral e que, por assim dizer, dá de si próprio uma edição apurada, elegante, o mais possível correta, compreensível a todos; sabe quanto é reconfortante tornar-se compreensível a si próprio no geral, de forma a compreender este, e que todo o Indivíduo que o compreenda a ele compreende o geral, ambos usufruindo da alegria que a segurança do geral justifica. Sabe quanto é belo ter nascido como Indivíduo que tem no geral a sua pátria, a sua acolhedora casa, sempre pronta a recebê-lo todas as vezes que lá queira viver. Mas sabe, ao mesmo tempo, que acima desse domínio serpenteia um caminho solitário, estreito e escarpado; sabe quanto é terrível ter nascido isolado, fora do geral, caminhar sem encontrar um único companheiro de viagem. Sabe perfeitamente onde se encontra e como se comporta em relação aos homens. Para eles, é louco e não pode ser compreendido por ninguém. E no entanto, louco é o menos que se pode dizer. Se não se olha para ele deste ângulo, então considera-se hipócrita, e tanto mais cruelmente quanto mais alto trepou pelo escarpado caminho.

O cavaleiro da fé conhece o entusiasmo que dá a renúncia ao sacrificar-se pelo geral, quanta coragem é necessária para isso; mas também sabe que há nessa conduta uma segurança que se obtém ao agir pelo geral; sabe que é magnífico ser compreendido por todas as almas nobres, e de tal forma, que aquele que o considera ainda se enobrece a si próprio. Tudo isto ele sabe, e sente-se como se estivesse agrilhado; desejaria que essa tarefa fosse a sua. Abraão teria assim podido desejar, por vezes, que o seu papel fosse amar Isaac como convém a um pai, amor inteligível para todos, e para sempre inolvidável; podia desejar que a sua tarefa consistisse em sacrificar Isaac no interesse geral, e despertar nos pais o entusiasmo das façanhas gloriosas — sentimo-nos quase espantados ao pensar que estes desejos não passam de crises e como tal devem ser tratados; porque ele sabe que percorre um caminho solitário, que nada fez no interesse geral, mas que simplesmente sofre uma provação e uma tentação. Então, que fez Abraão pelo geral? Permitam-me falar disto como um homem, com toda a humanidade! Recebe, passados setenta anos, o filho da velhice. Esse bem que outros obtiveram tão rapidamente para o poderem gozar por muito tempo, espera ele setenta anos; e por quê? Porque sofreu uma prova e uma tentação. Não é loucura!

Mas Abraão acreditou; somente Sara sentiu vacilar a sua fé, e induziu Abraão a tomar Agar como concubina; mas por isso teve de a expulsar. Recebe

Isaac, e de novo deve sofrer a prova. Conhecia a beleza de exprimir o geral, a magnífica alegria de viver com Isaac. Mas não é essa a sua missão. Sabia que sacrificar semelhante filho ao bem geral era digno de um rei; nele teria encontrado o repouso; e assim como a vogal descansa na consoante que a apóia, do mesmo modo todos aqueles que o celebram teriam encontrado apoio na sua ação, mas tal não é a sua missão — deve sofrer a prova! Aquele famoso capitão romano conhecido por Cunctator conteve o inimigo com contemporizações: mas em comparação, que contemporizador não é Abraão! Porém ele não salva o Estado. Tal é a substância de cento e trinta anos. Quem poderia suportar esta expectativa? O seu contemporâneo, se algum ainda existisse, teria dito: *Abraão não se cansou de esperar e finalmente teve um filho; foi preciso tempo! E agora eis que o quer sacrificar. Não estará louco? Se, no entanto, pudesse explicar-se... mas repete sempre que se trata de uma prova.* Também Abraão não poderia dizer muito mais, porque a sua vida é como um livro sob o seqüestro divino, e que não se torna *juris publici*.¹¹

Isso é que é terrível. Se não o vimos, podemos estar certos de que não se trata de um cavaleiro da fé; mas, se alguém nota, não poderá negar que mesmo o mais sofredor herói trágico tem o ar de ir a um baile, quando comparado com o cavaleiro que só consegue avançar lenta e penosamente. Se o reconhecemos e estamos seguros de que não temos a coragem de o compreender, imagine-se a maravilhosa glória obtida por este cavaleiro que se torna familiar a Deus, amigo do Senhor, e que, para me exprimir numa forma completamente humana, trata por tu o Senhor, a quem até mesmo o herói trágico não fala senão na terceira pessoa.

O herói trágico rapidamente terminou o combate; realizou o movimento infinito e agora encontra a segurança no geral. Pelo contrário, o cavaleiro da fé sofre uma constante prova, a cada momento tem uma possibilidade de regressar, arrependendo-se, ao seio do geral, e essa possibilidade tanto pode ser crise como verdade. Não pode pedir a ninguém que o ilumine, porque então colocar-se-ia fora do paradoxo.

O cavaleiro da fé possui, portanto, em primeiro lugar, a paixão necessária para concentrar toda a moral com que rompe num único ponto: o poder ter a certeza de que ama realmente Isaac com toda a sua alma.¹² Se não o faz, está em crise. Por outras palavras, possui paixão suficiente para mobilizar, num abrir e

fechar de olhos, toda essa segurança e de tal maneira que nada perde da sua primitiva realidade. Se não pode fazê-lo, permanece no mesmo lugar, porque, então, é-lhe mister recomeçar constantemente. O herói trágico converte também num ponto decisivo a moral que superou teleologicamente; mas encontrou a este respeito um apoio no geral. O cavaleiro da fé só dispõe, em tudo e para tudo, de si próprio: daí o terrível da situação. A maior parte dos homens vive numa obrigação moral que, dia após dia, evita cumprir; mas também nunca alcança essa concentração apaixonada, essa consciência enérgica. Para a obter, o herói trágico pode, em certo sentido, pedir o socorro ao geral, mas o cavaleiro da fé está só em todos os momentos. O herói trágico realiza essa concentração e encontra o repouso no geral, o cavaleiro da fé despende um esforço constante. Agamemnon renuncia a Ifigênia e dessa maneira encontra o repouso no geral; pode, então, sacrificá-la. Se não realiza o movimento, se no momento decisivo a sua alma, em vez de operar a concentração apaixonada, se perde em ninharias gerais, como o pensar por exemplo que tem outras filhas e que *vielleicht*¹³ poderia ainda suceder *das Ausserordentliche*,¹⁴ é claro que não é um herói, mas um homem pronto a entrar no manicômio. Abraão também conhece a concentração do herói, ainda que seja nele muito mais difícil, por falta de apoio no geral, mas efetua também um outro movimento pelo qual recolhe a sua alma, pronto para o prodígio. Se não o fez, não é mais que um Agamemnon, na medida em que se pode ainda justificar o sacrifício de Isaac quando não tem utilidade para o geral.

Só o Indivíduo pode decidir-se se está verdadeiramente em crise ou se é um cavaleiro da fé. No entanto, o paradoxo permite mostrar alguns caracteres que quem não se ache nesta situação pode também compreender. O verdadeiro cavaleiro da fé encontra-se sempre no absoluto isolamento; o falso cavaleiro é sectário, quer dizer que tenta sair da estreita vereda do paradoxo para se tornar um herói trágico barato. O herói trágico exprime o geral e sacrifica-se por ele. Em vez de assim atuar, o polichinelo sectário possui um teatro privado, alguns bons amigos e companheiros que representam o geral tão bem como os assessores de *A Tabaqueira de Ouro* representam a justiça. O cavaleiro da fé, pelo contrário, é o paradoxo, é o Indivíduo, absoluta e unicamente o Indivíduo, sem conexões nem considerações. É essa a sua terrível situação, que o débil sectário não pode suportar. Em lugar de tirar como conclusão, o reconhecer a sua incapacidade para fazer o que é grande e confessá-lo sinceramente, o que não posso deixar de aprovar pois que é afinal a minha atitude, o pobre diabo supõe que juntando-se a alguns dos semelhantes poderá alcançar o termo do seu intento. Mas de modo algum terá êxito, pois o mundo do espírito não se deixa enganar. Uma dezena de sectários dão-se as mãos; não compreendem absolutamente nada acerca das crises de solitude que esperam o cavaleiro da fé e às quais não pode subtrair-se porque seria ainda mais terrível abrir caminho com demasiada audácia. Os sectários ensurdecem-se uns aos outros fazendo grande algazarra, mantêm afastada a

angústia graças aos seus gritos, e este conjunto de gente ululante de medo supõe poder assaltar o céu e trilhar o caminho do cavaleiro da fé; mas este, na solidão do universo, jamais ouve uma voz humana; avança sozinho com sua terrível responsabilidade.

O cavaleiro da fé já não encontra outro apoio senão em si próprio; sofre por não poder fazer-se compreender, mas não sente nenhuma vã necessidade de guiar os outros. A sua dor é a sua segurança; ignora o vão desejo, a sua alma é demasiada séria para isso. O falso cavaleiro atraíça-se por esse domínio adquirido num momento. Ele não compreende que se outro Indivíduo vai seguir o mesmo caminho deve tornar-se em Indivíduo exatamente da mesma maneira, sem ter, por consequência, necessidade de diretivas de ninguém, e, sobretudo, de quem as pretenda impor. Aqui de novo ele sai da senda do paradoxo, não pode suportar o martírio da incompreensão; prefere, o que é muito cômodo, impor-se à admiração do mundo mostrando a sua capacidade de domínio. O verdadeiro cavaleiro da fé é uma testemunha, nunca um mestre; nisso reside a sua profunda humanidade muito mais significativa que essa frívola participação na felicidade ou na desgraça de outrem, honrada com o nome de simpatia, quando afinal não passa de pura vaidade. Quer-se ser simplesmente testemunha: confessa-se implicitamente que ninguém, nem mesmo o último dos homens, tem necessidade de compaixão humana, nem de mostrar o seu aviltamento para que um outro faça disso um pedestal. Mas como esta testemunha não conseguiu facilmente o que ganhou, também não o vende por baixo preço e não tem a baixeza de aceitar a admiração dos homens para lhes oferecer, em troca, o seu desprezo; sabe que a verdadeira grandeza é, igualmente, acessível a todos.

Por conseguinte, ou há um dever absoluto para com Deus, e nesse caso, trata-se do paradoxo atrás descrito, segundo o qual o Indivíduo está, como tal, acima do geral e se encontra em relação absoluta com o absoluto, ou então nunca teve fé porque ela sempre existiu, ou ainda então Abraão está perdido, a menos que se explique o texto de Lucas (14) tal como fazia o elegante exegeta e se interpretem de forma semelhante as passagens correspondentes e análogas.

PROBLEMA III

Pode moralmente justificar-se o silêncio de Abraão perante Sara, Eliezer e Isaac?

A moralidade é, como tal, o geral e a este último título ainda o manifesta. Definido como ser imediatamente sensível e psíquico, o Indivíduo é ser oculto. A sua tarefa moral consiste então em se libertar do secreto para se manifestar no geral. Todas as vezes que quer permanecer oculto, comete um pecado e entra numa crise de onde só pode sair pela manifestação.

Eis-nos de novo no mesmo ponto. Se não há um interior oculto, e justificado pelo fato de o Indivíduo como tal ser inferior ao geral, a conduta de Abraão é insustentável, porque desdenhou as instâncias morais intermediárias. Mas se possui esse interior oculto, estamos em presença de paradoxo irreduzível à mediação visto que repousa no fato de o Indivíduo, como tal, estar acima do geral, e de este ser mediação. A filosofia hegeliana não admite um interior oculto, um incomensurável fundamentado em direito. Conseqüente ao reclamar a manifestação, não está, entretanto, na verdade quando pretende considerar Abraão como pai da fé e dissertar a tal respeito. Porque a fé não é a primeira imediatidade, mas imediatidade ulterior. A primeira imediatidade é do domínio estético, e aqui a filosofia hegeliana pode ter razão. Mas a fé não pertence ao estágio estético: ou então não há fé, porque ela sempre existiu.

O melhor, neste caso, é encarar toda a questão do ponto de vista estético e proceder para este efeito a exame desse domínio, rogando ao leitor que a ele aceda provisoriamente sem reservas, enquanto eu, para contribuir pelo lado, modificarei a exposição segundo o tema. Proponho-me a análise minuciosa da categoria de *o interessante* que, sobretudo nos nossos dias, em que se vive *in discrimine rerum*,^{1 5} tomou grande importância; porque é verdadeiramente a categoria da fase crítica. Nem se deve, como às vezes sucede, depois de ter cultivado essa categoria *provirili*,^{1 6} rirmo-nos dela como o pretexto de que já não está à nossa altura; mas também não se deve desejá-la com demasiada avidez, porque chegar a ser interessante ou ter uma vida interessante não é certamente empreendimento que a arte industrial possa resolver; é um funesto privilégio que, como todos os do espírito, se paga com profundas dores. Sócrates foi o mais interessado dos homens que viveram, e a sua vida a mais interessante das vidas vividas;

mas esta existência foi-lhe adscrita pela divindade, e na medida em que lhe foi necessário conquistá-la por si próprio não deixou de conhecer a dor e o sofrimento. Quem examinar a vida com certa seriedade não tem motivos para adotar de ânimo leve existência semelhante; e contudo, não é raro ver, hoje em dia, exemplos tais. O interessante é, aliás, uma categoria limite, nos confins da estética e da ética. Nesta medida o exame deve sempre fazer incursões no terreno moral, ainda que, para ser significativo, deva abranger o problema com um fervor íntimo e uma concupiscência verdadeiramente estéticas. Hoje em dia a moral ocupa-se muito raramente destes problemas. O motivo deve residir na impossibilidade de o sistema lhes outorgar o direito de cidadania. Também se poderiam tratar mais problemas em monografias, que nada impede sejam breves, se não se quer acrescentar muitos pormenores, porque se chegaria ao mesmo resultado, com a condição de dispor de um predicado; porque um ou dois predicados podem revelar um mundo. Não haveria já no sistema um lugar para estas palavrinhas?

Pode ler-se na imortal *Poética* de Aristóteles: *Aquí estão duas partes constituintes da fábula, a peripécia e o reconhecimento.*^{1 2} Naturalmente só me interessa aqui o segundo momento, o *reconhecimento*. Em toda a parte onde intervém se trata *eo ipso* de uma coisa previamente oculta. Assim como o reconhecimento produz o alívio, do mesmo modo a coisa oculta é a tensão da vida dramática. Acerca das considerações anteriormente feitas por Aristóteles, no mesmo capítulo, sobre os diversos méritos da tragédia, sobre a atuação simultânea da peripécia e do reconhecimento, e sobre o reconhecimento simples e duplo, não posso aqui deter-me; ainda que, pela sua penetração, calma e profundidade, sejam uma tentação para o pensador de há muito fatigado com a superficial onisciência dos vulgarizadores sistemáticos. Contentar-me-ei com algumas considerações mais gerais. Na tragédia, grega, a coisa oculta (e, por conseguinte, o reconhecimento) é um vestígio épico cujo princípio é um *fatum* em que desaparece a ação dramática e de onde a tragédia extrai a sua obscura e misteriosa origem. Daí ser o efeito produzido por uma tragédia grega análogo à impressão que se recebe ao ver uma estátua de mármore à qual falta o poder do olhar. A tragédia grega é cega. Assim também se torna necessária uma certa dose de abstração para lhe sofrer a influência. Um filho mata seu pai, mas só então sabe que é parricida. Uma irmã sacrifica o irmão, cujo parentesco só lhe é revelado no momento decisivo. Este genero de trágico não pode, de forma alguma, convir à nossa época de *reflexão*. O drama moderno desembaraçou-se do destino; emancipou-se dramaticamente; é evidente, perscruta-se a si próprio e faz atuar o destino na consciência do drama. Coisa e manifestação são, nestas condições, o ato livre do herói que transporta aos ombros toda a responsabilidade.

A coisa oculta e o reconhecimento são também elemento essencial do drama moderno. Fastidioso aduzir exemplos. O nosso tempo entrega-se de tal maneira à voluptuosidade do estético, encontra-se de tal forma inflamado e propício à

fecundação, que concebe com a facilidade da perdiz, à qual basta, segundo diz Aristóteles, ouvir a voz do macho ou sentir o seu vôo por cima dela; tenho portanto a delicadeza de acreditar que, ao pronunciar-se simplesmente “coisa oculta”, cada um poderá, sem dificuldade, extrair da sua manga uma dezena de novelas e comédias. Por isso serei breve e consignarei simplesmente uma observação de ordem geral. Se, jogando às escondidas e introduzindo o fermento dramático na peça, se oculta algo que não tem sentido, temos uma comédia; pelo contrário, se mantemos uma relação com a idéia, pode alcançar-se a categoria do herói trágico. Um simples exemplo para ilustrar o cômico: um homem pinta-se e põe chinó. Desejaria obter êxito junto do belo sexo e está quase seguro de triunfar graças ao artifício que o faz absolutamente irresistível. Cativa uma jovem e sente-se no cúmulo da felicidade. Mas agora é que tudo se complica: se é capaz de confessar a sua mistificação não perde o seu poder de sedução; e apresentando-se como toda a gente e até calvo não se vê desprezado pela sua amada. A coisa oculta é o seu ato livre do qual é responsável perante a estética. Esta ciência não ama o hipócrita de crânio nu que ela expõe ao ridículo. Basta isto para me fazer entender; não é no cômico que pode residir nem o objeto nem o interesse deste estudo.

Tenho de desenvolver, por via dialética, como se comporta o oculto na estética e na ética; porque se trata de mostrar a absoluta diferença entre o oculto estético e o paradoxo.

Alguns exemplos. Uma adolescente está secretamente enamorada de um jovem, sem que reciprocamente se tenham confessado seu mútuo amor. Os pais da jovem obrigam-na a contrair um outro casamento (pode até deixar-se arrastar pela piedade filial); obedece-lhes, esconde os sentimentos *para não fazer o outro desgraçado e nunca ninguém saberá o que ela sofre*. — Um jovem pode, com uma única palavra, possuir o objeto dos seus desejos e dos seus inquietos sonhos. Mas essa pequena palavra pode comprometer e até (quem sabe?) arruinar uma família; resolve, portanto, nobremente, conservar o segredo; *nunca a jovem conhecerá a sua paixão, para que possa vir a ser feliz, aceitando a mão de outro*. É pena que estes dois seres, um e outro a cada um em particular se ocultem a quem amam, se escondam um do outro, porque poderiam efetuar uma união de caráter notavelmente superior. A sua mútua dissimulação é um ato livre, de que são também responsáveis perante a estética. Mas esta ciência plena de delicadeza e cortesia tem mais recursos que um gerente de montepio. Que faz ela, então? Tudo o que pode em favor dos amantes. Os dois candidatos ao projetado casamento são, por acaso, ambos avisados da nobre resolução do outro; explicam-se, casam-se e ao mesmo tempo adquirem a figura do herói real; porque ainda que nem mesmo tenham tido tempo de dormir sobre a heróica resolução, a estética considera a conduta deles como se tivessem lutado corajosamente durante anos para manter o seu mútuo desígnio. Porque a estética faz caso omissivo do tempo, o qual transcorre para ela com a mesma rapidez, quer se trate de uma brincadeira ou de uma coisa séria.

Mas a ética não admite nem este acaso, nem esta delicadeza, e também não tem acerca do tempo conceito tão expedito. O problema torna assim novo aspec-

to. É bom não disputar com a ética porque tem categorias puras. Não invoca a experiência, quase a mais ridícula de todas as coisas risíveis, que, em vez de propiciar sabedoria, transforma as pessoas em insensatos quando não se reconhece nada que lhe seja superior. A ética ignora o acaso, e por conseguinte não tem a mínima precisão de golpes teatrais, não brinca com as dignidades, carrega com uma pesada responsabilidade os ombros do herói, condena como presunçoso quem quiser com os seus atos enganar a divindade, não reprovando menos quem o pretenda fazer com os sofrimentos. Convida a acreditar na realidade e a lutar corajosamente contra todas as suas vicissitudes, sobretudo contra esses sofrimentos imaginários que se forjam sob a sua própria responsabilidade, põe-te em guarda contra os cálculos sofisticados da razão, ainda menos dignos da fé que os oráculos da Antiguidade. Recomenda cautela perante toda a nobreza intempes-tiva: deixa atuar a realidade; haverá sempre tempo para mostrares a tua coragem, e então encontrarás na ética todo o socorro necessário. Todavia, se esses dois seres seguem um impulso profundo, se encaram a sua tarefa e a ela se dedicam com seriedade, o esforço não será estéril; mas a ética ofendida não os poderá socorrer porque eles lhe ocultam um segredo que assumiram por sua conta e risco.

Assim, a estética exigia o oculto e recompensava-o; a ética exigia a manifestação e punia o oculto.

Mas a estética exige, também, algumas vezes, a manifestação. Quando o herói é envolvido na ilusão estética e crê salvar uma outra pessoa calando-se, a estética quer o silêncio e recompensa-o; pelo contrário, quando os atos do herói lançam a perturbação na vida de outrem, exige a claridade. Encontro-me aqui perante o herói trágico e vou, por momentos, examinar *Ifigênia em Áulide* de Eurípedes. Agamemnon deve sacrificar sua filha. A estética exige que ele se cale, porque seria indigno de um herói procurar a consolação junto de outros; por solicitude para com as mulheres, deve ainda ocultar-lhes o seu desígnio o mais tempo possível. Por outro lado o herói, para merecer tal nome, deve também passar pela terrível crise, em que o colocarão as lágrimas de Clytemnestra e Ifigênia. Como procede a estética? Recorre a um expediente, faz intervir um velho servo que faz a revelação a Clytemnestra. Desta forma tudo se encontra em ordem.

Mas a ética não dispõe de nenhum acaso, nem de nenhum velho servo. A idéia estética contradiz-se desde que tenha de ser executada na realidade. Por isso a ética exige a manifestação. O herói trágico mostra a sua coragem moral ao anunciar ele próprio a Ifigênia, livre de toda a ilusão estética, o seu destino. Se o faz, é com efeito o filho bem-amado da ética para o qual ela usa de toda a sua complacência. Se se cala, a razão pode ser a de acreditar que assim alivia o sofrimento aos outros, e talvez ainda o seu. Sabe-se livre dessa última preocupação. Se se cala, acarreta, como Indivíduo, responsabilidades na medida em que negligencia um argumento que pode vir de fora. Como herói trágico não pode fazê-lo; a ética, com efeito, ama-o precisamente porque ele exprime constantemente o geral. O seu ato heróico exige coragem mas esta coragem requer que não se furte a nenhum argumento. Ora, sem dúvida alguma, as lágrimas são um terrível *argumentum ad hominem*, e comovem por vezes aquele que nada ainda demovera. Na

peça de Eurípedes, Ifigênia pode recorrer às lágrimas; na realidade, deve-lhe ser permitido, tal como à filha de Jefté, dois meses para chorar, não na solidão, mas aos pés de seu pai, pondo em ação toda a sua arte *unicamente feita de lágrimas*, abraçando-lhe os joelhos, em lugar de lhe apresentar o ramo de oliveira dos suplicantes. (Cf. *Ifigênia em Áulide*, Verso 1224.)

O estético pedia a manifestação, mas saiu da dificuldade com um golpe de acaso; a ética reclamava-a igualmente, e encontrava no herói trágico a sua satisfação.

Apesar do rigor com que a ética requer tal manifestação, não se pode no entanto, negar que o segredo e o silêncio não conferem ao homem real grandeza, e precisamente porque essas são determinações da vida interior. Amor ao deixar *Psiqué*, diz-lhe: *Se tu guardares silêncio, darás ao mundo uma criança que será deus, mas se atraiares o segredo, será homem*. O herói trágico, favorito da ética, é o homem puro; também posso compreendê-lo e tudo o que ele faz passa-se em plena claridade. Se vou mais longe tropeço sempre com o paradoxo, quer dizer, com o divino e o demoníaco porque o silêncio é um e outro. O silêncio é a armadilha do demônio; quanto mais ele é mantido mais o demônio é terrível; mas o silêncio é também um estádio em que o Indivíduo toma consciência da sua união com a divindade.

Antes de passar à história de Abraão, evocarei algumas personagens poéticas. Mantê-las-ei de pé graças ao poder da dialética e, brandindo sobre elas a disciplina do desespero, preservá-las-ei da imobilidade, a fim de que possam, se possível, descobrir na sua angústia isto e aquilo.¹⁸

Aristóteles conta na *Política* uma anedota referente aos distúrbios ocorridos em Delfos causados por uma história de casamento. *O noivo, a quem os áugures prediziam uma desgraça após o casamento, alterou subitamente a sua resolução no instante decisivo em que vinha buscar a noiva; recusou-se a celebrar as bodas. Basta-me isto.*¹⁹ Em Delfos, este acontecimento não passou sem lágrimas; se um

poeta nele se inspirasse, indubitavelmente poderia contar com a simpatia. Não é terrível que o amor, tão freqüentes vezes banido da vida, se veja ainda privado de socorro do céu? E não se transformou aqui em escárnio a velha frase que fez do matrimônio uma instituição divina? Geralmente são as vicissitudes do mundo finito que se encarniçam como espíritos malignos contra os amantes, procurando separá-los; mas o amor tem o céu a seu lado e eis porque esta santa aliança triunfa de todos os inimigos. Mas aqui, é o céu que separa o que o céu uniu. Quem poderia acreditar em tal? A pobre noiva, seguramente, menos do que ninguém. Apenas há momentos, estava no gineceu em toda a sua beleza; as graciosas companheiras haviam-na ataviado carinhosamente com seu traje de noiva, com satisfação de todas, não somente felizes, mas ciumentas; sim, felizes pela impossibilidade de se sentirem ainda mais ciumentas, porque era impossível ser mais bela. Estava sozinha no seu quarto e metamorfoseava-se de beleza em beleza; porque todos os recursos da arte feminina tinham sido empregados para embelezar dignamente a digna noiva; no entanto, faltava ainda uma coisa em que as jovens servas não tinham pensado: um véu fino, mais leve e no entanto mais impenetrável que aquele que lhe tinham posto, um traje de noiva que nenhuma rapariga conhecia e não podiam seguramente fornecer-lhe, o vestido que ela mesmo não tinha tido a inteligência de vestir. Uma potência invisível e amiga que se compraz em ataviar uma noiva, envolveu-a nesse véu sem que ela se apercesse; porque ela viu somente o noivo passar em frente da sua casa e entrar no templo. Viu a porta fechar-se atrás dele e sentia-se ainda mais calma e feliz; porque sabia que agora ele lhe pertencia mais do que nunca. A porta do templo voltou a abrir-se; ele saiu; ela baixou pudicamente os olhos e não viu a perturbação que se espalhava no rosto do amado; mas este viu que o céu estava ciumento do encanto da noiva e da sua própria felicidade. A porta do templo abiu-se, as servas viram o jovem sair, mas não viram a perturbação do rosto, na pressa de ir buscar sua senhora. Então ela avançou com toda a sua virginal humildade, semelhante, no entanto, a uma soberana no meio de todas as jovens que se inclinaram à sua passagem, como sempre fazem perante uma noiva. Assim permaneceu em frente da graciosa teoria e esperou — um só instante; porque o templo era muito próximo — e o noivo veio — mas não parou em frente da porta.

Mas eu paro; não sou poeta; deixo-me guiar simplesmente pela dialética. Notemos, primeiro, que o herói só é avisado no momento decisivo; não tem, portanto, nada de que se censurar; não fez contrato de casamento sem refletir. Tem por ele, ou melhor, contra ele, uma intervenção divina; não se conduz pela sua própria prudência, como os amantes vulgares. Resulta óbvio que aquela intervenção o torna tão infeliz como a jovem, e mesmo um pouco mais, visto que é o objeto dela. É sem dúvida certo que os áugures só lhe anunciaram a desgraça a *ele*; mas trata-se de saber se o infortúnio não é de tal natureza que ao atingi-lo não destrua a felicidade conjugal. Que deve então fazer? 1.º Deve calar-se e celebrar o casamento esperando que a desgraça não surja imediatamente; então, de toda a maneira, respeitou o amor sem reacear tornar-se desditoso; mas deve guardar silêncio, porque senão o instante de efêmera felicidade está perdido. Este ponto de

vista, plausível na aparência, é absolutamente inadmissível; porque, agindo desta maneira, o noivo ofende a jovem. Ao calar-se, torna sua noiva, em certo sentido, culpada; com efeito, prevenida, não teria nunca consentido em tal união. Na hora aziaga, não só terá de suportar a desgraça, mas também a responsabilidade de ter guardado silêncio, e ainda a justa cólera daquela que não avisou. 2.º Deve calar-se e deixar celebrar o casamento? Nesse caso, deve participar numa mistificação em que se aniquila na sua relação com ela. Talvez a estética não visse nisso inconveniente. A catástrofe poderia, então, produzir-se de maneira análoga à verdadeira, exceto a intervenção no último momento de uma explicação, embora tardia, visto que, para a estética, é necessário deixá-lo morrer: a menos que esta ciência fosse capaz de suspender a funesta profecia. No entanto, apesar da sua coragem, tal conduta implicaria uma ofensa para com a jovem e a realidade do seu amor. 3.º Deve falar? O nosso herói, é preciso não esquecê-lo, é um nadinha demasiado poeta para que a renúncia ao amor não signifique para ele outra coisa além de uma infeliz especulação comercial. Se fala, tudo se transforma numa desgraçada história de amor parecida com a de *Axel e Valborg*.^{2º} Temos então um par que o próprio céu separa. No entanto, no caso presente, a separação deve ser compreendida um pouco de outra maneira, visto que resulta do ato livre dos indivíduos. A extrema dificuldade dialética deste assunto resume-se em que a desgraça só deve atingir o noivo. Os amantes não têm, portanto, como Axel e Valborg termo comum para exprimir o seu sofrimento, já que o céu separa Axel e Valborg em igualdade de situações. Se tal fosse aqui o caso, poder-se-ia conceber uma saída. Porque o céu não recorre a uma potência visível para os separar, mas deixa-lhes esse cuidado, de modo que se poderia admitir que eles resolvem de comum acordo afrontar o céu e as suas ameaças.

No entanto a ética ordena ao noivo que fale. O seu heroísmo consiste, então, essencialmente em renunciar à magnanimidade estética, que, neste caso, não poderia ser suspeita da ponta de vaidade que oculta o secreto, porque ele deve ver claramente que causa a desgraça da jovem. A realidade desta coragem heróica repousa, no entanto, num pressuposto que teve e suprimiu; porque no caso con-

trário não faltariam heróis em nossa época, na qual se elevou a um alto grau de virtuosismo a arte do falsário que realiza coisas grandiosas, saltando por cima das dificuldades intermediárias.

Mas para que serve este apontamento se eu me ocupo do herói trágico? Serve para lançar um pouco de luz sobre o paradoxo. Então tudo depende da relação entre o noivo e a predição, que de uma maneira ou de outra decide da sua vida. Esta é *publici juris*? É um *primatissimum*? A cena passa-se na Grécia; a predição do áugure é inteligível a todos; quero dizer que não somente podem apreender o conteúdo literal mas compreender ainda que um áugure anuncia ao indivíduo a vontade do céu. A profecia é pois perfeitamente compreensível, não somente para o herói, mas para todos, e não resulta daí nenhuma relação privada com a divindade. O noivo podia fazer o que quisesse, mas a predição cumprir-se-ia; nem agindo, nem abstendo-se poderá entrar numa relação estreita com a divindade; não chegará a ser o objeto nem da graça nem da cólera divinas. Cada um poderá compreender o efeito da predição tão bem como o herói, que não possui nenhuma carta secreta compreensível unicamente para ele.

Portanto, se quiser falar, pode fazê-lo comodamente, pois será compreendido por todos; e se prefere calar-se a razão é que, pelo fato de ser o Indivíduo, pretende colocar-se acima do geral para se alimentar com toda a espécie de quimeras acerca da forma como a noiva esquecerá rapidamente esses sofrimentos, etc. Pelo contrário, se a vontade do céu não tiver sido anunciada por um áugure, se entrou em relação com ele de uma maneira privada, e interveio na sua vida a título estritamente pessoal, estamos então em presença de um paradoxo, se aliás existe (porque o meu exame é dilemático) e não pode falar apesar do seu desejo. Então, bem longe de gozar em silêncio, suportará, ao contrário, um sofrimento que, de mais a mais, lhe servirá de garantia de como a sua causa é bem fundada. O seu silêncio não teria, como motivo, a vontade de entrar como Indivíduo em uma relação absoluta com o *geral*, mas no fato de ter entrado como Indivíduo numa relação absoluta com o *absoluto*. Deste modo poderia, suponho, achar ali o repouso, enquanto seu magnânimo silêncio seria constantemente perturbado pelas exigências da ética. Seria bom que a estética tratasse alguma vez de começar por esta ilusória magnanimidade, ponto onde terminou durante tantos anos. Fazendo isto, trabalhará diretamente para o religioso; porque unicamente esta potência é capaz de salvar o estético na luta que trava com a ética. A rainha Isabel sacrificou o seu amor ao Estado ao assinar a sentença de morte de Essex. Foi um ato heróico, ainda que nele se misturasse um pouco de amor-próprio ofendido pela negligência de Essex em enviar o anel. Sabe-se, no entanto, que ele o havia feito, mas que o anel fôra retido por uma mal-intencionada dama da corte. Diz-se que Isabel foi depois informada do fato, *ni fallor*,²¹ manteve dez dias dentro da boca um dedo que mordida sem pronunciar palavra e depois morreu. Este rasgo seria um formoso tema para um poeta que fosse capaz de fazer descerrar os dentes; no caso contrário convém mais a um mestre de dança com quem o poeta se confunde hoje com freqüência.

Eis agora aqui um esboço no sentido do demoníaco. Para isso, utilizei o conto de Inês e do tritão. Este é um sedutor que, surgindo do abismo onde tinha o esconderijo, no furor do desejo, agarrou e destruiu a inocente flor que, junto da margem, desabrochava na plenitude da sua graça e se inclinava, sonhadoramente, para o murmúrio das águas. Tal foi até o presente o tema do poeta; mas modifiquemos os dados. O tritão foi um sedutor; chamou Inês; as suas belas palavras fizeram nascer nela sentimentos desconhecidos; achou nele o que buscava, o que o seu olhar procurava nas profundezas das águas. Está pronta a segui-lo; o tritão toma-a nos braços; plena de confiança, abandona-se com toda a sua alma ao ser mais forte; ele está já na margem, inclina-se sobre as águas, pronto a precipitar-se nelas com a sua presa . . . quando Inês o olha uma vez mais, sem receio, sem excitação, sem orgulho da sua felicidade, sem embriaguez do desejo, mas com uma completa fê, e toda a humildade da flor que ela é para ele; com uma absoluta confiança entrega-lhe nesse olhar, todo o seu destino. E, maravilha! O mar deixa de rugir; essa voz selvagem cala-se; e a natureza apaixonada que constitui a força do tritão abandona-o repentinamente, uma completa calma o envolve, e Inês continua a olhá-lo sempre com os mesmos olhos. Então o tritão deixa-se vencer, não pode resistir ao poder da inocência, o seu elemento é-lhe infiel, não pode seduzir Inês. Devolve-a ao seu mundo, explica-lhe que desejava somente mostrar-lhe o esplendor do oceano quando está tranqüilo, e Inês acredita nele. E o tritão regressa sozinho, o mar volta a desencadear a sua fúria, mas o desespero ainda ruge mais alto no seu coração. Podia seduzir Inês, cem que fossem, pode fascinar todas as jovens, mas Inês venceu e está perdida para ele. Só lhe pode pertencer como presa; é-lhe impossível entregar-se fielmente a uma rapariga, porque é apenas um tritão. Permiti-me uma pequena alteração neste ponto;²² afinal também embelezsei um pouco Inês; porque no conto ela não é completamente inocente e, além disso, há um *contra-senso*, bajulação ou ofensa a respeito do sexo feminino, ao imaginar uma história em que uma jovem não tem nada, absolutamente nada de que se censurar. Para modernizar um pouco o meu vocabulário, a Inês do conto é uma mulher ávida do interessante, e uma mulher como ela pode estar

certa de que o tritão nunca se encontra muito longe; porque os sedutores até a conhecem, podemos mesmo dizê-lo, de olhos fechados, e lançam-se sobre ela como o tubarão sobre a presa. É uma palermice dizer, ou talvez seja um boato posto a correr por um tritão, que uma pretensa cultura preserva a jovem do sedutor. A vida é mais justa na sua igualdade para todos; o único recurso contra o sedutor é a inocência.

Concedamos agora ao tritão a consciência humana, e entendamos por condição de tritão uma preexistência humana na qual, como consequência, a vida se encontrou entravada. Nada impede que se converta em herói, porque o passo que agora efetua o redime. É salvo por Inês, o sedutor é vencido; inclinou-se perante o poder da inocência, nunca mais seduzirá. Mas neste preciso momento, duas potências o disputam: o arrependimento, e Inês com o arrependimento. Se apenas se apodera dele o arrependimento permanece oculto; mas se é este e Inês que dele se apoderam, então torna-se patente.

Se agora o tritão, presa do arrependimento, permanece dissimulado, faz seguramente a desgraça de Inês; porque ela ama-o com toda a sua inocência; acredita realmente que no momento em que lhe apareceu diferente a seus olhos, apesar do cuidado em esconder essa transformação, queria simplesmente mostrar-lhe o calmo encanto do mar. Mas o tritão torna-se então mais desgraçado, porque amou Inês com uma multidão de paixões e deve carregar com mais uma falta. O demônio do arrependimento intervém então para lhe fazer notar que esse é o seu castigo e que é tanto mais útil quanto mais o martiriza.

Se se abandona a esse demônio, talvez tente, uma vez mais, salvar Inês como se pode, em certo sentido, tentar salvar alguém por meio do mal. Sabe-se amado por Inês. Se pudesse libertá-la desse amor, de certo modo, ela ter-se-ia salvo. Mas como fazê-lo? O tritão está demasiado prevenido para contar com o desgosto que poderia inspirar a Inês uma confissão franca. Esforçar-se-á, talvez, por agitar nela todas as obscuras paixões da sua alma; enganá-la-á, rir-se-á dela, ridicularizará o seu amor e, se possível, excitar-lhe-á vivamente o orgulho. Não se furtará a nenhum tormento, porque essa é a contradição do demoníaco e, num sentido, há infinitamente mais qualidade num demônio que nos seres vulgares. Quanto mais egoísta for Inês, tanto mais fácil será enganá-la (porque unicamente as pessoas de pouca experiência supõem fácil enganar a inocência; a vida tem infinitos recursos e o malvado não encontra dificuldade em subornar os seus iguais). Mas os sofrimentos do tritão duplicaram. Quanto mais habilidade emprega em enganá-la, tanto menos pudor terá Inês em ocultar-lhe os seu pensamentos; ela recorrerá a todos os meios e o resultado será não comover o tritão mas martirizá-lo.

Graças ao demoníaco, o tritão seria assim o Indivíduo como tal, acima do geral. Como o divino, o demoníaco tem a propriedade de fazer entrar o Indivíduo em uma relação absoluta com ele. Tal é a sua analogia com o paradoxo, o seu reverso que oferece, por consequência, uma certa semelhança capaz de produzir uma ilusão. O tritão tem, deste modo, a prova aparente de que o seu silêncio está

justificado, que sente todo o sofrimento. Todavia, é indubitável que pode falar. Pode então converter-se em um herói trágico e, a meu ver, sublime, se rompe o silêncio. Poucos há, sem dúvida, que compreendam por que é sublime a sua conduta.²³ Terá por conseguinte a coragem de se despojar de todas as ilusões acerca da sua capacidade de assegurar a felicidade de Inês, por meio dos seus artifícios; terá, do ponto de vista humano a coragem de partir-lhe o coração. Contentar-me-ei aqui, aliás, com uma simples nota psicológica. Quanto mais se haja Inês manifestado a si mesma, tanto mais deslumbrante será também sua ilusão; e até é concebível que possa suceder na realidade que um tritão, pela sua ruindade demoníaca e, para falar humanamente, não somente salve Inês, mas ainda extraia desta situação qualquer coisa de extraordinário; porque um demônio é hábil em suscitar forças para mesmo o mais débil ser agüentar os tormentos que impõe; e pode, à sua maneira, acalentar as melhores intenções a respeito de um ser humano.

O tritão encontrava-se num cume dialético. Se o arrependimento o salva do demoníaco, abrem-se na sua frente duas vias. Pode manter-se em guarda, permanecer no secreto, sem se apoiar, no entanto, na sua sabedoria. Então não entra como Indivíduo em uma relação absoluta com o demoníaco mas encontra o repouso no contraparádoxo, segundo o qual a divindade salvará Inês. (Seria assim que a Idade Média efetuará o movimento; porque, segundo a sua concepção, o tritão é manifestamente destinado ao claustro) Ou então pode ser salvo por Inês, no sentido em que o amor de Inês o poderia preservar, de agora em diante, de voltar a ser um sedutor (tentativa estética de salvação que ilude sempre o essencial, a continuidade da vida do tritão); com efeito, deste ponto de vista, salva-se na medida em que a sua vida de dissimulado se tornou patente. Casa-se então com Inês. Mas é-lhe necessário recorrer ao parádoxo. Efetivamente quando o Indivíduo saiu, por culpa sua, do geral, só pode regressar entrando como Indivíduo em uma relação absoluta com o absoluto. Quero fazer aqui observação que se ligará a tudo o que a precede.²⁴ O pecado não é uma imediatidade primeira, mas uma imediatidade ulterior. No pecado, o Indivíduo encontra-se já, no sentido do parádoxo demoníaco, acima do geral; porque há, por parte do geral, contradição ao exigir a sua própria realização daquele a quem falta a *conditio sine qua*

non. Se a filosofia pensasse, entre outras coisas, que o homem poderia agir de acordo com os seus ensinamentos, disso adviria uma singular comédia. Moral que ignora o pecado é ciência perfeitamente vã; mas se o admite, encontra-se por tal fato fora da sua esfera. A filosofia ensina que o imediato deve ser suprimido. Sem dúvida; mas não é exato dizer que o pecado, como a fé, é, sem outra explicação, o imediato.

Enquanto me movo nestas esferas, tudo vai sem dificuldades; mas então o que digo não explica Abraão; porque não se tornou o Indivíduo pelo pecado, visto que era, pelo contrário, o homem justo, o eleito de Deus. A analogia com Abraão só surgirá quando o Indivíduo for capaz de realizar o geral; então repete-se o paradoxo.

Posso, pois, compreender os movimentos do tritão, enquanto Abraão resulta inteligível, porque é justamente pelo paradoxo que o tritão chega a realizar o geral. Se, com efeito, permanece no secreto e sofre todos os tormentos do arrependimento, converte-se então em um demônio e, como tal, se aniquila. Se permanece no secreto, mas considera imprudente trabalhar para a libertação de Inês, suportando o martírio na escravidão do arrependimento, encontra, sem dúvida, a paz, mas está perdido para este mundo. Se se tornar patente e se se deixar salvar por Inês, será então o maior homem que posso conceber; porque a estética é a única a supor, na sua leviandade, que avalia exatamente o poder do amor, ao conceder a um homem perdido o amor de uma inocente jovem que assim o redime; unicamente a estética comete o erro de chamar a Inês uma heroína, quando o epíteto se deve aplicar ao tritão. Este não pode pertencer a Inês, a menos que, depois de ter realizado o movimento infinito do arrependimento, efetue um outro, o movimento em virtude do absurdo. Pode, pelo seu próprio esforço, efetuar o primeiro, mas para nele se esgotar; por isso mesmo é-lhe impossível regressar ao seu estado anterior e apreender toda a realidade. Se não tem bastante paixão, se não se efetua nem um nem outro destes movimentos, se se malbarata a vida com um ou outro arrependimento supondo que o resto se encaminhará por si próprio, então renunciou-se, de uma vez para sempre, a viver na idéia; pode-se facilmente chegar ao ponto crucial e aí conduzir os outros; quer dizer, enganar se a si e aos outros na ilusão de que o mundo do espírito é como um jogo de cartas ou de dados, onde é necessário enganar o parceiro. É, pois, permitido, achar divertido e singular que numa época em que cada um é capaz das coisas mais grandiosas, possa estar tão espalhada a dúvida sobre a imortalidade da alma; porque se apenas, mas realmente, se realizou o movimento do infinito, de forma alguma se justifica a dúvida. As conclusões da paixão são as únicas dignas de fé, as únicas provas. Felizmente a vida é muito mais fiel e piedosa do que dizem os sábios, porque não exclui ninguém, nem mesmo os mais humildes; e não engana seja quem for porque, no mundo do espírito, só é enganado quem se engana a si próprio. Seguindo a opinião geral e igualmente a minha, se me é permitido supô-lo, a suprema sabedoria não é entrar no convento; mas não pretendo, ao dizer isto, afirmar que hoje em dia, porque ninguém já para lá vai, o primeiro que aparece seja superior às almas profundamente sérias que aí encontravam o repouso.

Quantos têm hoje a paixão necessária para meditar neste problema e se julgarem a si próprios com toda a sinceridade? Só a idéia de tomar consciência do fardo do tempo, assumindo a responsabilidade de perscrutar incansavelmente todo o secreto pensar, só por ela, se não se realiza a todo o instante o movimento em virtude do que de mais nobre e sagrado há no homem, pode descobrir-se²⁵ com horrível angústia, e se não de outra maneira ao menos pela angústia, pode suscitar-se o obscuro impulso que se oculta em toda a vida humana. Ao mero viver na companhia dos semelhantes escapa e se oblitera tal responsabilidade, é-se mantido à superfície e encontra-se toda a oportunidade do reiterado engano. Apenas esta idéia, concebida com o respeito conveniente, me parece capaz de disciplinar muitos contemporâneos que crêem ter já atingido o ponto mais alto. Mas pouco importam tais considerações nos nossos dias porque se supõe ter alcançado a suprema sabedoria, ainda que em nenhuma outra época se tenha caído tanto no cômico como nesta. Como se compreende que não haja ainda engendrado, por *generatio aequivoca* o seu herói, o demônio que representará inexoravelmente o terrível drama de fazer rir toda a época sem que esta se aperceba que se ri de si própria? Não merece a vida que dela se riam quando aos vinte anos já se alcançou a suprema sabedoria? E, que outro movimento mais nobre encontrou o nosso tempo desde que se deixou de ir para o convento? Não se tratará aqui de uma execrável fraqueza radical a que propende a fazer acreditar aos homens que realizaram a mais grandiosa tarefa impedindo-os, perfidamente, de intentar outras mais modestas? Quando se efetuou o movimento do claustro, não resta senão um, o do absurdo. Quantos, em nossos dias, compreendem o que é o absurdo; quantos vivem tendo renunciado a tudo ou tudo tendo obtido; quantos têm a franqueza de reconhecer o que podem e aquilo de que não são capazes? E se acaso um se encontra, não é sobretudo entre as pessoas de menor cultura e principalmente entre as mulheres? Um demoníaco manifesta-se sempre sem se compreender; igualmente o tempo revela a sua falta em uma espécie de *clarividência* pois exige sempre e constantemente o cômico. Se verdadeiramente fosse esse o seu desejo, poder-se-ia representar uma nova peça na qual se votasse ao ridículo um personagem que morre de amor: mas não seria de maior proveito para a época que o acontecimento se verificasse à nossa frente, perante os nossos olhos para, finalmente, ela ter a coragem de acreditar no poder do espírito, ter a valentia de não liquidar covardemente o que de melhor em nós existe, não o afogando ciosamente nos outros com o riso? Seria de fato necessária à nossa época a ridícula aparição de um profeta para ter um motivo de riso? Não lhe seria muito mais necessário que um tal exaltado lhe recordasse tudo aquilo que caiu no esquecimento? Se alguém quisesse elementos para semelhante peça, que se tornaria aliás mais emocionante sem a paixão do arrependimento, poder-se-ia utilizar o relato do

livro de Tobias. O moço Tobias deseja desposar Sara, filha de Raquel e de Edna. Porém a jovem vive sob o signo de triste fatalidade. Já foi dada a sete esposos e todos sucumbiram na câmara nupcial. Para mim, é este o ponto débil do relato, porque o efeito cômico torna-se inevitável quando se pensa nas sete vãs tentativas de matrimônio dessa jovem, sete vezes prestes a resultar; é como o estudante que esteve por sete vezes quase a ser aprovado em um exame. Mas no livro de Tobias o tom da narrativa é muito diferente e daí o recurso ao elevado número de sete para lhe dar um aspecto trágico; porque a nobreza do jovem Tobias é tanto maior quanto, por um lado, é filho único e, por outro, tem a defrontar um tão grande motivo de temor. É, por conseguinte, mister afastar esse dado. Sara é, portanto, uma jovem que nunca amou; conserva ainda essa felicidade da rapariga que constitui, de certo modo, o seu precioso título de prioridade na vida, o seu *Vollmacht-brief zum Glücke*,^{2 6} ela ama um homem com todo o seu coração. É, no entanto, a mais infeliz de todas as jovens porque, e ele sabe-o, o execrável demônio seu enamorado pretende matar-lhe o noivo na noite de núpcias. Tenho lido muitas histórias tristes; mas duvido que possa haver, em qualquer outra parte, tristeza comparável à da vida desta rapariga. No entanto, quando a desgraça vem de fora, ainda se pode encontrar alguma consolação. Se a vida não oferece a alguém o objeto da sua felicidade, esse resigna-se pensando que poderia tê-la recebido. Mas a insondável tristeza que o tempo jamais poderá dissipar e curar, a tristeza de saber que não há salvação, ainda que a vida o cumule de favores! Um autor grego oculta um mundo de pensamentos nestas palavras, tão simples e ingênuas: *Porque nunca alguém escapou ou escapará ao amor enquanto houver beleza e olhos para ver* (Longi Pastoralia, Prólogo, 4). Muitas jovens foram desgraçadas no amor, mas vieram a sê-lo; Sara foi-o antes de chegar a sê-lo. É duro não obter aquele a quem nos podemos entregar, mas é indizivelmente duro não nos podermos entregar. Uma jovem dá-se, mas logo se afirma que deixou de ser livre; porém Sara nunca foi livre, se bem que jamais se tenha entregado. É cruel para uma rapariga ser enganada depois de se ter dado, mas Sara foi enganada antes de se ter dado. Que mundo de tristeza não há em perspectiva quando Tobias quer a todo o custo desposar Sara! Que cerimônias, que preparativos! Nenhuma outra jovem foi enganada como Sara; porque viu arrebataram-lhe a suprema felicidade, absoluta riqueza que é o dote mesmo da mais pobre noiva; viu-se privada da oferta de si própria à qual nos abandonamos com uma confiança sem limites, inesgotável, desenfreada; porque foi necessário antes de tudo fazer subir o fumo colocando o coração e o fígado do peixe em cima de carvões ardentes (Tobias, Cap. 8). E qual não será a separação da mãe e filha, quando esta, desiludida de tudo, deve, ainda, como consequência, privar a mãe da sua mais bela esperança. Leia-se o relato. Edna preparou o quarto nupcial; para aí conduz Sara; chora e recolhe as lágrimas de Sara. *Coragem minha filha!* diz-lhe. *Que o Senhor do céu e da terra transmude essa tristeza em alegria! Coragem minha filha!* E leia-se ainda a narração do momento das núpcias, se as lágrimas não velarem os olhos: *mas*

quando ambos ficaram sós, Tobias levantou-se da cama e disse-lhe: levanta-te, minha irmã! e oremos ao Senhor para que tenha piedade de nós (8,4).

Se um poeta lesse esta história e nela se inspirasse, aposto, cem contra um, em como poria todo o acento no jovem Tobias. Veria um belo tema neste heroísmo em que se arrisca a vida num perigo tão evidente e que a história recorda uma vez mais, porque no dia seguinte ao do casamento, Raquel diz a Edna: *envia uma serva para verificar se ele está morto, para que, no caso de ter morrido, eu o enterre e ninguém saiba de nada (8,13).* Permito-me, no entanto, propor outra coisa. Para um cavaleiro de coração bem temperado, Tobias age valorosamente, e quem não possui tal valor é um poltrão tão ignorante do amor como da sua verdadeira condição de homem. Não sabe o que vale a pena viver-se nem sabe compreender este pequeno mistério: que mais vale dar que receber. Não tem nenhuma idéia da grandeza deste pensamento: que é muito mais difícil receber que dar, quando, bem entendido, se teve a coragem de aceitar a privação sem chegar a perder a coragem no instante da angústia. Não, a heroína deste drama é Sara. É dela que me quero aproximar, como nunca antes me aproximei de jovem alguma ou tive em meu espírito desejo de me aproximar daquelas de quem já li a história. Pois quanto amor a Deus não é preciso para se querer deixar curar, quando assim se é, desde o princípio, desgraçada, sem que qualquer falta o justifique, quando se é desde o primeiro momento um exemplar malgrado da humanidade! Quanta maturidade moral não é necessária para assumir a responsabilidade de permitir ao ser amado um semelhante esforço! Quanta humildade perante o próximo! Quanta fé em Deus para não odiar no instante a seguir aquele a quem tudo se deve!

Suponhamos que Sara é um homem; temos então o demoníaco. Uma nobre e altiva natureza pode suportar tudo, salvo uma coisa, a compaixão. Pois ela implica ofensa tal que só um poder superior lha pode infligir, porque por *sua própria vontade* nunca consentirá em ser objeto dela. Se pecou, então pode suportar o castigo sem se desesperar, mas o que não pode aceitar é estar reservado desde o seio da mãe, sem que haja cometido falta, a tornar-se a vítima oferecida à compaixão, um doce perfume para as suas narinas! A compaixão tem uma curiosa dialética: num dado instante reclama a falta, no seguinte já não a quer. Também a situação do Indivíduo predestinado à compaixão se torna cada vez mais terrível à medida que o seu infortúnio se desenvolve no sentido espiritual. Mas Sara não é culpada; foi lançada para o meio do sofrimento e deve ainda sofrer o martírio da compaixão humana, porque mesmo eu, que a admiro mais do que Tobias a pode ter amado, mesmo eu não posso pronunciar o seu nome sem exclamar: desgraçada! Ponham um homem no lugar de Sara. Que ele saiba que, ao amar, um espírito infernal virá matar a bem amada na noite de núpcias; poderia então suceder que escolhesse o demoníaco; encerrar-se-ia então em si próprio e diria, de acordo com uma natureza demoníaca: *Obrigado, não me agradam cerimônias e formalidades, não tenho a menor intenção de solicitar o prazer do amor porque posso converter-me num Barba Azul e encontrar a alegria em ver morrerem as jovens na noite de núpcias.* Geralmente, nunca se ouve falar do demoníaco

ainda que, sobretudo em nossos dias, esse domínio tenha direito a ser explorado, e mesmo que o observador, se acaso sabe manter alguma relação com o demoníaco, possa utilizar qualquer homem, pelo menos, por instantes. Shakespeare é e será, a este respeito, um herói. Esse demônio cruel, essa figura, a mais demoníaca que ele apresentou com incomparável maestria, esse Gloster (mais tarde Ricardo III), que é que fez dele um louco? Foi manifestamente recusar-se à compaixão a que fora votado desde a infância. O seu monólogo do primeiro ato de *Ricardo III* vale mais que todos os sistemas de moral sem sombra dos terrores da vida ou do seu significado:

*I, that am rudely stamp'd and want love's majesty;
To strut before a wanton ambling nymph;
I, that am curtail'd of this fair proportion,
Cheated of feature by dissembling nature,
Deformed, unfinish'd, sent before my time
Into this breathing world, scarce half made up,
And that so lamely and unfashionable,
That dogs bark at me, as I halt by them.²⁷*

Não se pode salvar naturezas como a de Gloster fazendo-as passar, pela mediação, à idéia de sociedade. A ética zomba realmente destes homens como se riria de Sara se então lhe dissesse: *Por que não exprimes tu o geral e te casas?* Estas naturezas têm raízes no paradoxo; de forma alguma são mais imperfeitas que as outras, a não ser o estarem ou perdidas no paradoxo demoníaco ou salvas no paradoxo divino. Sempre se quis olhar para as bruxas, duendes, gnomos, etc., como se fossem monstros, ora é inegável que à vista de um monstro todos nós somos levados a referir a impressão que nos causa a uma depravação moral. Que cruel injustiça! Melhor seria acusar a vida de haver ela própria depravado esses seres como madrastra que desnatura as crianças que não são seus filhos. O fato de se estar originalmente colocado fora do geral, por natureza ou por conseqüências da história, constitui o princípio do demoníaco, e o indivíduo não é responsável. O juiz de Cumberland é igualmente um demônio, ainda que praticando o bem. O demoníaco pode, ainda, manifestar-se pelo desprezo para com os homens, e, coisa curiosa, esse desprezo não leva o sujeito demoníaco a agir de forma censurável, porque, pelo contrário, tira a sua força da certeza de que é melhor do que todos os seus juizes. A respeito destes temas, os poetas deveriam dar, sem demora, o alarme. Sabe Deus quais são as leituras dos nossos jovens poetastros! Os seus estudos consistem, na maior parte, em decorar rimas. Sabe Deus qual o seu papel na vida! Neste momento ignoro se prestam algum outro serviço além de administrar a prova edificante da imortalidade da alma; porque pode repetir-se a seu respeito, para nos consolarmos, o que dizia Baggesen acerca do poeta Kildevalle: *Se*

chega a ser imortal, então todos nós o havemos de ser. O que disse a respeito de Sara, referindo-me sobretudo à produção poética e portanto, segundo o aspecto imaginativo, adquire o seu completo sentido quando, guiados pelo interesse psicológico, aprofundamos a velha máxima: *nullum unquam exstitit magnum ingenium sine aliqua dementia.*²⁸ Esta loucura é o sofrimento do gênio na vida. Traduz, por assim dizer, o ciúme divino, enquanto que o geral exprime a sua predileção. O gênio encontra-se assim, desde o princípio, desorientado perante o geral e colocado em presença do paradoxo, ou porque no desespero da sua limitação que transforma, a seus olhos, a onipotência em impotência, procura o apaziguamento demoníaco e por conseguinte não quer confessá-lo nem a Deus nem aos homens, ou porque encontra uma paz religiosa no amor que consagra à divindade! Há aí, ao que me parece, problemas psicológicos a que se poderia alegremente dedicar a vida toda; no entanto, raro é dedicar-lhe uma só palavra. Em que consiste a relação entre a loucura e a genialidade? Pode deduzir-se uma da outra; mas em que sentido e em que medida o gênio é senhor da loucura? Pois se torna evidente, que aquele a governa até certo ponto, porque de outra maneira seria verdadeiramente um louco. Estas observações, porém, implicam muita sutileza e amor, porque é muito difícil observar o que nos é superior. Se alguém dirigisse a atenção neste sentido quando lê certos autores, entre os mais representativos do gênio, talvez lhe fosse possível, mas raramente e com muito trabalho, obter um pouco de luz.

Examinarei ainda o caso de um Indivíduo que quer salvar o geral com o seu mistério e o seu silêncio. Utilizarei, para isso, a história de *Fausto*. Este é um *incrédulo*,²⁹ um apóstata do espírito; segue a voz da carne. Assim pensam os poetas, e enquanto se continua repetindo que cada época tem o seu Fausto, eles renovam-se incessantemente percorrendo a mesma trilha da vereda. Realizemos

uma pequena alteração: Fausto é um incrédulo *por excelência*; mas é uma natureza simpática. De resto, à concepção goethiana do Fausto falta, do meu ponto de vista, profundidade psicológica quando se entrega às secretas considerações sobre a dúvida. Nos nossos dias, em que todos vivemos a dúvida, nenhum poeta deu ainda um passo nesta direção. Oferecer-lhes-ia de boa vontade, o papel das obrigações da Coroa, para nele escreverem a imensa experiência que têm sobre tal matéria; mas não chegariam a cobrir a pequena margem da esquerda.

Assim é mister repor Fausto em si próprio para que a dúvida se apresente de uma forma digna da poesia; e o leve mesmo a descobrir, na realidade, todos os sofrimentos que a dúvida comporta. Sabe então que o espírito conduz o mundo, mas que a segurança e a alegria em que vivem os homens não repousam no poder do espírito, mas muito simplesmente se explicam por uma beatitude isenta de reflexão. Como incrédulo, como o incrédulo, está acima de tudo isto, e se alguém pensa enganá-lo levando-o a acreditar que percorreu toda a via da dúvida, não tem muito trabalho em descobrir a mentira, porque quando se realizou um movimento no mundo do espírito, quer dizer um movimento infinito, pode-se reconhecer imediatamente pela réplica, se sai da boca de um homem experimentado ou da de um Münchhausen. Seguro da sua dúvida, Fausto sente-se capaz das proezas de um Tamerlão com os Hunos; sabe que pode obrigar as pessoas a gritarem de espanto, fazer vacilar o mundo sob os seus pés, desunir os homens e por toda a parte fazer estalar gritos de angústia. E se chega a isso, não é todavia um Tamerlão, porque está autorizado pelo pensamento. Mas Fausto é uma natureza simpática, ama o mundo, a sua alma não conhece a inveja, vê que não pode deter o furor que é capaz de desencadear, não procura nenhuma honra aerostática e cala-se; esconde a dúvida na sua alma mais cuidadosamente que uma jovem esconde em seu seio o fruto do amor culpado; procura caminhar, quanto possível, no mesmo passo dos outros; mas o que sente, consome-o consigo próprio e assim se entrega ao sacrifício pelo geral.

Ouvem-se, por vezes, pessoas que se lamentam ao verem um excêntrico provocar o turbilhão da dúvida: *Se pelo menos não tivesse dito nada!*, exclamam. Quando se sabe o que significa viver do espírito da dúvida, e que o incrédulo é tão esfomeado do pão cotidiano da vida como do alimento espiritual.

Se bem que o sofrimento de Fausto seja um excelente argumento para mostrar que não estava possuído pelo orgulho, recorrerei, ainda assim, a uma pequena demonstração fácil de perceber. Chamou-se a Gregório de Rimini *tortor infantium*,^{3º} porque admitia a danação das crianças; pela mesma razão poderia estar tentado em intitular-me *tortor heroum*, porque sou muito hábil em mandar os heróis para a tortura. Fausto vê Margarida antes de ter optado pelo prazer, porque o meu Fausto de maneira alguma o escolhe; vê Margarida, não no côncavo espelho de Mefistófeles mas em toda a sua amável inocência; e como conserva na alma o amor pela humanidade, pode perfeitamente enamorar-se da jovem. Mas ele é incrédulo e a dúvida destrói-lhe a realidade; porque o meu Fausto liga-se de tal

forma à idéia que não pertence a esses sábios incrédulos que do alto das suas cátedras reservam uma hora por semestre para duvidar, e durante todo o tempo restante podem fazer qualquer outra coisa, e fazê-lo com ou sem o recurso do espírito. É incrédulo, e o incrédulo é tão esfomeado do pão cotidiano da alegria como do alimento do espírito. No entanto, permanece fiel à sua resolução e cala-se; não comunica a ninguém a sua dúvida e muito menos o seu amor a Margarida.

Claro que Fausto é uma figura demasiado ideal para se contentar com a tolice de que, se falasse, não faria senão ocasionar uma banal discussão, que o assunto não teria conseqüências ou qualquer outra insensatez. (Aqui qualquer outro poeta verá facilmente o cômico latente deste tema em que Fausto é comparado ironicamente a esses fâtuos de baixo estofó que, na nossa época, correm atrás da dúvida, e mostram para os espectadores que duvidaram realmente, exibindo, por exemplo, um atestado de um médico, jurando que duvidaram de tudo ou ainda dando, como prova, um encontro com um incrédulo no decurso de alguma viagem, tema em que Fausto é comparado a esses velozes mensageiros que percorrem, a toda a pressa, o mundo do espírito, que com toda a presteza descobrem nuns a suspeita da dúvida, noutros uma suspeita de fé, e atuam da melhor forma possível, de acordo com o auditório que ora exige areia fina, ora grossa.) Fausto é uma figura demasiado ideal para comportar tais misérias. Sem uma paixão infinita, não se pertence à idéia, e quando se possui uma, desde há muito se salvou a alma de tais tolices. Cala-se para se sacrificar, ou fala sabendo que provocará uma confusão geral.

Se guarda silêncio, a moral condena-o; diz ela, com efeito: *Deves confessar o geral, e é ao falar que o consegues; não debes sentir compaixão por ele*. Não se deveria perder de vista esta frase quando se julga severamente um incrédulo, porque ele fala. Não estou inclinado à indulgência perante semelhante atitude, mas aqui, como em qualquer parte, interessa que os movimentos se efetuem realmente. No pior dos casos, e apesar de toda a desgraça que pode espalhar pelo mundo falando, um incrédulo é, todavia, muito preferível a essas astutas bocas miseráveis que aprovam tudo e intentam aclarar a dúvida sem conhecê-la, e por conseguinte constituem, em geral, a primeira ocasião que faz surgir a dúvida em um selvagem e irresistível impulso. Se fala, semeia a confusão; porque se assim não suceder, só o saberá depois, e o resultado não traz nenhuma ajuda, nem no momento de agir, nem a respeito da responsabilidade.

Se afronta a responsabilidade de se calar, pode, neste caso, agir nobremente, mas acrescentará então à dor existente um ligeiro matiz de ansiedade, porque o geral atormentá-lo-á constantemente e dir-lhe-á: *deverias ter falado; onde encontras a certeza de que a tua resolução não foi inspirada por oculto orgulho?*

Pelo contrário, se o incrédulo é capaz de se converter no Indivíduo, que como tal entra em relação absoluta com o absoluto, pode estar autorizado a calar-se. Neste caso deve considerar a sua dúvida como uma falta. Encontra-se no paradoxo, mas supera a dúvida, ainda que outra possa suscitar-se.

Até o Novo Testamento aprovaria um tal silêncio. Encontram-se aí passa-

gens que preconizam a ironia, exceto quando se trata de esconder alguma coisa de melhor. No entanto, este movimento da ironia fundamenta-se, tal como qualquer outro, na superioridade do subjetivo sobre o real. Acerca disto nada hoje se pretende saber; sobretudo recusando-se a conhecer sobre a ironia mais do que Hegel disse a seu respeito. Porém ele nada dela compreendia e votava-lhe, mesmo, algum rancor, o que aliás o nosso tempo tem boas razões para imitar, uma vez que dela se guarda cuidadosamente. Lê-se no Sermão da Montanha: *quando jejuas, unge a cabeça e lava o rosto, a fim de que os homens não vejam que jejuas*. Esta passagem assinala nitidamente que a subjetividade é incomensurável com a realidade, a qual até lhe é lícito enganar. Se as pessoas que, nos nossos dias, vão lançando palavras ao vento a respeito da idéia de comunidade se dessem somente ao trabalho de ler o Novo Testamento, talvez pensassem de outra maneira.

Vejamos, qual foi a conduta de Abraão? Por que não esqueci, tenham a bondade de recordar, que, se me deixei levar por todas as considerações precedentes, foi para regressar a Abraão: isso não permitirá compreender melhor Abraão, mas fazer girar em todos os sentidos a impossibilidade de o compreender; porque, volto a repeti-lo, ele é-me ininteligível e apenas posso admirá-lo. Também se notou que, nos estádios analisados, não se encontra nenhuma analogia com Abraão; devolvi esses exemplos simplesmente para que, processando-se sempre nas suas próprias esferas, pudessem no devido momento indicar, de alguma maneira, as fronteiras do país desconhecido. Se pudesse tratar-se de uma analogia só o seria referida ao paradoxo do pecado; mas este pertence, por sua vez, a outro nível, muito mais fácil de explicar que Abraão, mas que não o pode explicar.

Abraão guardou, pois, silêncio; não falou a Sara, a Eliezer, nem a Isaac, desprezou as três instâncias morais porque a ética não tinha, para ele, mais alta expressão que a vida em família.

A estética autorizava e exigia mesmo, do Indivíduo, o silêncio quando, ao calar-se, pode salvar alguém. Isto mostra já que Abraão não se encontra no domínio estético. Não mantém o silêncio para salvar Isaac, e além disso toda a sua missão, que é de o sacrificar por Deus e por si próprio, é um escândalo para a estética; porque ela admite que me sacrifique a mim próprio, mas não que sacrifique um outro por mim próprio. O herói estético manter-se-ia silencioso. No entanto a ética condena-o, porque se calou em virtude do seu caráter acidental de Indivíduo. Foi a sua previsão humana que determinou o silêncio: eis o que a ética não pode perdoar, porque todo o saber humano deste gênero não passa de ilusão; a ética exige um movimento infinito, requer a manifestação. O herói estético pode portanto falar, mas recusa-se a fazê-lo.

O verdadeiro herói trágico sacrifica-se ao geral com tudo o que lhe é próprio: os seus atos, todos os seus impulsos pertencem ao geral; está manifesto e nessa manifestação é o filho bem amado de ética. A sua situação não se aplica a Abraão, que nada fez pelo geral e permanece no secreto.

Estamos então em presença do paradoxo. Ou o Indivíduo pode, como tal, estar em relação absoluta com o absoluto, e nesse caso a moralidade não é o

supremo estádio, ou então Abraão está perdido; não é um herói nem trágico nem estético.

Nestas condições pode parecer que nada é mais fácil do que o paradoxo. Torna-se-me então necessário repetir que, se cremos nisso firmemente, não se é cavaleiro da fé, porque a única legitimação concebível é a tribulação e a angústia, ainda que não se lhe possa dar uma acepção geral, porque então suprime-se o paradoxo.

Abraão cala-se... porque não *pode* falar; nesta impossibilidade residem a tribulação e a angústia. Porque, se não me posso fazer compreender, não falo, mesmo se discurso noite e dia sem interrupção. Tal é o caso de Abraão; pode dizer tudo, exceto uma coisa, e quando não pode dizê-la de maneira a fazer-se entender, não fala. A palavra, que permite traduzir-me no geral, é um apaziguamento para mim. Abraão pode dizer as coisas mais formosas a respeito de Isaac de que uma língua é capaz. Mas no seu coração guarda uma coisa muito diferente; esse algo mais profundo, que é a vontade de sacrificar o filho porque é uma prova. Não podendo ninguém compreender este último ponto, podem, no entanto, equivocar-se todos quanto ao primeiro. O herói trágico ignora tal tribulação. Antes de tudo, tem o consolo de dar satisfação a cada contra-argumento — de poder oferecer a Clitemnestra, a Ifigênia, a Aquiles, ao coro, a qualquer voz que surja do coração da humanidade, a qualquer pensamento capcioso ou angustiado, acusador ou compassivo, a ocasião de se erguer contra ele. Está seguro de que tudo o que se pode dizer em seu desfavor foi formulado sem consideração nem piedade — e há uma consolação em lutar contra o mundo inteiro, um terrível assombro em lutar contra si próprio...; não receia ter omitido algum argumento nem ter de gritar em seguida, como o rei Eduardo IV, ao tomar conhecimento da morte de Clarence:

Quem pediu em seu favor? Quando eu estava enfurecido, quem se ajoelhou e me rogou que refletisse? Quem me falou de fraternidade? Quem me falou de amor?

O herói trágico não conhece a terrível responsabilidade da solidão. Mais ainda, tem a consolação de poder chorar e lamentar-se com Clytemnestra e Ifigênia, e as lágrimas e os gritos apaziguam; mas os suspiros indizíveis são um martírio.

Agamêmnon pode recolher rapidamente a sua alma na certeza de que quer agir; mas tem ainda tempo para consolar e reconfortar. Abraão não pode fazê-lo. Quando o seu coração está comovido, quando as suas palavras vão ser uma ajuda para o mundo inteiro, não ousa consolar, porque Sara, Eliezer e Isaac dir-lhe-iam: *Por que é que queres fazer isso? Podes dispensar-te de realizá-lo.* E se na sua angústia quisesse tomar um pouco de alento, abraçar os seres queridos antes de dar o último passo, arriscar-se-ia a provocar a terrível acusação de hipocrisia formulada por Sara, Eliezer e Isaac, escandalizados com a sua conduta. Não pode falar. Não é sua nenhuma linguagem humana. Mesmo se soubesse todas as que existem na terra, mesmo se os seres queridos o compreendessem, não poderia falar. A sua linguagem é divina, *fala as línguas.*

Posso muito bem compreender esta tribulação, posso admirar Abraão, não receio que se tenha, perante esta narrativa, a tentação de querer de ânimo leve ser o Indivíduo, mas confesso que não tenho essa coragem e que renuncio com alegria a qualquer oportunidade de ir mais longe, se acaso fosse possível lá chegar, ainda que fosse demasiado tarde. Abraão pode romper em qualquer momento, arrepender-se de tudo, como de uma crise; então pode falar, ser compreendido por todos... mas já não é Abraão.

Ele não *pode* falar, pois não pode fornecer a explicação definitiva (de forma a ser inteligível) de que se trata duma prova; mas, o que é notável, uma prova em que a moral constitui a tentação. O homem em semelhante situação é um emigrante da esfera do geral. Pode ainda menos dizer o que se segue. Com efeito realiza dois movimentos, como se demonstrou suficientemente: o da resignação infinita, em que renuncia a Isaac, o que ninguém pode compreender, porque é um assunto privado; mas efetua, além disso, a todo o instante, o movimento da fé, e aí reside a sua consolação. Com efeito, diz: não, isso não sucederá e se suceder, o Eterno devolver-me-ia Isaac, em virtude do absurdo. O herói trágico visiona, pelo menos, o fim da história. Ifigênia inclina-se perante a decisão do pai; realiza o movimento infinito da resignação, e, pai e filha, ficam, então de perfeito acordo. Ela pode compreender Agamêmnon, cuja conduta exprime o geral. Mas se ele lhe dissesse: *Ainda que Deus te reclame um sacrifício, seria possível, em virtude do absurdo, que não o exigisse*, tornar-se-ia então incompreensível para a filha. Se pudesse dizê-lo em função de humanos cálculos, Ifigênia compreendê-lo-ia; mas resultaria disso que Agamêmnon não teria efetuado o movimento da resignação infinita, e não seria, nesse caso, um herói, e a predição do áugure resulta uma banal história de marinheiros e toda a história uma comédia.

Portanto Abraão não falou. Dele apenas foi conservada uma única frase, a única resposta dada a Isaac que prova suficientemente que nada dissera anteriormente. Isaac pergunta ao pai onde está o cordeiro para o sacrifício. Abraão responde: *Meu filho, Deus prover-se-á ele próprio do cordeiro para o holocausto*.

Compete-me examinar um pouco mais de perto esta última frase. Sem ela faltaria qualquer coisa à narrativa; se fosse diferente, talvez tudo se reduzisse a confusão.

Freqüentes vezes tenho perguntado a mim próprio em que medida um herói trágico, no cúmulo do sofrimento ou no máximo da ação, deve pronunciar uma última réplica. A resposta, parece-me, depende da esfera da vida à qual ele pertence, do grau de importância intelectual da sua vida, da relação que o seu sofrimento, ou a sua ação, mantém com o espírito.

É evidente que no instante da suprema tensão, o herói trágico pode, como qualquer outro que tenha o uso da palavra, dizer algumas frases talvez mesmo apropriadas. Mas trata-se de saber em que medida é adequado pronunciá-las. Se a importância da vida reside num ato exterior, nada tem a dizer, e tudo o que disser são apenas vãs palavras com o que apenas enfraquece a impressão que dá de si próprio quando o cerimonial trágico lhe ordena realizar a tarefa em silêncio, quer consista numa ação ou em um sofrimento. Para não me alongar mais,

contentar-me-ei em analisar o que se apresenta. Se fosse Agamêmnon a puxar da faca sobre Ifigênia em lugar de Calcas, ter-se-ia diminuído ao pronunciar algumas palavras no momento supremo, porque o sentido da sua ação a todos se tornava notório; o processo da piedade, da compaixão, do sentimento, das lágrimas estava cumprido, e, para além disso, a sua vida não mantinha nenhuma relação com o espírito; quero dizer que não era um mestre ou testemunha do espírito. Pelo contrário, se o significado da vida do herói é de ordem espiritual, a falta de réplica debilitaria a impressão que deve produzir. Não tem necessidade de declarar alguma frase de circunstância, qualquer pequena tirada; a importância da réplica consiste em realizar toda a sua personalidade no instante decisivo. Este herói trágico intelectual deve ter e guardar a última palavra, o que freqüentemente se procura dar de forma cômica. Exige-se dele a mesma atitude transfigurada que incumbe a todo o herói trágico adotar, mas, além disso, exige-se-lhe uma frase. Portanto se esse herói trágico chega ao ponto culminante do sofrimento (na morte), converte-se então com esta última frase, antes de morrer, em imortal; enquanto pelo contrário, o herói trágico vulgar só consegue sê-lo depois de morrer.

Tomemos Sócrates como exemplo. É um herói trágico intelectual. A condenação à morte é-lhe anunciada. Nesse instante, morre; porque se não compreendemos que é necessária toda a força do espírito para morrer e que o herói trágico morre sempre antes de morrer, não se irá muito longe na concepção da vida. O repouso em si é solicitado a Sócrates como herói; mas, como herói trágico intelectual, ainda lhe é exigido que, no último momento, tenha a força de alma de se realizar por si próprio. Não pode, portanto, como o herói vulgar, recolher-se, permanecendo frente à morte, mas deve efetuar esse movimento com tanta rapidez que, no mesmo instante, se encontre com a consciência para além dessa luta e se afirme ele mesmo. Se, por acaso, Sócrates se tivesse calado nessa crise de morte, haveria atenuado o efeito da sua vida; faria suspeitar que a elasticidade da ironia não era nele uma força do universo mas um jogo a cuja flexibilidade lhe era mister recorrer no instante decisivo, na medida inversa para se manter pateticamente à sua própria altura.³¹

Estas breves indicações podem não ser aplicadas a Abraão, se, por qualquer analogia, pensamos encontrar uma frase final que lhe convenha, mas aplicam-se-lhe no caso de se compreender a necessidade em que está de se realizar no último momento, de não tirar a faca em silêncio, mas de pronunciar algumas palavras, ainda que, na sua qualidade de pai da fé, revista importância absoluta na ordem do espírito. Do que ele deve dizer não posso, antecipadamente, ter idéia; mas desde que tenha falado, poderei sem dúvida compreender Abraão, sem que, por isso, me aproxime mais dele que anteriormente. Se não existisse uma der-

radeira réplica de Sócrates poderia, pelo pensamento, colocar-me no seu lugar e formulá-la, e, se não fosse capaz disso, um poeta poderia fazê-lo; mas nenhum poeta se pode aproximar de Abraão.

Antes de examinar as suas últimas palavras, é-me indispensável primeiro sublinhar a dificuldade em que se encontra de poder dizer qualquer coisa. A tribulação e a angústia do paradoxo residem, já se mostrou, no silêncio. Abraão não pode falar.³² Há, portanto, contradição, ao exigir-se que o faça, a menos que o desembaracemos do paradoxo de modo que o suspenda no momento decisivo, com o que deixa de ser Abraão e anula tudo o que o preceda. Se, por exemplo, dissesse a Isaac no momento supremo: *é de ti que se trata*, a frase seria um sinal de fraqueza. Porque se de uma ou outra maneira, pode falar, deveria tê-lo feito muito mais cedo, e agora esta fraqueza consiste numa falta de maturidade e de recolhimento espiritual, que o impede de pensar com antecedência em toda a sua dor; subtrai-se a algo, de modo que a dor real se torna maior que a dor pensada. Em outras palavras, uma tal frase coloca-o fora do paradoxo e se, efetivamente, deseja falar a Isaac, é-lhe mister transformar o seu estado em crise; de contrário nada pode dizer e, se o faz, nem sequer é um herói trágico.

Contudo, conservou-se uma última frase de Abraão, e se, por um lado, consigo compreender o paradoxo, posso também compreender a sua inteira presença nessas palavras. Em primeiro lugar não diz absolutamente nada, é dessa forma que exprime o que tem a dizer. A sua resposta a Isaac reveste a forma de ironia, porque é ela sempre que se emprega para exprimir qualquer coisa, sem, no entanto, dizer seja o que for. Se Abraão tivesse respondido: *nada sei*, haveria proferido uma mentira. Não lhe cabe pronunciar seja o que for, porque não pode dizer o que sabe. Portanto, responde apenas: *Meu filho, Deus prover-se-á ele próprio do cordeiro para o holocausto*. Aqui se vê o duplo movimento que se espera na alma de Abraão, tal como já se mostrou. Se tivesse simplesmente renunciado a Isaac sem fazer mais nada, teria expresso uma mensagem; porque sabe que Deus exige a Isaac em sacrifício, e que ele próprio está, nesse momento, prestes a sacrificá-lo. A cada instante, depois de ter realizado esse movimento, efetuou, portanto, o seguinte, o movimento da fé, em virtude do absurdo. Nesta medida, não mente; porque, em virtude do absurdo, é possível que Deus faça uma coisa completamente diferente. Não pronuncia, pois, uma mentira, mas também não diz outra coisa, porque fala uma língua estranha. Isto torna-se ainda mais evidente quando pensamos que é o próprio Abraão que deve sacrificar Isaac. Se a missão tivesse sido diferente, se Deus tivesse mandado Abraão conduzir o filho à montanha de Moriá para aí o abater com o seu ralo, e assim o tomar em sacrifício, então Abraão teria completa razão em recorrer à linguagem enigmática que emprega; porque, nesse caso, não podia saber o que ia acontecer. Mas Abraão deve ser ele mesmo a agir nas condições em que a missão lhe foi confiada; é, portanto, necessário que saiba, no momento decisivo, o que deve fazer e, por conseguinte, que

Isaac tem de ser sacrificado. Se não o sabe com exatidão, não realizou o movimento infinito da resignação e, sem dúvida, não pronuncia uma mentira, mas é um homem indeciso incapaz de tomar uma resolução e que, por conseguinte, será obrigado a falar de forma enigmática. Mas um tal homem que assim titubeia constitui uma verdadeira caricatura do cavaleiro da fé.

Ainda aqui se vê que Abraão pode ser compreendido, mas somente como se compreende o paradoxo. Sou capaz, pela minha parte, de entender Abraão, vejo porém, ao mesmo tempo, que não possuo a coragem de falar, e ainda menos de agir como ele; contudo, de forma alguma quero exprimir, com isto, que a sua conduta seja medíocre, quando, pelo contrário, é o único prodígio.

E que pensaram os contemporâneos do herói trágico? Que era grande e então foi admirado. E esse venerável colégio de nobres espíritos, esse júri que cada geração institui para julgar a precedente, também se pronunciou do mesmo modo. Mas não houve quem compreendesse Abraão. No entanto, o que conseguiu ele? Permanecer fiel ao seu amor. Mas aquele que ama Deus não tem necessidade de lágrimas nem de admiração; esquece o sofrimento no amor, e tão completamente que não deixará atrás de si o mínimo traço de dor, se não fosse o próprio Deus a recordar-lhe; porque vive no secreto, conhece a angústia, conta as lágrimas e nada esquece. Portanto, ou se verifica o paradoxo de forma que o Indivíduo se encontra como tal em relação com o absoluto, ou então Abraão está perdido.

Epílogo

Tendo uma vez, na Holanda, baixado demasiado o preço das especiarias, os mercadores fizeram lançar ao mar alguns carregamentos com o objetivo de o elevar de novo. Trata-se de uma pequena manobra perdoável e talvez mesmo necessária. Precisamos de idêntica operação no mundo do espírito? Estamos tão seguros de ter chegado ao cume que só nos resta supor, picdosamente, não o haver ainda alcançado, para ter com que preencher o tempo? É desta maneira que a geração presente tem necessidade de se enganar a si própria? É essa a virtude que lhe interessava atribuir-se? Ou talvez não tenha ainda conseguido a perfeição suficiente na arte de se enganar a si própria? Ou aquilo de que precisa não é sobretudo uma seriedade íntegra que, sem se deixar assustar ou corromper, indica as tarefas a realizar, uma seriedade íntegra, que vele com amor por estas tarefas, que não incite os homens, pelo terror, a lançarem-se até ao cimo, mas, pelo contrário, conserve as tarefas a cumprir, frescas, belas e agradáveis à vista, atraentes aos olhos de todos, e no entanto com a dificuldade precisa para fazer nascer o entusiasmo das naturezas nobres, porque uma nobre natureza só se entusiasma com o que é difícil? Uma geração pode aprender muito de uma outra, mas o que é propriamente humano, nenhuma o aprende da que a precedeu. Deste ponto de vista, cada geração recomeça como se fosse a primeira, nenhuma tem uma tarefa nova além da tarefa da anterior, e não chega mais longe, a menos que haja atraído a sua obra, que se haja enganado a si própria. Aquilo a que chamo propriamente humano é a paixão, através da qual cada geração compreende inteiramente a outra e se compreende a si própria. Assim, no que respeita ao amor, nenhuma geração aprenderá a amar com outra, nenhuma começa senão no princípio, nenhuma geração ulterior tem tarefa mais breve que a precedente; e se não quer, como as anteriores, contentar-se de amar, e deseja ir mais longe, passou de vãs e censuráveis palavras.

Mas a mais alta paixão do homem é a fé, e nenhuma geração começa aqui em ponto diferente da anterior, cada uma recomeça de novo; a geração seguinte não vai mais longe que a precedente, se foi fiel à sua obra e não a abandonou. Nenhuma tem direito a dizer que tal começo seja fatigante, porque ela possui a sua tarefa e não tem que se prender com o fato de a anterior se ter ocupado do mesmo, a não ser que uma geração ou os indivíduos que a compõem, pretendam, audaciosamente, preencher o lugar que pertence ao único Espírito que governa o

mundo, e que é suficientemente paciente para não sentir fadiga. Se uma geração mostra esta audácia, há nela algo de falso: não admira pois que o mundo lhe apa- reça às avessas. Certamente não há ninguém que veja o mundo às avessas, tal como aquele alfaiate que, entrando vivo no céu, de lá contemplou o universo. Quando uma geração se limita a ocupar-se da sua tarefa, que é o mais impor- tante, não pode sentir fadiga, porque ela chega sempre para uma vida humana. Quando as crianças, num dia feriado, esgotaram antes do meio-dia todo o cielo dos jogos e exclamam com impaciência: *não há ninguém que invente um jogo novo?*, prova isso que essas crianças estão mais desenvolvidas e mais adiantadas que as da mesma geração anterior para quem os jogos conhecidos bastavam para preencher um dia? Não prova isso, antes, que as primeiras carecem daquilo, a que eu chamaria essa meiga seriedade, que é sempre necessário possuir para brincar?

A fé é a mais alta paixão de todo homem. Talvez haja muitos homens de cada geração que não a alcancem, mas nenhum vai além dela. Se se encontram ou não muitos homens do nosso tempo que não a descubrem, não posso decidi-lo, porque apenas me é lícita a referência a mim próprio, e não devo ocultar que me resta ainda muito que fazer, sem por isso desejar trair-me, ou trair a grandeza, reduzindo isto a um assunto sem importância, a uma doença infantil, de que se espera estar curado o mais depressa possível. Mas mesmo para aquele que não chega até a fé, a vida comporta suficientes tarefas, e se as aborda com sincero amor, a sua vida não será perdida, mesmo que não possa ser comparada à exis- tência dos que aprenderam e alcançaram o mais alto. Mas aquele que chegou até à fé, e pouco importa que tenha dons eminentes ou que seja uma alma simples, esse não se detém na fé; indignar-se-ia até se lho disséssemos, tal como um aman- te se irritaria a ouvir dizer que se detinha no amor: não, me fixo, responderia, por- que toda a minha vida se encontra jogada aí. Não vai contudo mais além, não passa a outro estágio, porque logo que o descobre nova relação o solicita.

É preciso ir mais além, é preciso ir mais além. Esta necessidade é velha sobre a terra. O obscuro Heráclito, que depositou os seus pensamentos nos escri- tos, que colocou no templo de Diana (porque os seus pensamentos haviam sido a sua armadura durante a vida, por isso os suspendeu no templo), o obscuro Herá- clito disse: não se pode mergulhar duas vezes no mesmo rio. Heráclito tinha um discípulo: este não se deteve aí e por isso foi mais além acrescentando: nem mesmo uma vez o podemos fazer. Pobre Heráclito, que teve um tal discípulo! A sua frase foi, com esta correção, transformada na fórmula eleática que nega o movimento: e no entanto esse discípulo apenas desejava ser um discípulo de Heráclito, que fosse mais além que seu mestre e não regressasse àquilo que Herá- clito havia abandonado.

